

Adriana Grosman

Os Sentidos da Paixão: um estudo de Psicopatologia Fundamental

Mestrado: Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob a
orientação do Prof. Doutor Manoel Tosta Berlinck.

PUCSP
2007
SP

FOLHA DE APROVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA:

PARA SILVIO,

PARA STEPHANIE E NICOLE,

SIMPLESMENTE FUNDAMENTAIS
DE FORMA PARTICULAR
MESTRES NA VIDA
E NO AMOR.

AGRADECIMENTOS

A Manoel Tosta Berlinck, de maneira especial pela orientação cuidadosa e pela construção de um espaço tão privilegiado, como o Laboratório de Psicopatologia Fundamental, que acolhe e forma o pesquisador num caminho onde entusiasmo e seriedade se encontram. Espaço de ricas discussões e trocas transformadoras.

A Silvana Rabello e Paulo José Carvalho da Silva pela participação e contribuições instigantes apresentadas no exame de qualificação, decisivas para este trabalho se realizar.

A querida Elisabeth Saporiti, sempre presente e pronta, amiga e mestra, cuidadosa e instigante.

A amiga Maria Cecília Casagrande, instigadora e companheira, por todos os momentos preciosos do trabalho compartilhado.

A Alfredo Jerusalinsky, mestre na psicanálise, pela escuta e carinho.

A Octavio Souza, pelas proposições desafiadoras e sua amizade.

A Cláudio Len, pela parceria dedicada, amizade e confiança.

A Paulo Serafini, lançador de grandes desafios e além de tudo, amigo.

Ao grupo SARAH, pela construção de uma experiência.

A todos os colegas do Laboratório de Psicopatologia Fundamental pela troca calorosa, contencões, construções, leituras cuidadosas, debates, críticas, sugestões; enfim, pela amizade e trabalho intenso, fundamental para a realização deste trabalho.

A todos os colegas do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, que tiveram uma responsabilidade nesse caminho de busca sem fim, que me levou à Universidade.

Aos meus pequenos e grandes pacientes, pela experiência única.

A Dominique Fingermann, por tudo.

Enfim, aos meus pais, imprescindíveis. A Claudia e Fabiana, sempre 'irmãs', e aos meus mais novos íntimos, Ricardo, Daniel e Helena.

RESUMO

Este trabalho se dedica a explorar a ambigüidade do termo paixão, como falta ou como excesso, em correlação com o amor na relação mãe-criança, partindo particularmente do autismo. Para tanto, fez-se necessário um percurso mais abrangente, ou seja: sobre a estruturação do sujeito e suas vicissitudes.

Partimos de um caso clínico em que uma mãe aparentemente marcada pela apatia traz seu filho e produz incômodo na analista. O fracasso materno é, assim, questionado. Em que medida a apatia materna contribui para levar a criança à psicopatologia tão grave como o autismo, impedindo-a de constituir-se como sujeito? E mais: e o seu oposto? O excesso, ou seja, a “paixão” também não teria conseqüências?

Eis que a própria clínica nos dá subsídios para articular a pesquisa. Não mais a apatia, mas a paixão em seu aspecto excessivo e mortífero. Como compreender duas presentificações da paixão tão diferentes?

Desta forma, diversos fios aparentemente diversos vão se amarrando até chegarmos a conclusão de que entre a paixão e o “amor materno” há um abismo. Esta pesquisa termina ou se interrompe aqui. No momento em que só pode avançar com o aprofundamento da questão da feminilidade.

Palavras-chave: paixão, *pathos*, mãe-criança, pulsão de morte.

ABSTRACT

This paper intends to explore the ambiguity of the term *passion*, as lack or as excess, in correlation with love in the relationship mother-child, coming particularly from the autism. Therefore, a broader journey was necessary, that is: on the subject's structuring and its vicissitudes.

We began from a clinical case in which a mother, apparently marked by the *a*-pathy, takes his son and makes the analyst uncomfortable. The maternal failure is, thus, called in question. In what measure does the maternal apathy contribute to take the child to a psychopathology as serious as the autism, impeding him from constituting as a subject? And more: and the opposite? The excess, that is, the passion, would not have consequences? Would not it contribute also to this?

Suddenly the clinic itself gives us subsidies to articulate the research. No longer the apathy, but the passion in its excessive and deadly aspect. How understanding two so different aspects of passion ?

This way, several strings apparently different are being tied until we reach the conclusion that, between passion and "maternal love", there is an abyss. This research is over or it is interrupted here, when it can only move forward making a deeper study of the female subjectivity question.

Keywords: passion, *pathos*, mother-child, death drive.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	. 01
CAPITULO 1 – NO CAMPO DE HONRA: UMA APOSTA NECESSÁRIA _____	. 09
CAPITULO 2 – A CENA DA BOLACHA _____	. 21
CAPITULO 3 – A PAIXÃO AMOROSA _____	. 54
CAPITULO 4 – MÃE E PAIXÃO: A BARRIGA NEGRA _____	. 82
CAPITULO 5 – PAIXÃO, MORTE E EROTISMO _____	. 98
CAPITULO 6 – FILHOS DA PAIXÃO _____	. 130
CONCLUSÃO: E O AMOR MATERNO... _____	. 151
BIBLIOGRAFIA _____	. 169

INTRODUÇÃO

Quando falamos em paixão somos logo remetidos a este universo shakespeariano tão conhecido, como o desmesurado amor entre Julieta e Romeu, onde a paixão é constitutiva destes personagens, que todos nós tanto admiramos, sem transformá-los nuns maníacos, apaixonados. Tristão e Isolda é a matriz das histórias de amor em que os apaixonados se amando loucamente, também morrem de tanto amar, tendo lutado contra tudo e todos, enfim, contra o mundo. Dom Quixote, na sua desventura delirante por sua Dulcinéia nos comove ainda hoje, como comoveu Freud, recomendando a leitura desta obra a sua noiva.

O elo entre a paixão e a loucura tem sido fonte inspiradora da literatura, porém não só da literatura, a filosofia também vai tratar disso.

O famoso mito de Aristófanes, contido na obra de Platão, vai tratar do mesmo assunto. Segundo o autor teria havido um tempo em que: *“seres duplos moviam-se nas duas direções e podiam, apoiando-se em seus oito membros, locomover-se em círculo. Eram fortes, mas dotados de grande presunção. Por isso, voltaram-se contra os deuses e tentaram mesmo fazer uma escalada ao céu para atacá-los. O castigo de Zeus à hybris dos humanos primitivos constituiu em cortá-los, separando verso e reverso.*

Apolo incumbiu-se de retocar os seres assim divididos, numa operação plástica que inclusive fez o rosto voltar-se para o lado do corte. Mas o que a plástica divina não pôde mudar foi a sensação de incompletude e a ânsia de cada metade, daí por diante unir-se à outra. O amor é, assim, fundamentalmente, não busca do semelhante, mas busca da totalidade perdida, da unidade quebrada”¹.

Ele é importante porque nos coloca diante da imperfeição ontológica, isto é diante do irremediável do *pathos*. Esta busca de uma completude perdida é fundamental para compreendermos a determinação do *pathos*. Ele é o sinal que o eu vive na dependência do Outro. Um ser autárquico não teria paixões.

Segundo Lebrun, é nessa inferioridade do padecer, que os clássicos gregos encontram a desqualificação, da mobilidade relativamente à imobilidade. É por conter matéria, isto é, indeterminação, que um ser se move. O fato de ter que mudar (de lugar ou de quantidade ou de qualidade) para receber uma nova determinação mostra que ela não possui todas as qualidades de uma só vez, e que a aparição destas depende da intervenção de um agente exterior².

Porque o sujeito nasce no campo do Outro, a entrada do outro lhe faz reagir. Outro que lhe serve de fundação e também por isso o faz experimentar dependência e dor, esta que se manifesta no psiquismo produzindo inibições, sintomas e angústias.

¹ PESSANHA M., José Américo. Platão: As várias Faces do amor. In: Novaes, Adauto, *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: FUNARTE/ Companhia das Letras, 1987, pp. 77-103.

² LEBRUN, Gérard. “O conceito de paixão”. In: Novaes, Adauto, *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: FUNARTE/ Companhia das Letras, 1987, pp. 17-33.

Isto se torna claro no trabalho clínico onde as palavras do paciente brotam na tentativa de construção de uma linguagem e apropriação de um espaço menos dolorido, enfim; numa historização que possa ser menos dolorida e que o permita desejar e encontrar a sua diferença fundamental.

Para Berlinck³ o fundamental da Psicopatologia Fundamental seria justamente esta idéia de alicerce, de ponto ou de etapa primeira sobre a qual se constrói algo, um edifício de concreto ou uma estrutura de pensamento. Trata-se, portanto, diz ele, de algo que dá início, real ou simbolicamente, a um projeto em construção, assim como algo que brota ou surge das profundezas.

Dessas profundezas onde predomina o sofrimento e a dor, o terapeuta propicia um espaço analítico. De outro lado, há necessidade de interlocução com seus pares, lugares de embates teóricos e de ‘desnudamento de clínicos’, clínicos que ocupam diversas maneiras de conceber o pathos. Nesse espaço privilegiado, que vem a ser o nosso Laboratório de Psicopatologia Fundamental⁴, surgiu a primeira idéia do meu trabalho, este tema que foi se impondo e se tornou o centro desta reflexão.

No início, a idéia era apenas relacionar o *pathos* de paixão com a questão do autismo. Finalmente chegamos a este título: “Os sentidos da Paixão: Um estudo de Psicopatologia Fundamental” e o trabalho em si nada mais é que esta trajetória.

Pathos é, então, aquilo que é vivido e pode tornar-se experiência. Psicopatologia literalmente quer dizer: um sofrimento, uma paixão, uma

³ BERLINCK, M. O “fundamental” da Psicopatologia Fundamental, texto apresentado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental, 2004.

⁴ O Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP foi criado em fev. de 1995 pelo Prof. Dr. Manoel Berlinck e é um grupo permanente de pesquisa autorizado oficialmente pela PUC-SP e registrado no CNPq.

passividade que portam em si mesmos a possibilidade de um ensinamento interno que não ocorre a não ser pela presença de um médico (pois a razão é insuficiente para proporcionar experiência)⁵.

Um clínico, com as vicissitudes de sua própria humanidade, esta que por muito tempo foi tida como fator de risco para o sistema diagnóstico, porque se apresentava como um fator de perda de confiabilidade na aplicação rigorosa do sistema diagnóstico. O fator humano na clínica surgia paradoxalmente como um obstáculo ao funcionamento ótimo do instrumento⁶. Entretanto não se reivindica apenas a subjetividade, humanidade de cada um, estilo peculiar, mas fica subentendido que aquele que se autoriza a recuperar este lugar e preza o reconhecimento de seus pares, traz também um longo processo de elaboração não só teórica, mas do seu próprio processo analítico.

O *pathos* ao qual se refere este trabalho tem no próprio Freud sua referência principal. Ele que trouxe grandes mudanças ao *phatos* da filosofia antiga, pois ao dedicar-se à construção de uma nova abordagem clínica do sofrimento humano, baseada na escuta sob transferência daquele sujeito que padece de suas próprias paixões, ele acaba por impor uma nova perspectiva e uma nova definição do campo psicopatológico. A vida cotidiana de cada um expressa a sua própria psicopatologia - a experiência humana marcada pela incompletude, pelos conflitos, pela paixão, impõe uma teorização propriamente metapsicológica.

⁵ BERLINCK, M. "Editorial". *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. V, n. 2, p. 7-11, jun. 2002.

⁶ PEREIRA, C. Mario Eduardo. *Pierre Fédida e o Campo da Psicopatologia Fundamental*. Texto apresentado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental, 2004.

Foi isso que nos convocou a mergulhar neste vasto universo, através desse atalho, que vem a ser justamente explorar esta ambigüidade do termo paixão indissociável da clínica.

Na tradição grega, *pathos* rege as ações humanas determinando os acontecimentos, como vemos, principalmente na literatura e nas tragédias, por exemplo, o assassinato de Agamenon, ou Édipo assassinando Laio. O que Freud vem mostrar é que quando isso acontece, *pathos* transforma-se em patologia. É o que nos falamos do real de que o humano padece, o afeto, o sofrimento, as paixões, a passividade, as ações⁷.

Assim, de maneira mais ampla, este trabalho se dedica a este aspecto patológico da paixão, ou seja, aquela destrutividade que pode mesmo levar à morte do sujeito. Pulsão de morte.

Iniciamos a nossa pesquisa justamente com a interrogação frente a um caso de fracasso materno. Uma mãe aparentemente marcada pela **a**-patia traz seu filho. Eis que surge o incômodo na analista, um primeiro momento enigmático.

Este caso instigante de Eric, que será apresentado a vocês no primeiro capítulo, me pôs a trabalhar. Era um corpo, boneco, que se mexia e só. Faltava-lhe a sua condição mais humana, a fala; mas também a escuta, seria surdo? Parecia surdo aos outros, porém, se interessava pelo barulho repetitivo dos brinquedos mecânicos, seu olhar estava sempre longe, faltava-lhe também.

Desacomodação terrível e instigante. Pensamentos, hipóteses se sucedem e se misturam: “Poderia a apatia materna levar a criança à

⁷ BERLINCK, Manoel Tosta. “O que é psicopatologia Fundamental”. In: BERLINK, Manoel Tosta. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.

psicopatologia tão grave como o autismo, tirando-a de seu caminho, impedindo de constituir-se como sujeito?”

Algo, porém, parece dado de saída. Impossível culpar esta mãe pela doença da criança, como fez a psicologia por vários anos, principalmente nesses casos de autismo onde as mães eram chamadas de mães geladeiras, mãe parede, ou pais intelectuais frios e distantes⁸.

Desde esse início, nossa intenção é justamente o contrário. Afastando-a de qualquer perfil comum e empobrecedor caracterizado pela linguagem pré-formada, sabemos muito bem que “*Não há estrutura específica da mãe do autista*”⁹. O que existe, isto sim é um desequilíbrio nesse encontro do agente materno com a criança, que impede que a função materna seja exercida, ficando assim eclipsada na relação.

O psicanalista está lá justamente onde faltou linguagem, neste sentido só podemos pensar a mãe como culpável, como sugere Fedida¹⁰, não porque repete com seu filho as coisas que sua mãe repetiu com ela, mas porque assim é feito o ser humano. Não se pode supor que exista um gesto materno ideal.

O que a clínica tem mostrado, aquilo que podemos constatar, que existe uma compulsão “mecânica” destas mães que podemos até falar em eficiência (pensando que em outros casos vemos mães mais displicentes). Eficácia nestas mães, justamente no que se apresenta em primeiro lugar da

⁸ Cf. ROCHA, Paulina Schmidtbauer. Rumo a Ítaca (ou quinze anos depois) In: ROCHA, Paulina Schmidtbauer (org.). *Autismos*. São Paulo: Escuta, 1997. p. 19.

⁹ DIEREN, Eliane Pirard-Van. O autismo seria uma resposta a um tipo particular de melancolia parental?. In: PENOT, Laznik M.C (org.). O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas. Salvador, Ágalma, 1991, p.83.

¹⁰ FÉDIDA, Pierre. *Clínica Psicanalítica: Estudos*. Trad. Claudia Berliner, Martha Prada e Silva, Regina Steffer. São Paulo: Editora Escuta, 1998. p. 53.

onipotência do ser real¹¹. Seria esta a contrapartida de uma impotência de ter dúvidas, ou seja, de ser mais humana?

Trata-se, desta forma, de pensar o psíquico e o pático ali onde eles se decidem um e outro contemporaneamente ao nascimento da subjetividade¹². Portanto, este trabalho não pode ser restringido a ser somente um trabalho sobre o autismo, se mostra mais abrangente, na verdade é uma reflexão sobre a estruturação do sujeito e suas vicissitudes, sendo o autismo uma delas.

Nesse momento já tínhamos a desacomodação, o caminho a não ser seguido, a estruturação do sujeito, além da necessidade de se chegar a algum ponto onde os elementos fizessem sentido. A motivação principal nesse segundo momento foi uma motivação clínica, contribuir para a direção do tratamento em casos semelhantes, uma construção metapsicológica.

Nesse caminho a clínica que não nos deixa de trazer surpresa e onde não podemos achar que conhecemos o suficiente dos sintomas nos fez deparar com um caso igualmente desconcertante, que sugeria alguma conexão com o primeiro caso.

Uma mãe vestida de preto, num luto patente, logo nos expõe o motivo de seu sofrimento. Queria sua filha de volta. Uma filha que havia morrido tragicamente há um ano aos dezoito anos. Na tentativa de engravidar para lidar com sua dor, eis que, a constatação que está grávida de gêmeos: dois meninos. Logo fica claro o seu desinteresse pelos filhos e o seu drama: o que fazer?

¹¹ LACAN, Jacques. O falo e a mãe insaciável. In *O seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. pp. 189.

¹² Cf. PEREIRA, C. Mario Eduardo. *Pierre Fédida e o Campo da Psicopatologia Fundamental*. Texto apresentado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental, 2004.

Completamente presa à paixão pela filha dizia que não poderia sobreviver sem a filha, não podia não tê-la. E não aceitava substituí-la pelos filhos, estes não existiam para ela, totalmente desinvestidos, estavam mortos. Parecia tratar de uma dor atual, que não deixava espaço para outro(s), indicando um excesso. Um puro pensamento que a atormentava.

Nesse momento aquela suspeita que havia tomado o pensamento da analista, que o segundo caso teria relação com o primeiro, ganhou consistência: Será que a mãe de Eric, não estaria também prisioneira de algo que a tomava não deixando lugar para o filho? Algo a comprovar, o tempo teria que ser nosso aliado.

Não poderia aquela apatia aparente do início, ser na verdade o seu contrário, ou seja, um excesso que a paralisava e não uma falta como pensamos no início?

Nossa hipótese teve que ser questionada, o que o leitor poderá acompanhar durante a leitura do texto, como os dados foram se organizando e o pensamento se estruturando.

Para a autora, a riqueza clínica é esta de trabalhar os casos de forma conjunta, sem a preocupação de trabalhá-los cada um isolado, nem colocá-los numa categoria geral, amarrar os fios possíveis.

A partir dos diversos capítulos que compõem este trabalho, vocês verão a lógica, a justaposição destes dois casos, aos quais penso poder, sem muita hesitação, considerá-los ‘Os filhos da paixão’, e compreender como este quebra-cabeça só pode ter um desfecho ao percebermos a diferenciação entre paixão e amor materno.

CAPÍTULO 1

NO CAMPO DE HONRA: UMA APOSTA NECESSÁRIA

“Morto no campo de honra....esta criança que permaneceu no limbo, esta criança que o Outro não nos permitiu ser, não acolheu na morada da língua ou no sítio da palavra, o que se torna ela?”¹

É uma criança linda!

Penso e me vejo só, desacompanhada, num cenário admirável.

Esta criança é posta lá, no chão, na minha frente. Não reclama, só fica lá.

Seus pais sentam e pronunciam palavras, palavras soltas, sobre uma criança de um ano e dois meses. Será esta? O corpo vê que não há ligação. Que estranho! É a palavra que atribuo a esta sensação.

Eric, como vou chamá-lo, se interessa pela luz, pelos brinquedos barulhentos, pela cor, por mim não. Chamo a sua atenção, chamo-o pelo seu nome, e definitivamente ele não olha.

Num certo momento, ele se levanta e vai se apoiando em direção ao aparelho de ventilação, está firme, mas, precisa do apoio para andar, para isso tem que cruzar a sala de onde estava, para chegar ao alvo, portanto não é pequeno o seu esforço. Chega lá, meche no aparelho, se apóia nele, e de repente, é agarrado por duas mãos grandes, que como ganchos engatam nas suas axila, puxando-o de lá.

Um esforço para nada, penso, enquanto assisto a cena a minha frente.

Ele é, então, recolocado de novo em seu lugar, ou aquele que fora determinado como tal, aquele no meio da sala.

Não escuto uma palavra desta ação e, da mesma forma, nenhuma reclamação de Eric, como seria o esperado.

Recorro as minhas lembranças, provavelmente para me proteger do vazio onde fui lançada, de como é comum assistir aos pais preocupados com o que dizer ao filho quando trazidos à análise, vamos a tantos lugares desconhecidos e nunca nos preocupamos como apresentá-lo aos filhos, nenhum lugar é tão ameaçador como levar à análise, o terror aparece frente a um lugar que não é pré moldado, e pelo contrário, depende do sujeito para ter uma forma. Como chamar este lugar que não tem nome ou forma antecipada e que depende de um sujeito para tê-lo? É este o terror dos pais?

Neste caso o terror não aparece, nem a necessidade de aconchegar esta criança que chega a um lugar novo, sem forma, ele é posto no chão e retirado de lá, puxado pelo seu pai de seus interesses, sem palavras.

¹ Gori, Roland. *Lógica das paixões*. Trad. Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004, p. 219.

Volto a olhá-lo no chão, a dureza do chão. O chão sem palavras, sem comunicação e sem ligação.

Teriam que esperar dois meses, fazendo barulho e insistindo pela resposta dele, disse o pediatra, quando reclamaram da passividade e desligamento do filho. Mas não se convenceram muito disso e começaram a reparar que outras crianças da idade dele, já respondiam aos chamados.

Passaram desde então, a fazer repetidos testes com ele e se desgastaram com as tentativas e erros. “Ele não responde ao nosso chamado”, constataram.

Além disso, tudo parecia bem, era uma criança calma, boazinha, chorava pouco, dormia bem... Ele nasceu de uma inseminação artificial, mas o tratamento foi rápido, a gravidez foi boa. Suas respostas eram sempre muito curtas e objetivas quando se referiam ao filho.

Estavam aqui porque um segundo pediatra consultado, se assustou com o “não olhar” de Eric e com sua falta de manifestações ou pedidos, principalmente à sua mãe. Suspeitou de autismo e resolveu investigar, encaminhando-o para uma avaliação psicanalítica e neurológica.

Estranharam o encaminhamento para uma analista, mas ali estavam.

Os pais de Eric trouxeram primeiramente uma preocupação com a diferença de nacionalidade entre eles, se poderia ser mais difícil para o filho aprender duas línguas diferentes, e se isso poderia contribuir com o seu atraso de fala ou confundi-lo ainda mais.

Em seguida, falamos do seu desligamento, que despendia maiores explicações já que eu o estava vendo, diziam eles, e assim podia perceber como ele não respondia, não olhava, não estava interessado no que se

passava ao seu redor. A dificuldade maior para eles era não poder se comunicar com o Eric, era terrível suportar a falta de resposta dele.

Isto levou Ana, mãe de Eric, a uma associação do desligamento dele com a situação que poderia tê-la provocado, a presença de uma enfermeira que só depois puderam perceber, foi uma experiência muito ruim para eles.

Ana contou que chegou da maternidade muito insegura, tinha muito medo de não “saber” o que fazer com o bebê e a enfermeira entrou neste lugar de “saber” e se ocupou da casa e do filho deles.

Ela lembrou que acordava para dar de mamar a noite e a enfermeira já havia iniciado a mamadeira, ela ficava brava, mas se sentia impotente, logo o leite que não servia para alimentar foi se acabando. Como também estava “desalimentada” voltou para o seu trabalho, ambos trabalhavam bastante e voltavam cansados para casa. Assim, quando chegavam colocavam o Eric para ver TV com eles, punham-no virado para a TV, ou seja, de costa para eles, possivelmente porque não agüentavam a falta do seu olhar e ele ficava bonzinho, achavam que ele gostava da luz, do barulho e ficavam ali juntos.

O pai de Eric, Gil, disse que nem via mais o filho para não ver a enfermeira, tamanho era o incomodo causado pelo seu domínio. Achavam que era importante pagar este preço.

Com sua pronuncia acentuada, de estrangeiro, fez uma pergunta com certa dificuldade: “Será que não é um problema com o nome dele?” Ele conta que só fala com Eric na sua língua materna e mostra as várias entonações de voz que usa para acessar o filho, às vezes, ele escuta. Assim, estrutura melhor a sua pergunta, “será que ele não gosta do nome dele por isso não responde?” A história da escolha do nome não é

contada aqui, só mais adiante durante o tratamento e vai ter um sentido importante.

Criávamos aqui um lugar para falar do nome, fomos remetidos ao tempo onde tudo aconteceu, à escolha do nome.

Esta pergunta que soou mais como um ato ingênuo do pai, vai aparecer como, um lapso, algo valioso e norteador para este desligamento do Eric.

...

Assim começamos a nos encontrar, os quatro, às vezes, os três, quando o pai não vinha, mas isto não acontecia com muita frequência, pelo menos no início do tratamento.

Quando chegaram os três no consultório, para iniciarmos o nosso trabalho, Eric estava entre os dois, carregado. Traziam uma conquista, o andar do Eric (ele claudicava).

Entraram na sala, desta vez a analista sentou-se no chão com Eric, seus pais ocuparam a poltrona. Pegávamos os brinquedos, espalhados pelo chão, provocávamos uma brincadeira, ele mexia nas coisas e largava, estava bem distante.

Quando chegava, mexia nos brinquedos, não precisava de ninguém, não chamava, não reclamava, apoiava nos seus pais e na analista como se fôssemos um prolongamento dos móveis ou dos seus braços. Tanto fazia, o outro desconhecido podia ser tomado como objeto concreto. E assim era.

Numa sessão onde o pai de Eric, faltava, Ana retomou o assunto sobre a escolha do nome do filho e conta, para nossa surpresa que o nome

dado ao filho era o nome do seu pai, que morreu quando ela tinha doze anos, depois de ter se separado da sua mãe, quando ela tinha seis anos.

Ana contou que seu pai era alguém muito importante na sua infância, com ele dividia os banhos de banheira e tinha as brincadeiras mais íntimas, diferentemente da sua mãe.

A respeito dela, poucas palavras, ela saía para trabalhar o dia inteiro. Isso era tudo, ou talvez tudo que faltava.

Esta conversa foi logo interrompida, um mínimo mal estar colaborou com a escassez de palavras e a tentativa de propor alguma brincadeira de imitação ao filho, tomou a cena. Este não responde e ela extravasa a sua raiva, pega a mão do filho e faz por ele o movimento pedido.

Era muito difícil construir uma brincadeira com Eric, prevalecia a sua ‘brincadeira’ empobrecida com os objetos, girava-os ou empurrava-os, seus movimentos eram repetitivos e sem elaboração. Corremos o risco de marcar uma certa direção, lançávamos palavras lá onde ninguém respondia, o que era muito difícil no início.

Certa vez Eric se apoiava numa mesinha frágil, que se encontrava perto da analista e o *não* foi introduzido: *Aí não!* Um ato que chamou sua atenção.

Ele passou a repetir este movimento, ia em direção a analista que supôs uma provocação, diferenciando-o da simples repetição observada até aquele momento. Introduziu-se uma brincadeira, onde a analista dizia: “*Não, nananinanão*”, com uma certa melodia, que foi criada ali. Marcamos com certa maestria a fala endereçada a ele, onde a analista via que ele a via. Era como se pudesse pegar uma faísca de olhar e alcançá-lo.

Outra ‘brincadeira’ começa a surgir, com seu objeto mais procurado, o livro da vaquinha. Contávamos a história da vaquinha, fazíamos *muuuuuu* e repetíamos algumas vezes esta palavra, nestes momentos ele “passava o olhar”, ou supúnhamos isto, e era dito a ele: - “Você me achou!”

Estes momentos de encontros de olhar passaram a acontecer após frases, ou, fala musicalizada, onde o *mamanhês* aparecia e o atingia.

A primeira coisa que falou foi *muuuuu, uuuuuuuu*, quando a analista contava a história da vaquinha, ficamos todos maravilhados com ele.

Seria a primeira notícia que podia responder. Esta fala musicalizada parecia atingí-lo de uma forma especial.

Quando Eric chegava às sessões, era procurado pelo olhar da analista, até que passou a olhar. Seus pais estavam se surpreendendo com ele e suas aquisições. Transformamos aquela puxada pela axila, do início, não sonora e dura por um interessante *nananinanão*, palavra criada ali, naquele espaço para o encontro.

Ele começou a usá-la, assim como seus pais, demonstravam atenção às coisas que não importavam antes.

Seu olhar se fixou em alguns movimentos, brilhou com a música do “meu pintinho amarelinho”, e sustentou este brilho até a música acabar, foi a primeira vez que fixou o olhar interessado.

O tempo sustentado tirava o fôlego daqueles mais surpresos, que acompanhavam a cena, e com aquele que surgia.

Fomos, assim, alargando o nosso repertório, introduzindo outras músicas, além do “pintinho” e outros sons, além do mugido. Para nossa surpresa Ana e Gil também chegavam contando novidades das aquisições de Eric; ganhava algum espaço como ele.

Juntamente com estas conquistas, ele pegava alguns brinquedos e perdia-os de vista, perdia-os para sempre, se desinteressava. Começaram a aparecer, com isso, momentos de total desamparo. Com a mínima desaprovação dos pais ou da analista, quando dizíamos não para alguma coisa, ele chorava, um choro dolorido, difícil de acalmar. Seus pais introduziam a chupeta, fome, sono, nomes que não serviam e eram rechaçados.

Ledo engano quanto aos avanços? Estavam perdidos, não conseguiam acalmar o filho, titubeavam para pegá-lo, pediam um mestre que poderia auxiliá-los, nessa difícil travessia de introduzir este filho no mundo da linguagem e quase desfalecidos, pediam água.

Gil pegava-o e se entregava ao grude que era exigido, era dele, pronto, mas nem estas palavras eram proferidas, estas já significariam alguma ordenação, mas não havia a separação necessária para isso. Nenhum espaço 'entre' eles, só este mundo silencioso que podiam apresentar para o filho.

Eric suspirava grudado no pai, mexia no seu cabelo, se aconchegava.

Diziam que agora ele estava chato estranhando as pessoas, não queria saber nem do marido da avó materna, alguém com quem já estava bem acostumado e gostava, não queria mais ficar com a avó também, estranhava.

Estava chorando à noite e pedindo pela mãe.

Mesmo assim, uma brincadeira de esconde e esconde surgia, Eric podia agora fechar os olhos para sumir. Ele fazia um barulho com a boca, para chamar a atenção, e adorava ser imitado, percebia a graça que

percebíamos nele e repetia o movimento. Eram os momentos que nos comunicávamos.

Irritava-se com a brincadeira de sua mãe de ‘provocá-lo’, ela escondia objetos dentro do seu capuz ou de sua blusa, no início ele não percebia, e assim mesmo, ela exibia certo prazer de fazer o filho de bobo.

...

Três meses se passaram e foi clara a evolução de Eric, ele agora identificava muito bem as nossas brincadeiras, esperava pela expressão de satisfação e expressava o seu contentamento de estar sendo olhado, procurava um rosto para a aprovação de seus atos.

Começou a se interessar pela panela, colher e comestíveis de brinquedo, colocava-os na boca e ficava bem ocupado com o prazer que sentia, batia os objetos na panela, tirava e recolocava, experimentava barulhos, batia um no outro. Endereçava um apelo à analista, que respondia, outras vezes tentava alcançar a sua mãe.

Sua satisfação deixava sua mãe incomodada. Insistia para que ele fizesse o certo. Como se existisse, o certo, a priori.

Para ela existia, nestes momentos forçava-o ou fazia o movimento por ele. Fazia uso da sua mão, assim como ele fazia da sua. E para além da mão, forçava com a mão as dobras de sua perna e sentava-o, como um boneco.

Era invadida pelo prazer transmitido pelo filho, nestes momentos de gozo auto-erótico. O gozo deveria ficar de fora, como poderia operá-lo?

Um medo da doença, ou de um novo desligamento apareceu como resposta. Voltou a ver o filho desligado, repetindo movimentos de girar a cabeça, movimento claramente autístico.

Aqui onde a sua voz é reconhecida e requerida, ela falha em dotar este filho de aparato simbólico. Só via o doente.

Este desencontro é seguido de uma redescoberta, Ana conta que estava dirigindo e falando com o filho, que estava concentrado com dois pauzinhos, brincando com eles, nem dava bola para ela. Chamava-o e “ele nem aí”, até que parou o carro tirou os paus da mão dele e deu uma bronca: -“olha aqui quando eu falar com você, você responda, viu?”.

Estava com medo de perdê-lo, esta fala dirigida ao filho trazia sinais de angústia, apontava a existência de um objeto, que não se quer perder, estava finalmente se alimentando das graças do filho.

Constatando a sua alegria ao dividí-la com a analista disse: “Hoje não vejo a hora de chegar em casa, ele vem direto me receber, faz festa... eu deitei a cabeça, ele veio e colocou a mão na minha cabeça e fez carinho, eu quase chorei”.

Com o pai, Eric destrói os seus castelos de blocos de madeira. Fica muito feliz quando destrói e diz: - “caiu”. Falo disto para o pai que timidamente diz: - “parece que ele falou!” Repito: - “Ele falou caiu”, e só assim pôde comemorar. Como acreditar que os enunciados do seu filho signifiquem algo?

Deste modo surgiram outras brincadeiras, falava *caoo*, e apareceu um *mamama*, quando foi em direção à mãe para mostrar a sua brincadeira.

Depois disso, um choro manhoso, e ensurdecador, ganhou destaque. Eric parecia protestar a dor que sentia; a frustração, era vivida

como mutilante, estava ganhando um corpo, um corpo que parecia estar em pedacinhos. Doía. Seria este o caminho para o amor?

Estava reconhecendo a existência da mãe. A doação era esperada, qualquer sinal de amor...

Eric tropeçava, caía, o caminho se abria para ele passar, esperando por palavras que indicassem, ao menos, o seu descaso com o outro. Como poderia diferenciar os objetos, o corpo que o outro encarna, o outro? Eram todos simples artefatos².

...

Sabemos que toda descoberta de um objeto é uma redescoberta da desarmonia: a do objeto e toda relação mantida com ele³. Eric evitava o objeto, como o vi naquele primeiro encontro, ficava lá no meio da sala, era uma coisa-massa, assim, não escutava, não olhava, seus órgãos não funcionavam, pelo menos não da forma humana⁴.

Isso talvez explicasse a harmonia mortífera que pareciam representar. Sem Eros, Eric estava lá como a natureza, precisando ser admirado como beleza para evoluir a humano.

Sempre que um mal-estar aparecia, este era preenchido, Eric era então satisfeito em suas necessidades e a sua dor era interpretada como

² Esta palavra é empregada por Jerusalinsky (2001), “Porque o corpo no qual o outro se encarna (corpo da mãe, do pai, da tia, da avó) passa a ser manejado pelo autista como se fosse um artefato, no qual o autista pode sentar, usar a mão como quem usa a uma mão de brinquedo, desses que agarram a distância, ou as orelhas para botar coisas dentro. Um artefato!” (p. 83).

³ Bergés & Balbo, *A Criança e a Psicanálise*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1997, p. 179.

⁴ Como descreve Berlinck (2000): “*Sem a presença de Eros, os órgãos sensoriais – olhos, ouvidos, língua etc. - dos humanos perdem a função e tornam-se deficientes. Se antes da catástrofe eles funcionavam como em qualquer animal, na condição humana necessitam de Eros para funcionar*” (p.104).

fome. Era difícil acreditar nos enunciados desta criança, o desalento de seus pais frente à natureza persistia.

Quando mãe e pai descobrem, através do olhar do outro, o filho como desejável, vão se aproximando de uma dor, a marca de amor, que está centrada na dor, na desarmonia, no pathos.

A mãe da necessidade é esta que não ascendeu à função materna, seu filho é filho da natureza. Para um mais além da satisfação da necessidade está a demanda “a demanda é demanda de amor”, esta que era insustentável pela mãe de Eric. Parecia estar preenchida, saciada de objetos melancólicos, mortos-vivos, que a paralisavam; não podia nem dar, nem receber do seu filho.

Eric, um ser natimorto no campo da palavra e da linguagem que se encontra desvelado aqui. Quem melhor do que a figura da criança morta poderia representá-lo? Havia outra saída para ele? Uma aposta era necessária.

CAPÍTULO 2

A CENA DA BOLACHA

Por que o amor só se vive na violência e na
perda?
Porque sua fonte é a experiência da perda.
Nascer é perder sua mãe.

Pascal Quignard, *Vie secrete*.¹

Eric chega às sessões e, normalmente, tem que esperar para entrar, essa espera não é nada fácil.

E de uma gritaria irritada, como acontecia sempre, ele tem passado a agüentar a espera com um pedido de bolacha, ou seja, com a bolacha na boca.

Sua mãe, Ana, ofereceu a bolacha como uma possibilidade de mostrar que dá para fazer algo com a boca além de chorar e gritar. Antes disso, Ana vinha falando, de uma irritação que sentia ao perceber, que, quando Eric chorava, seu pai, querendo evitar choros maiores e não sabendo o que fazer colocava a chupeta na sua boca, apelidada, assim, por ela de ‘cala a boca’.

¹ Citação de GORI, Roland. *Lógica das paixões*. Trad. Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.

Sem notar a coincidência dos fatos, Ana passou a oferecer a bolacha a Eric toda vez que eles deveriam esperar pela sua vez para entrar na sessão. A bolacha serviria assim para ele agüentar a dor da espera.

É difícil aceder ao humano e aprender a esperar.

Quando nascemos, somos completamente desamparados, caímos nos braços de um Outro que está lá para amparar, preencher e sustentar este ser imaturo e completamente dependente de seus cuidados, que diferentemente do animal, não sobreviveria sem ele.

Algum tempo é necessário para que este ser imaturo e desprovido, inclusive da sua característica mais humana, a fala, passa a adquirí-la e assim, ser incluído no universo da linguagem.

Para esta passagem ocorrer, alguns elementos são fundamentais, como veremos mais adiante. Por enquanto, não gostaríamos de perder de vista este momento importante de evolução de Eric.

Momento que tem muito a dizer e contribuir para o nosso entendimento desta passagem do bebê dependente para o ser de linguagem.

Voltamos, então, à bolacha para esperar. Ana e Eric criaram um código. Mas o que este estaria significando? Seria mais um cala boca, ou um espaço de separação, onde um tem que esperar pelo outro, ou seja, onde existe outro.

Até este momento estava difícil para mãe de Eric esperar por alguma resposta sua, ela não imaginava que ele pudesse responder “espontaneamente”.

Esta palavra ‘espontaneamente’ foi empregada por ela quando se surpreendeu ao ver o filho, fazendo algo que ela não ensinou. Momento importante de uma suposição de sujeito que faltava.

Ela começou a perceber algo de “espontâneo” vindo dele e se surpreendeu com isso. Esta percepção surgiu após um momento em que insiste com a analista que ela deveria reforçar mais, cobrar mais dele, ensinando ele a

falar, como ela mesma vinha cobrando dele. Como se fosse um “Autômato”, assim, ele responderia.

Espontâneo também é um nome que entra significando uma brecha, um espaço.

Então este momento da bolacha parecia ser o começo, só o começo de algo espontâneo, a brecha da separação.

É a partir de um espaço de separação, como sabemos, entre eu e o outro que o eu se constitui.

E foi assim, depois de um acontecimento, se pudermos chamar assim, que o eu, antes frágil e mudo, pôde se manifestar. E não deixou dúvidas quanto ao seu ato.

Num certo dia, a rotina de esperar para entrar na sala de atendimento foi mudada. Eric e sua mãe atrasaram-se e a analista estava esperando-os com a porta entreaberta. São, portanto surpreendidos com o: Vamos entrar!

E para o espanto desta não foi vista nenhuma mudança de posição deles, estavam lá na cena da bolacha, como se a analista não tivesse entrado. Então, ela tentou novamente: - “Não! Não precisa da bolacha!” Ana assustada entrou na sala, interrompendo a tentativa de abrir o pote de bolachas e Eric ficou postado diante do pote, frustrado e esperando pela bolacha.

O pedido é repetido: - “Agora não, vamos entrar!” Ele esperneia, chora e a analista entra na sala, dizendo que está esperando por ele, quando desaparece de sua vista, ele fica mais bravo ainda, bate o pé. A analista chamá-o novamente, ele grita, chora, sacode-se todo e esperneia.

Naquele momento, foi dito a ele, que se não entrasse a porta seria fechada. Ele saiu correndo, entrou na sala chorando e esperneando, batendo-se e enfiou-se no meio das pernas da mãe. Pedindo ajuda.

A analista diz que ele ficou muito bravo com ela e espera ele se acalmar. Sua mãe, muito constrangida e nitidamente brava, tenta distraí-lo e incita-o a “brincar”, começa “maniacamente” a mostrar os brinquedos que ele gosta; da mesma forma que fazia, no sentido de deixá-lo ausente, quando ele chorava nos seus momentos de angústia.

Falava: - Olha o cavalinho! Cadê a vaquinha? E a vovó? Vamos procurar a vovó? Vamos fazer aquela comidinha...

Parecia não haver espaço nenhum construído lá, não dava para contê-lo.

Ele não se acalmou logo. Ficaram com este incômodo e o clima da sessão foi ficando tenso, Ana estava muito incomodada e era como se falasse à analista: - “Você acabou de cometer uma violência com o meu filho, precisava disso?” E dizia: - “Uma psicóloga que foi na escola, disse que nunca devemos dar limites assim para as crianças, falar que vamos para outro lugar e deixá-los só, porque isto é terrível para a criança”.

A analista foi pega transferencialmente e no seu silêncio perguntava-se se não exagerou. E pensava por alguns momentos, identificada com a mãe, pobre bichinho indefeso, o que teria feito.

Não havia resposta para este incômodo.

Quase no final da sessão ele brincou um pouco, foi, com os olhos molhados e ainda bem ressentido, chamar a analista para aquela que virou a brincadeira deles. Encontraram-se no lugar onde mais se encontravam, onde o afeto se apresentava e que deixaremos para relatar mais adiante.

Naquele momento o que interessava era a possibilidade de comunicação que se restabelecia e a procura dele por aquela que poderia ter desaparecido.

Ela estava lá e respondeu a ele.

Apesar de aliviado, estava muito irritado e cansado. Brincava, mas diante de qualquer tampa que não encaixava direito, resmungava de forma regredida e se mostrava muito irritado.

Acabou a sessão e ele foi embora, lembrou da bolacha, a da saída e saiu do consultório.

A analista ficou por um momento tomada pela fala da mãe, “não precisava ter sido tão violenta”. Mas de que violência se tratava? Seria o não à pobre criança, que não podia ficar sem a bolacha, ou ao sufocamento da criança pela bolacha como resposta maníaca dos pais?

A cena pôde ser retomada e a analista separava-se da dolorosa sensação de vê-lo, a criança sem chance de separação, a quem devem responder prontamente. Afastava-se de uma posição sufocada, de quem deveria calar a boca, portanto, não poderia falar.

O mal estar produzido naquele momento, sofisticou-se ainda mais com uma carga de ódio projetada pela mãe de Eric.

Entre o ódio e o sufocamento que restavam era melhor voltar à relação com Eric, assim como ele havia indicado e a analista volta a existir relembrando da brincadeira dele.

Como fazer para ser?

Veremos adiante como esta sensação de incômodo e sufocamento vivido pela analista naquele momento, passa a ser experimentada, pela mãe de Eric.

E podemos sugerir que este ódio vivido na sessão, que não destruiu, criou um espaço de separação e de fala, antes impensáveis.

Uma semana e meia depois do acontecido, a cena de Eric e sua mãe chegando e a analista aguardando-os repete-se. Desta vez, o tempo parece trapacear, a cena adianta-se um pouco, Eric estava com a bolacha na mão quando são chamados, ele olha bem para ela, vai aproximando a bolacha da

boca, em câmera lenta, a tensão se espalha pela aflição da espera nesta sala própria a espera. E num gesto firme e decidido, devolve a bolacha pra mãe e entra na sala.

Ana ficou paralisada olhando a cena, olhou a analista, como se não entendesse o que acontecia, deu um sorriso nervoso e disse: - “é não pode, né?”.

E entraram na sala “estranhados”.

Certo tempo de silêncio foi necessário para que abalados pudessem retornar a algum lugar.

Depois deste tempo, Ana disparou a falar, a tensão na sua fala nervosa substituíu a ação maníaca que normalmente desempenhava com o filho.

Foi necessário um tempo para a elaboração da intensidade de inquietações que esta cena, que chamamos cena da bolacha, trouxe ao tratamento.

Ana percebeu o seu desprezo em atender o filho e a culpa que isso traz, não pode falhar, tem sempre um olhar que a persegue neste fazer perfeito. As eleitas donas do saber são, no primeiro momento, a enfermeira quando era bem pequeno, agora a babá. A preocupação é quanto a imagem que terá frente ao outro, sempre deficiente.

A repetição que insiste é a da cena, daquele deixado no chão, que está lá e não é falado. Ninguém fala com ele².

A fala de novo não alcança Eric.

Devem satisfazê-lo o tempo todo ou estão simplesmente respondendo às necessidades vitais do filho como se este não fosse sobreviver a este tempo de dependência?

É como se tivessem que sustentar este corpo sem ser.

A única forma de estar sem ele é deixar seu “corpo” para outro cuidar.

Não conseguem se separar, introduzindo algo entre eles e o filho, um espaço possível.

O que insiste é o não poder ser, além de corpo.

I. ESPAÇO (s) TRANSICIONAL

A expressão muito usada por Ana “do nada, ele começa a chorar”, para explicar a sua inquietação, pode ser pensada como a ação do filho é sempre interpretada como nada e também como se irrita com o vazio no qual é projetada diante desta falta de significado à ação do filho.

Diante disso, também fica desamparada, faltam-lhe objetos para troca simbólica. Num encontro onde não existem objetos para troca. Não há palavra, não há símbolo.

O rastro da bolacha formaria o conceito, “*resguardando a permanência do que é passageiro, gera a coisa*”³, um conceito surge no lugar do nada, aquele que representaria a impossibilidade recheada de vazio que levou à construção de um espaço para além deste espaço impossível, espaço de falta. Esta falta (buraco) entre o sujeito e o outro.

A cena da bolacha trouxe a possibilidade da separação. Esta antes intolerável e apavorante para Ana, que logo tenta retomar as brincadeiras de bichinho com o filho, como que negando que alguma coisa estivesse

² Esta foi descrita a primeira vez como: Esta criança é posta lá, no chão, na minha frente. Não reclama, só fica lá. Quando relato a primeira vez que o vi, estava então com um ano e dois meses, totalmente desligado do mundo e dos outros (Grosman, 2003, p. 52).

³ LACAN, Jacques (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 277.

acontecendo. A sua forma de acalmar o filho tem sido retomar as brincadeiras que iniciaram o nosso processo. É tomada por tal ansiedade de desmoronamento que é levada a tentar reconstruir tudo do início, ou seja, repetir o mesmo, como uma “guardiã da vida”, no sentido mais freudiano do termo.

Citando Freud (1920), ele diz:

“A entidade viva elementar, desde o seu início, não teria desejo de mudar; se as condições permanecessem as mesmas, não faria mais do que constantemente repetir o mesmo curso de vida... Esses instintos, portanto, estão fadados a dar uma aparência enganadora de serem forças tendentes à mudança e ao progresso, ao passo, que de fato, estão apenas buscando alcançar um antigo objetivo por caminhos tanto velhos quanto novos”⁴.

A repetição de uma experiência primária de satisfação insiste (a bolacha como aquela que tampa o buraco) como uma força indomada, que pressiona sempre para frente, para atingir aquele objeto da satisfação narcísica que não aceita desilusão.

De certa forma, desta vez, Eric não acompanha esta busca desenfreada de sua mãe, não vai em busca do mesmo, ao contrário, espera por ela (outro), pede colo e carinho para aplacar a sua dor. E na dor retoma a brincadeira com a analista, que sua mãe estranha e ao mesmo tempo admira.

⁴ FREUD, S. (1920). Além do Princípio de Prazer. E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII. p.55.

Esta brincadeira, momento original, foi a forma de assegurar que a analista estava lá, não a perdeu e assim não se perdeu. Insiste na ligação, como que querendo aceder ao princípio do prazer.

Eric e Ana já não seguiam mais o mesmo objetivo. Que espécie de diferenciação estaria ocorrendo?

Eric aponta para o prazer e desvia da repetição assinalada pela mãe querendo alcançar o antigo objetivo, aquele da satisfação impossível.

Esta nova brincadeira possibilitou a instalação de um hiato entre a analista e ele, que pode ser pensado como espaço transicional, já que cria um espaço entre eles, de existência de um e do outro, além de ensaiar um ir e vir, que lembra o movimento do For-da⁵, ou seja, uma apropriação do outro, como alguém diferente de si, de fora.

Winnicott⁶ se refere a uma área intermediária que representa os primeiros estádios do uso da ilusão, ou seja, entre a criatividade primária e a percepção objetiva da realidade. Uma área entre o bebê e o outro, que se inicia como uma sobreposição entre o que a mãe proporciona e o que a criança poderia perceber ou alucinar, tema trabalhado por Freud no Projeto para uma psicologia científica, ponto situado entre a percepção e o traço mnêmico.

⁵ Brincadeira do carretel utilizado por Freud para demonstrar que o desprazer não contradiz o princípio de prazer, onde fica claro que a dimensão desprazerosa é compensada pelo prazer ligado à expressão da hostilidade. Freud observou seu neto fazendo uma brincadeira de fazer sumir, usando um carretel preso a um barbante, atirava o carretel, acompanhando o movimento com seu famoso “o-o-o-o”, e depois, puxando o barbante, fazia-o voltar, saudando o carretel com um alegre *da*, “aqui”. Mediante essa brincadeira, a criança parecia transformar uma situação desprazerosa, onde era passivo, causado pela partida da mãe, numa situação onde era senhor. Cf. FREUD, S. (1920). Além do Princípio de Prazer. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII. pp. 17-85.

⁶ Cf. WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Trad. Jane Russo. Rio de Janeiro: F. Alves, 1993.

Neste texto de 1895, ele descreve a primeira experiência de satisfação que inaugura o inconsciente e ao mesmo tempo inaugura a clivagem do objeto entre o objeto perdido e reencontrado, sua redescoberta.

A criança responde pela alucinação do objeto à ausência do seio da mãe e assim, o objeto alucinado é aquele que falta.

O estado de homeostase da criança só é interrompido quando o objeto alucinado não serve mais e a criança tem que apelar ao Outro. Apela ao Outro para obter satisfação.

É através do grito, descarga de tensão, que a criança se manifesta no seu desamparo inicial e é a partir dele que a mãe transformando este apelo em demanda inscreve-o na cadeia simbólica. Com a *ação específica*, o organismo é chamado a se inscrever na linguagem e assim o bebê recebe além do alimento, a fala.

A descarga de tensão, interpretada como demanda pelo Outro é realizada por um objeto que traz satisfação, restrita ao objeto da necessidade. Essa memória que começa a se inscrever na criança, que relaciona o grito, objeto trazido pela mãe e a satisfação sentida pelo bebê. Essa memória leva a criança à alucinação do objeto para obter satisfação.

Assim a *experiência de satisfação* ligada à imagem do objeto, primeira inscrição que deixa sua marca no aparelho psíquico introduz, o sujeito no circuito pulsional, passando da demanda ao desejo, do grito à fala.

Esta primeira marca é fundamental e na mesma medida é importante que ela se apague, para que o sujeito comece a se contar na repetição das marcas significantes é preciso que esta primeira se apague. “É preciso que uma

ausência de marca se faça para que o sujeito possa se representar numa cadeia significativa⁷”.

Ir ao encontro do objeto leva ao vazio, há uma ausência de marca, já que o encontro com aquele objeto original não há, existe sim uma separação primordial em relação ao objeto.

Nesse momento da análise, instala-se, aproveitando as palavras de Winnicott, “uma área neutra de experiência que não será contestada⁸”. Com isso pode-se dizer do objeto transicional que é uma questão de acordo, entre nós e o bebê, de nunca fazer a pergunta: ‘Você concebeu isto ou foi-lhe apresentado do exterior?’ O importante é que não se espere decisão alguma sobre este assunto, diz ele, onde conclui: “A pergunta não deve nem ser formulada⁹”.

Este objeto embora seja possuído pelo bebê, como substituto do seio, não é reconhecido como fazendo parte da realidade externa: é a primeira propriedade não eu. Por isso protege a criança da angústia da separação no processo que está vivendo de diferenciação entre eu – não eu. Este é um momento de passagem onde está em jogo a transição da relação fusional (não eu) para uma simbolização da realidade objetal (eu).

O momento do encontro com o Outro acontece, deixando claro que o objeto buscado, está para sempre perdido, como fora colocado implicitamente por Freud, no jogo do fort-da, não é nem a mãe, nem a criança – o objeto perdido está entre os dois – o que Lacan desenvolve com o objeto *a* e que pretendemos desenvolver mais adiante.

⁷ CHATELARD, Daniela Scheinkman. *Conceito de objeto na psicanálise: do fenômeno à escrita*. Trad. Procópio Abreu. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. p. 108.

⁸ WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Trad. Jane Russo. Rio de Janeiro: F. Alves, 1993. p. 403.

Voltando a brincadeira, criada ali, entre eles, ela era com um cavalinho de pau, objeto escolhido por Eric.

Tudo começou quando ele subiu no cavalo e se aproximou da analista. Estava bem perto dela e na direção do seu ombro batia com a cabeça do cavalo na parede emitindo algum som. Ele chegava e não dava para ir além dali. Chamou isso de “*aiiaiaia*”¹⁰ (musicado), ele falava quando chegava e a analista repetia com a mesma entonação: “*aiiaiaia*”; alcançava-o, com a mão, na sua cintura, e isto o fazia morrer de rir.

O prazer das cócegas o invadiram e ele foi atrás de sentir isso de novo, as cócegas ganharam o sentido de prazer, toque. Repetiu esta cena várias vezes, afastava-se e voltava.

Era cada vez mais claro o seu domínio pelo prazer, no sentido de tornar ativa a sua busca e a ânsia de ser tocado pelo gesto e depois pela palavra.

Assim foi introduzido o “sai cavalo” depois do toque e ele podia ir e voltar ao encontro daquela que lhe esperava.

Alternando ausência e presença, pôde controlar o movimento de estar ou não presente, fundamental para que reencontrasse o seu objeto de prazer com muita satisfação.

Esta alternância ausência e presença, que introduz a falta, assim como o carretel do neto do Freud, estabeleceram entre ele e a analista a confiança necessária para que ela pudesse faltar, estar ausente e falar.

Eric vinha brincando de esconder e achar os objetos, ensaiando alguma experiência de dominação, uma atitude ativa ainda que precária, onde tentava dominar a ida e vinda do outro para dominar sua própria angústia.

⁹ Ibid., p. 403.

¹⁰ Cf. Freud (1920), Além do princípio do prazer, tem uma passagem onde ele fala que os sons imitados estavam para além de uma simples interjeição, p. 26.

Vinha apresentando suas aquisições e estava cada vez menos dependente, mas ainda se fazia entender pela puxada de mão, quando queria algo.

A brincadeira em questão, construída em análise, não por acaso, após a cena da bolacha, poderíamos pensá-la como um prolongamento do espaço transicional que já estava em construção. Ela entra como aquela que suporta a falta.

Um desamparo aparece frente à palavra da analista: “bolacha não”, trata-se da fratura da dor e da falta, aquele pedaço do outro que não podemos ter, objeto a^{11} .

Eric estaria, assim, checando a sobrevivência da analista, após tanto ódio e trouxe sua resposta uma semana depois, quando mostrou a ligação estabelecida entre a palavra da analista, “Não!” e a história ali construída.

Agora não precisava mais da bolacha, esperava pelo outro.

Isso mostra uma aquisição de Eric provavelmente responsável pela fala da analista com ele naquele momento e causadora de tanta angústia.

Eric já permite alguma separação, está em pleno movimento de busca, começa a falar, chama a atenção e brinca. Não resta dúvida quanto à entrada do afeto, este que no início não dava nem sinal de sua existência. Assim, além de se deliciar com as brincadeiras começava a apontar para o que queria. É

¹¹ Objeto (pequeno) a – Termo introduzido por Lacan, em 1960, para designar objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de não ser representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizável. Nestas condições, ele aparece apenas como uma “falha-a-ser”, ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o seio, objeto da sucção, as fezes, objeto da excreção, e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo. ROUDINESCO, Elisabeth. Dicionário de psicanálise. Trad. Vera Ribeiro, Lucy magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

importante lembrar que o apontar é uma aquisição importantíssima, porque diz de um objeto que lhe interessa¹².

Mas este apontar de Eric ainda não pode ser interpretado como uma demanda do filho.

Este sinal ao Outro materno que assim como o grito se dirige à mãe só é transformado em significante na medida em que é recebido por ela, ou seja, represente para ela uma demanda do seu bebê.

Esta mãe fracassa ali onde sua competência e saber entrariam em jogo, no sentido de constituir para esta criança, fora do mundo da linguagem, um certo ordenamento lógico, este que segundo Jerusalinsky (2001) não é inato, não depende de uma imago geneticamente herdada ou transmitida, depende sim da decisão desse Outro primordial, que até agora chamamos mãe¹³.

Para Ana esta separação que instaura o outro não é possível, mas de alguma forma ela foi afetada pela cena ali assistida e um incômodo surgiu, inicialmente evitado e vivido transferencialmente pela analista. Num segundo momento, vemos aparecer o ódio dirigido à analista quando o ‘cala boca’ foi realmente destronado, ou seja, o objeto tampão não servia mais, evidenciando uma perda.

É importante pensarmos a configuração desta cena em dois momentos fundamentais, o primeiro, o da fala da analista e da manifestação de dor, seguido da brincadeira de Eric e a segunda parte onde a inscrição do “não à

¹² O apontar ou “pointage protodéclarative” é uma aquisição importantíssima para uma criança autista. Laznik, Marie-Christine, numa discussão crítica do CHAT (teste para detecção do autismo nas crianças de 18 meses) pergunta: O que uma criança autista não pode fazer? Em princípio, mostrar à sua mãe um objeto que lhe interessa (pointage protodéclarative). Em seguida, levar à sua mãe um objeto para lhe mostrar (attention conjointe). Texto não publicado.

¹³ JERUSALINSKY, Alfredo. Seminários I. Universidade de São Paulo. São Paulo, junho de 2001. p. 58.

bolacha” se confirma, ou seja, ele devolve a bolacha mostrando que a fala da analista ganhou um sentido.

Este ato de Eric que não passou despercebido por Ana foi provavelmente o responsável pela percepção da ausência do objeto, falta do objeto tampão.

A violência inicial de Ana foi despertada e dirigida à analista revelando a inquietante estranheza produzida nela pela cena da bolacha. Esta percepção havia tocado os seus limites mais íntimos, revelava à sua paixão.

Paixão desvendada pelo ódio de não poder ter tudo, o estado de completude e de preenchimento assegurado imaginariamente pela posse do objeto, queria não ter carências, ou falta.

Assim, proponho ao leitor, que nos acompanhe numa tentativa de construção metapsicológica, a deixar Eric de lado, sem abandoná-lo, para perseguir esta mãe, a partir desta violência primária, que parece ter o seu destino mudado (e conseqüentemente o de seu filho), depois desta intervenção, a da ‘cena da bolacha’, onde o seu pathos fora afetado.

Lembrando que o afeto só pode aparecer, como fragmentos de lembranças, como aparecem nos sonhos, se há um lugar favorável a isto, a relação transferencial é este lugar e lá estávamos. A proposta era então escutá-la, neste incômodo surgido ali, transformando-o em experiência.

II. DA CLÍNICA À CONSTRUÇÃO DO TEXTO – UM POUCO DE METAPSICOLOGIA

O que havia acontecido com Ana?

Algo aconteceu quando seu filho ‘antes autista’, imóvel e inerte, não lhe tocava; assim, sem risco algum caminhavam surdos e mudos pelos bosques da imortalidade.

É então tocada por algo violento, uma cena/palavra que a faz experimentar a dor do existir (ex-sistir)¹⁴, dor que aparece quando nada mais habita o sujeito a não ser a própria existência, parece um excesso de sofrimento que tende a abolir este termo indestrutível que é o desejo de viver, desejo que não reconhecemos em Ana, ao contrário, parecia viver numa constante apatia, da qual não podia ser retirada.

A cena produziu um corte neste estado apático de Ana, um fenômeno de estranheza surgiu introduzindo uma descontinuidade; por um momento Ana não se achava mais, parecia estar fora de si, o efeito da inquietante estranheza é justamente este, suspende o sentido e provoca angústia.

Como diz Freud: “O estranho será essa espécie de assustador que se liga às coisas conhecidas há muito tempo, e desde sempre familiares”¹⁵.

Mas, por que estes acontecimentos familiares se tornam estranhos? Pergunta-se Freud e vai responder a isso inicialmente pela lingüística, quando chega a equação que algo que deveria permanecer secreto sai, o que deveria permanecer escondido que sai e retorna, algo que fôra desde sempre familiar, em que o sujeito não se reconhece. Além disso, o prefixo *un* de *unheimliche* também é a própria marca do recalque (negação)¹⁶.

Este esquecido que surge e produz a inquietante estranheza entra em cena justamente quando algo em concordância com a castração ameaça o

¹⁴ Termo utilizado por Vieira para se referir a Lacan. Cf. VIEIRA, Marcus André. *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001. p. 252.

¹⁵ FREUD, S. (1919). O ‘Estranho’. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII. p. 277.

¹⁶ *Ibid*, p. 282.

sujeito, como a angústia de castração. Neste texto de 1919, Freud refere-se à castração como o medo de perder os olhos de Nataniel, personagem do conto de Hoffman, conto utilizado por Freud para abordar a estranheza que deixaremos para o capítulo seguinte. Por enquanto, é importante salientar que o medo de perder os olhos está referido à morte do pai e a angústia surge, portanto, como reação a um sinal à perda do objeto, a ausência sendo o elemento principal da angústia.

Ausência da bolacha na boca, ausência de preenchimento, ausência sustentada pelo filho, na medida em que ele pôde responder e ela o percebe separado, o que produzia angústia. A fala da analista trazia algo novo quando interpretava o seu pedido como algo diferente da ordem da necessidade. Eric surpreendeu quando retomou a sua brincadeira com a analista e principalmente quando respondeu, no encontro seguinte, devolvendo a bolacha. O que deixou Ana paralisada, diante do que “foi visto”.

Sabemos com Freud que algo tem que ser adicionado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho. Pretendemos assim como Freud avançar para além da equação ‘estranho’ = ‘não familiar’¹⁷.

Ele recorre a *Schelling* que dá um novo esclarecimento ao conceito do *unheimlich*, para o qual certamente não estávamos preparados, diz Freud. Segundo este autor, *unheimlich* é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz.

Quem era aquele ‘estranho de si’ que respondia? Esse duplo surgia onde antes era Um. Isso representava um abalo na idéia de Outro e trazia angústia àquela que respondia ao Outro sempre completando-o. O medo de perder, perder-se, vinha à sua consciência. Fazia-se escrava de sua mãe para não se

¹⁷ Ibid, p. 278.

encontrar com o medo de perdê-la. Lembrava da obediência à sua mãe, não era sujeito, mas alguém sufocada de palavras proferidas para satisfazer o outro.

O saber da existência desse Outro é violenta, além disso, permite a entrada do ódio que cria a separação, este inicialmente projetado na analista pôde neste momento ser deslocado à sua mãe. O que permite que ela fale, se torne sujeito da fala, mas antes tem que se a ver com sua origem traumática, da qual não pode mais fugir.

É só a partir da separação do Outro que o sujeito se torna falante, pode falar a partir desta condição de vítima da linguagem que é dada pelo Outro, a violência simbólica do saber materno.

Gori (2004), falando da relação existente entre a violência simbólica do saber materno e o ódio que ela gera, diz:

“Trata-se de uma ferida narcísica além ou aquém dos avatares dos erotismos parciais. É um modo de dizer “o ódio do saber da mãe” que podemos ouvir nos dois sentidos do termo, ou seja: o ódio em direção dessa violência da linguagem materna pela qual o grito do recém-nascido advém como uma demanda depois de a mãe ter-lhe dado um sentido, o seu, e o ódio que a mãe desencadeia ao desconhecer, por mais atenta que seja, a realidade da criança em benefício da representação que ela possa ter. Winnicott emite a hipótese que a mãe odeia o filho antes mesmo que ele possa odiá-la e saber que ele a odeia. Ele precisa que uma mãe tolere o ódio para dar uma realidade à seu filho sem cair no masoquismo. Se a mãe permanece suspensa à representação do filho imaginário, representante narcísico primário e maravilhoso, ela não tem necessidade de odiar seu filho vivo.Quero

dizer que ele permanece identificado pela mãe com uma sombra do passado que ele teria o peso de encarar. Precisarei em seguida que a figura do filho morto mantém uma estreita afinidade com este ato de desconhecimento materno da realidade do filho vivo. É a imagem que deve morrer para que o filho viva. Sem o que, quando a criança se olha no espelho do rosto materno, o que ela vê é o reflexo do desaparecido de que a mãe permanece inconsolável”¹⁸.

Podemos dizer então que o ódio é o primeiro afeto que aparece desvelando a sombra do passado e isso explica o seu desconhecimento do filho vivo. Presa neste lugar de representante narcísico primário, não podia ser filha viva, estranha, quanto mais mãe.

Quem é este outro, diferente de si? Aparece o ódio, “odeio esse outro que não sou eu”. Ana estranha este pedaço de si diferente. Percebe que não esperava pela resposta do filho. A imagem do morto inconsolável parecia prevalecer no rosto desta mãe, apontando para o que ela não queria saber, uma posição de desconhecimento sobre o filho que vinha brecando até mesmo o aparecimento do filho maravilhoso, primeira forma ainda que encoberta de reconhecê-lo.

Mas deste imenso vazio que estava o espaço filho, que não tinha lugar, alguma coisa parecia surgir, o que seria?

O que aparece é a fala da analista, que dita atesta a sua existência – *“nada concentra mais ódio do que este dizer onde se situa a ex-sistência”*¹⁹.

¹⁸ GORI, Roland. *Lógica das paixões*. Trad. Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004. p. 123.

¹⁹ Ibid, p. 125.

“Não, não precisa da bolacha!” ressoou como: “Não precisa calar a boca”, e podemos pensar: não precisa calar a boca do seu filho para ele não existir e também: não aquilo que preenche, esta parte do ser, tornada outro, para sempre impossível de ser apropriada pelo sujeito falante, constitui o verdadeiro objeto do ódio.

Esta fala incômoda veio no primeiro momento romper com a forte tentativa de Ana, de fazer do espaço analítico um processo de adaptação, ou aula, como se referia às sessões, o que reforçava a teoria do saber do Outro, deixando-a protegida na sua idealização do objeto. Nota-se que esta mãe, diante de seu objeto, só se depara com o seu “não saber”, nada sabe sobre crianças. Com sua posição passiva diante do saber do Outro, interpretados até agora por intermédio dos médicos, o que justifica a sua dependência destes.

A cena que traz o afeto rasga, desta forma, a vestimenta da aula e dói.

A dor já é uma resposta diferente de Ana, segundo Berlinck (2000), a dor é então, um limite *sui generis* porque é uma resposta a uma fratura nos limites do organismo e, portanto, do psiquismo e nos remete a nossa finitude. *“Há, na depressão, na dor e na angústia sensações que incidem espetacularmente no corpo, mas que são sempre psíquicas e que são inscrições do tempo na carne do humano, frágil e desamparada, que solicita constantes cuidados que atestam a insuficiência diante de ameaças que colocam a existência em permanente perigo”*²⁰.

A dor indica, assim, a angústia, um vazio, uma falta, uma quebra.

A dor de existir desdobra-se assim em afeto, fazendo com que aquilo que estava para além do sentido entre em seu quadro. Neste ponto a transformação apontada por Freud na origem do afeto tem sentido, graças à

²⁰ BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 60.

operação significativa do recalque, desta forma a dor do existir, a dor do saber sobre a castração, que não pôde ser subjetivada, poderá ser vivida sob a forma reconhecível da tristeza. Torna-se tristeza, algo passível de uma formulação subjetiva e de um enquadramento imaginário²¹.

Mas o que faz Ana despertar de seu sono profundo? É interessante pensarmos na repetição da cena da bolacha e na mudança ocorrida quando Ana é fisgada em seu ser e fica sem reação diante da fala da analista. O que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz, sua relação com a *tiquê – como por acaso*²². Essa é a repetição trabalhada por Lacan, remetida a Freud, que trabalhamos em análise, como um tropeção, ou a insistência do trauma em se fazer lembrar, que reaparece normalmente de forma velada. A realidade está lá em *souffrance*²³, lá esperando, diz Lacan.

É a partir de uma ruptura, entre percepção e consciência, que pode se dar a cada instante que o processo primário é apreendido, trata-se segundo Freud de uma outra cena, uma cena que precisa da outra para existir, ela é apreendida a partir de uma nova formação significativa.

Nesse texto de 1964, Lacan vai tratar então do que motiva o surgimento da realidade representada, ou seja, o fenômeno, a hiância mesma que constitui o despertar e vai para isso lembrar do sonho tratado por Freud na *Traumdeutung*, sonho difícil de ser confirmado pela tese de que o sonho é uma realização de desejo.

²¹ Cf. Vieira, op.cit. p.86.

²² Lacan (1964) toma esta palavra *tiquê* emprestada do vocabulário de Aristóteles e a traduz por encontro do real, diferenciando-a de *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do *autômaton*, e do qual é evidente, em toda pesquisa de Freud, que é do que ele cuida, diz Lacan. Cf. LACAN, O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 56.

²³ Ibid, p. 57.

É o sonho do filho morto, “daquele pai infeliz, que foi ao quarto vizinho ao em que seu filho morto repousava, repousar um pouco – deixando o filho à guarda, nos diz o texto, de um velhote, de um outro velho – e que é atingido, despertado por algo que é o quê? – não apenas a realidade, o choque, o *knocking*, de um ruído feito para tornar a chamá-lo ao real, mas aquilo traduz, precisamente no seu sonho, a quase identidade do que se passa, a realidade mesma de uma vela tombada e que vai pegar fogo na cama em que seu filho repousa”²⁴. É um sonho que não vem para prolongar o sono, ao contrário vem para despertar, a criança está perto de sua cama, pega-o pelo braço e lhe murmura em tom de censura, para recriminar o pai: “Pai, não vês que estou queimando?” Como diz Lacan, esta frase, ela própria, é uma tocha. As palavras do menino, no sonho funcionam como se o objeto tivesse ganhado voz, constituindo um ponto de real, em que a angústia acorda o sujeito apenas para que ele continue a dormir.

Esta frase é importante porque parece dizer em poucas palavras à direção que toma a análise, quando a angústia se apresenta, não dá para simplesmente nos livrarmos dela. A primeira reação de Ana é tentar livrar-se dela, impulso que da mesma forma toma a analista, o que fazer com este encontro, com este sinal de perigo que parece tão fundamental.

Como lembra Berlinck (2004): “*É, pois, no flutuante balanço proporcionado pela fala do paciente que o clínico se depara com o pathos, terra desconhecida pelo paciente, que afeta seu bem estar provocando uma vivência de mal-estar, de doença*”²⁵.

²⁴ Ibid, p. 59.

²⁵ Berlinck, Manoel Tosta. O “fundamental” da Psicopatologia Fundamental, texto apresentado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental, 2004.

Assimilar a angústia ao perigo e ao mal estar não é novidade, podemos nos referir a ela como o mal necessário.

Sabemos com Freud a partir do artigo de (1926[1925]) Inibição, Sintoma e Angústia que a angústia assim como a castração torna-se fundamental, ela é fruto de um perigo externo e está ali, como para ser encontrada.

O desejo da criança pela mãe era considerado por Freud como o elemento primordial da constituição do sujeito, ele acreditava que este amor se tornaria inaceitável naturalmente, e percebe que isso não é possível, ele precisa ser tornado proibido. É justamente a ameaça externa que dá a este amor um caráter de perigo interno. Trata-se, portanto de utilizar a angústia na sua anterioridade lógica, para tornar este amor proibido e ameaçador, levando-o a ser recalçado.

O caso do Pequeno Hans ajuda Freud a chegar a sua nova compreensão. Que perigo é este que aterroriza Hans e põe em marcha o recalque? Com a substituição que faz do pai ao cavalo, a angústia é transformada em medo e perde seu caráter difuso. O seu conteúdo, ser castrado pelo pai é substituído, mas a angústia permanece inalterada na formação do sintoma. Não é uma angústia de alguém, que pode ser evitada, mas uma angústia mais originária que só pode ser simbolizada.

Como conviver com a realidade faltosa? Poderia ser resumidamente traduzida a queixa de Hans.

Assim a partir desses questionamentos desenvolvidos no artigo, Inibição, Sintoma e Angústia, Freud dá à angústia um novo sentido, a castração ao conferir ao caos o caráter de gozo proibido, constrói apenas retroativamente a promessa de satisfação, produzindo angústia. Desta forma, entendemos que o que existe para todo sujeito é o caos original e não a

satisfação original. Então o perigo está sempre presente e o objeto não é mais daqui, deste mundo. Freud situa mais claramente a impossibilidade do reencontro com o objeto, antes disso não era tão clara esta idéia de um objeto para sempre perdido, o que introduz a questão: como temer a separação de um objeto do qual sempre se esteve separado? Ou ainda: O que é um objeto que não é deste mundo? Questão que será respondida por Lacan com o objeto *a*²⁶. Voltaremos a isto.

Mas antes, podemos retornar ao sonho citado onde as chamas consomem o filho para voltar ao sujeito do nosso caso. Estas chamas fornecem deste modo uma melhor descrição dessa dor de existir que devora o homem. Assim é que “pai, não vês que estou queimando?” pode ser lido como “pai, não vês que gozo?²⁷”.

Trata-se de um excesso, de uma paixão que acorda, e só pode ser sentida como sem sentido, por isso mal estar. Este é o ponto central deste trabalho e mostra a importância da cena da bolacha, de onde podemos traçar o caminho da paixão ou mesmo o seu sentido. Este equivale à falta e pode ser tratado no plano do fenômeno, seja como positivo, seja como negativo. Como negativo temos a excitação excessiva dos sentidos, gozo, e do positivo a falta inscrita no corpo, desejo.

Assim, a hipótese a ser percorrida onde a paixão, gozo, intocada é silenciosa e não provoca nem mesmo mal estar, como vimos na apatia apresentada por Ana, antes do tratamento e um outro lado quando se depara com pathos, um processo de tensão se instala, da situação da derrocada do eu em face do real, revelando aquilo que estava escondido. Seria este um dos sentidos da paixão, sofrer uma transformação que liberta o sujeito de sua

²⁶ Cf. Vieira, op.cit., p. 67.

paixão? Este seria o lado positivo, muito embora estes limites entre uma e outra não são tão claros assim, mesmo porque há um deslocamento de uma para outra.

...

O aparelho psíquico freudiano constitui-se como uma camada de proteção contra o excesso de estímulos. Somente a partir desta operação inaugural, torna-se possível ler o caos e fazer dele um mundo.

Esta é a razão pela qual o trauma é referido a um tempo mítico, universal, e é caracterizado como desamparo. É como se houvesse um ponto entre o nascimento e o choro que marca um suposto intangível, em que uma criança reagiria ao mundo como se este não fosse mundo ainda. O mundo, como tal, afirma Vieira (2001), só abre as suas portas ao entendimento a partir do momento em que o choro marca uma referência a um Outro, depositário de alguma grade de leitura do que chamamos caos²⁸.

Somos conduzidos com Freud a uma concepção de trauma, anterior a própria realização do mundo. Depois da famosa revelação: “Não acredito mais em minha neurótica”, marco de virada que ganha contornos precisos em 1920, o trauma não se origina mais do encontro com a sexualidade do adulto, como uma sedução que não pôde ser contida pela criança.

É a partir daí que Freud formula um momento mítico de desamparo, de contato sem intermediários com o mundo, que só pode ser vivido na forma horrorizante de um “afluxo incontrolado de idéias”²⁹.

²⁷ Cf. Vieira, op. Cit. p. 87.

²⁸ Ibid, p. 62.

²⁹ Ibid, p. 61.

O Outro materno é, portanto, fundamental para introduzir o bebê a esta realidade que precisa ganhar um significado.

A negligência desta mãe aqui analisada é não poder dar significado a isto que a toma. No lugar do significado ficam as ocupações, fica agradando o filho, ‘se dando’, mas suas ações são sacos vazios, porque o produto que vale para a troca significativa é o afeto, que estava de fora.

Ela quer saber o que faz de errado, se compara a outras mães para ver que não é a única que erra, “vejo mães fazendo uns absurdos que eu não faço mais”, diz ela.

Ela quer acertar, mas porque está tomada pelo olhar do Outro e quer ser eficiente para o Outro. Este que precisa ser marcado pelo não saber como condição para o discurso subjetivado, mas este não é nem mesmo questionado.

Ela esta capturada, desta forma, só pode responder ao filho de maneira eficiente onde nada lhe falta, a não ser a sua voz.

O **seu** pedido por bolachas, palavras recheadas de saber que saciam a fome angustiada de não saber e ver no filho seu próprio desamparo é intenso. O pedido de que algo a complete é intenso.

A ausência traz angústia, reaviva a sua primeira experiência de separação, Freud é claro quando fala da ausência sentida pela criança quando a pessoa que ela espera que ama lhe falta, sente primeiramente quando está só, depois quando está no escuro e diante de um estranho quando, no lugar deste, esperava pela mãe.

Estes elementos estarão sempre relacionados à angústia infantil diz Freud, angústia ligada à perda de amor e, melhor dizendo, à perda do objeto. Lacan avança dizendo que neste momento a presença do Outro, da mãe, transforma o grito da criança em demanda. E aqui precisemos que este grito é puro gozo, ou afluxo incontrolável de idéias, como chamamos anteriormente e

é só a partir da introdução da presença do desejo do Outro que o grito entrará na cadeia significante, tornando-se demanda.

Eric grita, Ana cala-se. Se fala, queixa-se de não conseguir ser amada como sujeito, não se cansa de dizer: “Ela não me ama por aquilo que sou, ela me ama como ela me quer”.

É só capturada como objeto e como imagem que pode ser amada.

Com sua voz, Ana não atinge o filho, sua voz se perde, fala usando a palavra do Outro e assim não fala. Só fala quem pede, pede quem não tem. Esta perda da voz, também do pai de Eric, é percebida como uma irritação com os avós maternos e paternos, que exercem uma influência violenta sobre eles.

Ana percebe que fez o que lhe foi pedido pelos pais, infinitos exames e consultas com o Eric. Tudo isto para provar o quê? Para quem?

Este casal está completamente submetido ao Outro, apagados da ‘série complementar’³⁰ e colocados como os que “não valem nada”.

O que os quatro avós vêm pessoalmente confirmar com a analista, marcam uma reunião, onde a analista recebe os quatro, eles se apresentam, cobram um diagnóstico mais preciso e, ao demonstrarem a preocupação com Eric, se colocam à disposição. Fazem questão de dizer de quem é a Voz que fala.

A voz que falta ao casal, que sem esta não podem dizer ao filho. Segundo Vasse (1977), voz que enquanto suporte da palavra, ouvida ou proferida, traz a dimensão da separação e do encontro que organiza a vida³¹. Estamos diante

³⁰ Termo utilizado por Freud para falar da combinação da constituição sexual com o fator da experiência infantil na causação da neurose. Cf. FREUD, S. (1916-1917[1915-1917]). *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XVI. p.423.

³¹ VASSE, Denis. *O umbigo e a voz: psicanálise de duas crianças*. São Paulo: Ed. Loyola, 1977. p. 87.

destes pais de uma “geração roubada”³², assim a sua voz (voz do outro) é um barulho, sem significado.

Muito comum aos autistas, que não respondem e tem seu diagnóstico confundido com o de surdez, simplesmente porque não podem responder àquilo que não tem significado. Famoso e terrível barulho é a voz sem sentido.

O filho autista responde não servindo, é um filho em desacordo ao seu desejo. Eles precisam de algo que os represente narcisicamente, precisam desejar para dar sentido a voz do outro, ao grito do bebê.

Como resgatar esta geração roubada?

Tratamos em outro lugar deste desalento, do olhar roubado que estes pais traziam; a partir do texto freudiano “Sobre a transitoriedade (1916[1915])”.

Neste, Freud relata a história de uma caminhada no parque com um poeta e lamenta ver que este não pode olhar a paisagem porque sabe que não terá esta visão por muito tempo. “De que adianta ter se sabemos que vamos perder?” pergunta-se Freud.

É a conclusão a que chega após grande estranheza que lhe causou a companhia do poeta, sem que ele pudesse tirar daquilo qualquer alegria.

A partir disso, Freud infere que algum fator emocional poderoso estaria em jogo e sugeriu que o que lhe estragou a fruição da beleza deve ter sido uma revolta em sua mente contra o luto, onde ele antecipara o luto pela morte desta mesma beleza, portanto sua mente trazia junto com a fruição da beleza, pensamentos sobre a sua transitoriedade, como se defendendo de algo penoso.

Para não perder, perdia-se. Estava aprisionado à quem? A um outro? À uma voz? À uma imagem? A um corpo?

³² Termo emprestado de Alfredo Jerusalinsky, para dizer de uma geração apagada, como um elemento constituinte do autismo. Trabalho de supervisão, 2006.

Este texto de 1916 traz um enunciado da teoria do luto contido em *Luto e Melancolia* [1917(1918)] onde Freud escreverá: Como conviver com esta primeira desilusão ligada à promessa de amor materno?

Podemos assim, pensar em Ana, desiludida deste amor vem o desalento, pensamentos sobre a transitoriedade como um esvaziamento do desejo, e uma resposta melancólica à pergunta: o que mesmo vale a pena?

Nada vale a pena quando o dito do outro, eixo fundamental para o sujeito estar no mundo é: “Você não vale nada”. Pra que olhar? Este olhar captura. Quem é este outro de quem não pode separar-se?

Deixa-a totalmente a mercê do Outro, numa espera infinita. Quem é esse outro amado e agora desaparecido? Nesse mesmo artigo, Freud, para se referir a pessoa que foi perdida, escreve objeto e não pessoa, “afinal de quem faço luto?”.

A inibição do melancólico nos parece enigmática, diz Freud, “porque não podemos ver o que é que o está absorvendo completamente”. Ele vai tentando explicar este enigmático dizendo que a catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego e assim serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado o que o leva a sua famosa frase: a sombra do objeto caiu sobre o ego, como se fosse um objeto, o objeto abandonado³³.

Há uma identificação narcisista com o objeto e esta substituição da identificação pelo amor objetal constitui importante mecanismo nas afecções narcisistas, diz Freud. A identificação como etapa preliminar da escolha objetal, a primeira forma, que expressa, portanto, de maneira ambivalente a escolha de um objeto pelo ego, explicaria o surgimento do ódio. O ego deseja incorporar para si

³³ FREUD, S. (1917 [1915]). *Luto e Melancolia*. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV. p. 281.

este objeto, e, em conformidade com a fase oral canibalista do desenvolvimento libidinal, assim deseja fazer isso devorando-o³⁴.

A perda do objeto amoroso, ou a separação/desidentificação vivida por Ana, na cena da bolacha traz a ambivalência relativa às relações amorosas, mas tratando-se da auto-recriminação expressada nestes casos, a pessoa se torna culpada pela perda do objeto amado, desejado. Isso é visível na auto-tortura da melancolia, diz Freud, se o amor pelo objeto não pode ser renunciado, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, ele próprio, fazendo-o sofrer, abusando sadicamente de seu sofrimento.

Este sadismo que soluciona o enigma do suicídio, como nos explica Freud, que torna a melancolia tão interessante e perigosa. “Tão imenso é o amor de si mesmo do ego, que chegamos a reconhecer como sendo o estado primevo do qual provém a vida instintual, e tão vasta é a quantidade de libido narcisista que vemos liberada no medo surgido de uma ameaça à vida, que não podemos conceber como esse ego consente a sua própria destruição”³⁵.

Freud acentua que nas duas situações opostas, de paixão intensa e de suicídio, o ego é dominado pelo objeto, embora de maneiras diferentes. Não tão diferentes assim, se olharmos que o resultado da paixão também é morte, morte do sujeito.

Podemos entender isso quando vemos que o ego é dominado pelo objeto, “refugiando-se no ego o amor escapa à extinção”³⁶. Uma boa forma de não se desfazer do objeto da paixão e podemos compreender assim a luta maníaca em que entra Ana quando a permanência do objeto é colocada em cheque diante da ausência que se presentifica com a cena.

³⁴ Ibid, p. 282.

³⁵ Ibid, p. 284.

³⁶ Ibid, p. 290.

Ela começa a querer se entregar ao outro, iniciam-se as fantasias de traição ao marido, quer se dar, quer ser possuída por outro. Seria uma tentativa de se livrar do Outro ou mantê-lo?

Voltamos a pergunta quem é o Outro?

Se a idéia/imagem de objeto, como vimos é guardada no sentido de preencher uma falta, não há resposta. Essa pergunta insiste, talvez porque não há uma resposta. Nesse sentido Lacan avança e chama de objeto *a* o que Freud chama de objeto, no sentido de responder com a letra *a*, a pergunta quem é o outro? A letra *a* é uma maneira de nomear uma dificuldade, diz Nasio³⁷, ela surge no lugar de uma não resposta, no espírito lacaniano, diz ele, que em vez de resolver um problema, dá-lhe um nome, seria o artifício utilizado para contornar a rocha do impossível, por onde pretendemos avançar mais adiante.

*“seria preciso que alguém me dissesse: Não se angustie mais, você já o (a) perdeu... “esta antecipação em ver desaparecer aquele objeto de sua paixão, que parece amedrontá-lo mais do que tudo, este desaparecimento do temível que o apaixonado declara jamais poder suportá-lo, mostra a psicanálise que ele o teme tanto mais quanto ele sabe o que o espera, não tendo podido se construir psiquicamente sem tê-lo já atravessado. Por menos consolador que seja este ensinamento, ele não deixa de ser um dos recursos mais pertinentes na abordagem dos estados passionais, recurso que se impõe ainda mais pelo fato de que a experiência analítica lhe dá toda consistência”*³⁸.

³⁷ NASIO, J.D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. p. 93.

³⁸ Citação de Roland Barthes citada por Gori (2004), op. cit. p. 34.

Estes estados passionais mostram que muito embora angustie não há como se construir psiquicamente sem atravessar este luto do objeto da paixão. Sem poder avançar no luto do objeto perdido, adormece-se o afeto.

Encontramos em Gori (2004) uma expressão muito interessante para isso, ele se refere a um “traumatismo comum” nome dado àquilo que sua prática psicanalítica possibilita testemunhar que o aniquilamento do humano não passa apenas pelo assassinato ou pelo ódio passional. O aniquilamento do humano, de sua subjetivação na e pela palavra, pode também passar por uma paixão conformista, durante a qual o indivíduo se elimina como desejante, isto é, como enlutado. A isto chama de “traumatismo comum”, para designar esses mortos vivos da adaptação social ou formal³⁹.

Esta descrição assemelha-se muito ao que assistimos neste caso, Ana parecia viver esta banalidade frente à paixão, ou melhor, ainda, tornava a paixão comum, tirando o brilho tão esperado desta. Estamos justamente chamando a atenção para este aspecto silencioso, melancólico da paixão ainda que soe estranho aos nossos ouvidos, já que contradiz o senso comum que costuma associá-la a intensidade, fogo, barulho e energia.

Esta posição coincide com a que Silva (1998) trabalha na sua dissertação de mestrado “Afeto e representação nas psicoses infantis precoces” em relação ao autista, autóctone, aquele filho que brota, que tem que se fazer, porque não vem para despertar paixão e investimento, fica sendo então um filho da natureza. Ele diz:

“A noção de autoctonia aparece para dar conta desse lugar possível para o autista. Um lugar que não o remete a

³⁹ Ibid, p. 94.

nenhuma anterioridade pessoal marcada pela dissolução edípica de seus pais. Mas uma criança referida a alguma espécie de auto-engedramento, a um nascer/brotar da terra e não de dois anatomicamente distintos, que se reconhecem como diferentes, desejantes de gerar uma vida que vai pouca-pouco se diferenciando e constituindo-se como um sujeito desejante”⁴⁰.

Assim podemos pensar a partir do caso que estamos trabalhando, em adicionar a esta noção que esta criança não desperta paixão e investimento por que sua mãe estava cativada por uma imagem de criança morta, “inconsolação materna”. Esta que se elimina como desejante, mas responde eficientemente ao Outro, enquanto representante do seu amor, como se, tivesse ficado retida no “quero ser tudo para você”.

Podemos pensar que este outro não existe assim como na paixão amorosa, onde não há objeto outro? Onde o outro só pode existir como resto, objeto *a*.

Ana parecia plena. Nada poderia atingí-la, nada é o que pode imaginar ou interpretar de seu filho, aquele que traria lembranças de um tempo onde alguma paixão possivelmente foi vivida. Como um sujeito pode desprender-se deste destino cruel, quando nem mesmo as formações do inconsciente, os sonhos ou lapsos podem aparecer? Seria a cena da bolacha uma saída possível?

Poderia o sujeito curar-se desta paixão?

⁴⁰ Cf. SILVA, Antônio Ricardo Rodrigues. *Afeto e representação nas psicoses infantis precoces*. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. p. 3.

CAPÍTULO 3

A PAIXÃO AMOROSA

Eu sei que vou te amar,
Por toda a minha vida eu
vou te amar
Em cada despedida eu
vou te amar,
Desesperadamente eu sei que
vou te amar.
E cada
verso meu será
Pra te
dizer
Que eu sei que
vou te amar
Por toda a
minha vida....¹

Ana nada poderia saber para não afetar seu estado de desalento, “bela adormecida” que não podia acordar. Acompanhamos uma fratura que se abre e Ana começa a sentir raiva, raiva das várias mães a quem

¹ Vinicius de Moraes, Eu sei que vou te amar.

vem respondendo, se vê subjugada ao outro e luta para não se perder novamente nesta imagem.

Neste momento, um recuo acontece, ao terror vivido é dado o nome de autismo, neste a busca desenfreada pelas provas, leva-os ao Mestre², indicado pelo ‘Pai todo poderoso’, pai do pai, e este diz: “Porque não dizer autista do seu filho”.

Fazendo ressurgir a voz que diz: “Vocês não valem nada”.

Quase de volta ao desalento e à estagnação, comprovação do filho autista, ouvem o grito de Eric, que endereça o desespero aos seus pais correndo o risco de receber um “nada”, um vazio à sua demanda.

O incômodo de Ana, após o acontecimento da cena da bolacha foi seguido de um terror, onde Eric teria andado para trás, teria piorado e estava “surtando”, tendo crises horríveis como assistimos anteriormente na suas crises de angústia, onde ele chorava muito e era difícil acalmá-lo.

Ela desorientada procurava a ajuda da analista para entender o filho, ele só chorava e puxava os pais pelas mãos, coisa que já não fazia com tanta frequência. Esperneava quando não faziam o que queria e eles não o entendiam, não conseguiam pará-lo ou acalmá-lo.

Era estranho este comportamento tão regredido de Eric. Estaria ele reagindo à mãe angustiada que buscava a palavra salvadora e dizia: “acho bom saber logo que ele é autista, assim tratamos e pronto”. Seria o seu pedido de ajuda?

² Os pais de Eric viveram, neste momento, um verdadeiro terror relacionado à doença do filho, auxiliados pela família foram à diversos profissionais (neurologista e psiquiatra), assim como, pensaram em viajar para algum centro de excelência em autismo, como uma clínica arranjada pelos avós fora do Brasil. Isto os levou a este médico que chamo de Mestre e foi indicado como o “Papa” em autismo. Importante ressaltar que este médico não era reconhecido no meio médico, o que deixa o “papa” em autismo muito mais próximo da indicação do pai/avô que dá este mérito ao médico em questão.

A analista foi também levada ao Mestre (médico), quando constatou lá, a repetição da fala que não importava e frente à figura tão imponente, não foi sem surpresa que encontrou um homem ‘mirradinho’, por trás daquela mesa grandiosa de saber, que dizia de um autista que ela não reconhecia.

Teria se iludido com as conquistas de Eric, teria o trabalho avançado daquela forma que se apresentava ao seu olhar? Uma angústia diante do saber tomava a analista, um ataque ao sentido foi vivido por ela naquele momento.

Foi preciso uma volta ao setting, lugar de construção, para esta experiência causadora de angústia diante do saber do outro ganhar um sentido transferencial. Na conversa com a mãe de Eric pudemos entender de que saber se tratava. Lá foi possível trazer de volta o grito de Eric, que quase se perdia novamente, sem ganhar sentido, escondido na sombra das grandiosas palavras do mestre.

Só assim Eric voltava a ser figura num fundo nebuloso que insistia em se manifestar.

Ana pôde voltar “a saber” do filho, e, desta forma, suportar o desconforto do estranho. O lugar vazio, marcado por uma ausência, trazia novamente o instante de angústia experimentado, pelo sujeito, ao ver sumir sua Imagem e seus pontos de referência, tudo que lhe era familiar, “sua casa”. Isso a levou a um corte com o mestre, dono do saber.

Vínhamos tratando do objeto da paixão, este que, possivelmente, ocupava um lugar importante, causando um filho sem lugar de sujeito, um autômato, objeto de pura dependência e agora a partir do tratamento, objeto “estranhado”.

A entrada neste universo da paixão era difícil, a analista muitas vezes era puxada para este mundo fusional, atraída por uma força, não facilmente identificável. Aos poucos retomava certo equilíbrio e ganhava algum espaço nomeando alguns estados de indiferenciações que ali apareciam. Estes estados eram constantemente observados nas crises de Eric, indecifráveis. Tratava-se de uma angústia impensável e na maioria das vezes impenetrável.

Com a transferência instalada, a angústia pôde ser sustentada e o olhar de um outro, estranho, foi possível para Ana, que começa a estabelecer uma ordem onde, antes, o caos predominava.

Os pais de Eric viviam numa relação completamente sem limites com o filho, isto podia ser percebido nas suas ações, especialmente nos finais de semana. Era um exagero de programação que se propunham a fazer com ele e quando, na última peça de teatro, ele não se comportava bem, estava desconcentrado, irrequieto, sem paciência, não se davam conta do excesso exigido do filho. A analista cansada só de ouvir o relato, dizia “*Ufa*” e num tom sugerindo surpresa dizia, “*só isso?*”.

Este tom jocoso da analista foi o bastante para produzir o riso nervoso de Ana, onde pôde se responsabilizar pelo acúmulo do ‘*Todo*’ exigido de Eric, embarcada na ansiedade que aí se destacava. Ela completou: “*Olha o que fazemos com ele*”. Esta vem cortar a fala comprometida, sempre amarrada às ações do filho onde parecia querer estabelecer uma medida para ver se o filho tinha um comportamento “normal”. E fazia de forma a confirmar sua teoria, quando o doente realmente aparecia.

Depois disso a fala de Eric, também aparece menos comprometida, mais desgrudada do Outro, ganha uma expressão própria, apesar de usar a terceira pessoa e apresentar uma fala espelhada, ela ganha uma expressão

própria e se distância da pura repetição, aparece um certo endereçamento na sua fala, um eu em constituição.

Eric começa a se identificar com o pai, elege o carro como seu brinquedo predileto, se interessa pelas marcas destes e sabe todas de cor. Brinca com eles, tentando organizar uma família, fala: “*cada um no seu quarto*”, põe a Mercedes para dormir e canta “*nana, neném, que a cuca vem pegar... o jaguar foi trabalhar*”. Dá bronca nos bonecos e cuida deles, dizendo: “*cuidado pra não cair*” e assim caminha a sua brincadeira, elaborando os limites entre ele e o outro, testando o outro e tentando se equilibrar neste limite tênue que começa a se estabelecer aí.

Para o pai de Eric, a separação é impensável e a entrega, total. Irrita-se ao ver que o filho não se contenta com nada, larga a direção do carro enquanto dirige, só para atendê-lo, e bravo pergunta: “*o que quer de mim?*” Sua sentença é esta, está preso a esta fala, ao Outro. Assim não consegue responder ao filho. É Eric que na sua brincadeira predileta está dizendo por ele: “*Não pode!*”.

Ana percebe e se incomoda muito com a falta de posição do marido em relação ao filho, e interpreta-a como uma dependência ainda maior ao seu pai.

Este incômodo com o marido vem destronar a posição do Mestre, o Dr. X, antes o salvador, indicado pelo avô, que passa a ser mais um que cobra posições dela, assim como, sua mãe e seu sogro. Ele passa, desta forma, de curador a vilão.

O que fazer com esta herança familiar, o peso da família fica insuportável, é possível alguma transformação? Como filhos desamparados, estes pais, se consolidam transferencialmente, pedindo coisas. Como ser?

O rompimento com o mestre, sábio, porém devorador é um corte importante que Ana estabelece.

Neste momento, ela passa a questionar a educação de Eric, o dormir na cama dos pais, ciúmes da irmã³, a forma de comer e até a siesta da tarde. Questões de um outro universo, de uma mãe desamparada no seu saber sobre o filho. Começa a interpretar as ações do filho, sabe agora diferenciar um choro de manha, de ciúmes e de cansaço, seu filho não apresentava mais crises ou chiliques e estava se comunicando bem melhor.

Ana, numa sessão de Eric, irrita-se com a fala do filho e percebe que quer ‘consertá-lo’, angustiada e num esforço de separar-se dele, faz um pedido de análise, um lugar para ela.

A transferência introduziu um ambiente acolhedor onde a angústia pôde aparecer no lugar de respostas imediatas à pressão de uma boca devoradora que lhe dizia: Seja assim! Pôde assim, se deslocar da imagem onde estava fixada, de “*saciar a mãe insaciável*”⁴ e conseguiu pedir, falar, se separar, imaginava um espaço para si.

A palavra como objeto de troca era usada de forma a não magoar a analista. Alguma brecha de separação se alojava aí também.

Ana surpreendia-se com as conquistas do filho e como ele vinha respondendo bem aos seus cortes. A chupeta foi um exemplo disso, “*parece que ele estava esperando por isso, é como se dissesse, finalmente, ela se tocou que não preciso mais disso*”, disse ela à analista.

³ Esta que não está muito presente e passa a fazer parte destas cenas familiares, na análise de Eric, a partir do seus ciúmes, ou seja, quando ele passa a introduzi-la. Ela nasceu quando Eric tinha dois anos, este nascimento, assim, como a gravidez foram silenciosos até este momento.

⁴ Termo que tomo emprestado de Lacan, 1957, “O Falo e a mãe insaciável”. Cf. LACAN, (1957). O objeto Fetiche. In *O seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 182.

Privado da mãe, Eric se volta ao pai, com um choro manhoso pede “*quero papi*” para qualquer ação onde queria deixar claro que precisava do outro. O pai é, portanto, chamado para obturar esta falta do filho e se empresta muito bem a isto. O que deixa Ana muito brava e exige dele que ponha o filho para fora da cama deles. Este não sabe como responder.

Como preservar o seu pequeno órgão diante do pai devorador? Aparece o medo, paralisado não se posiciona e diferentemente de Ana, precisa da figura do mestre para se assegurar de suas ações. Seus fantasmas impedem o desenvolvimento do filho, é o que vai se evidenciando no tratamento de Eric.

Uma viagem para terra natal do pai vem comprovar a sua falta de posição em relação ao filho. Uma viagem patrocinada pelo avô para comemorar o seu aniversário aparece e assim leva toda a família a um belo restaurante e lá uma cena lhe afeta. A angústia só é revelada na medida que conta a cena à analista. Eric parecia cansado e chorava muito, quero o ‘*papi*’ dizia repetidamente. Seu pai, Gil, não sabia como acalmá-lo, ficou dividido porque desta vez queria aproveitar o almoço do pai. Nesse momento de desespero, olha a mesa e esperando pela ajuda do ‘Pai’, viu este, entretido com os outros, desta forma, identificado com o filho, sente-se totalmente desamparado.

Entra em cena, um médico, que estava no restaurante e provavelmente se afetou com o desespero do menino e começou a dar conselhos ao casal. Ana viu neste sujeito a imagem horrorosa do Mestre ressurgindo e, ao mesmo tempo, constata no marido uma total fascinação por aquele que para ela era um estranho. A falta de potência do marido diante do mestre deixou-a muito nervosa e saiu de perto deles.

Esta cena impulsionou Ana, como desabafa à analista, a ligar para o neurologista, assim que chegou de viagem, pedindo uma reunião onde pudesse entender o que acontecia com Eric. Mas quando acabou de formular o seu pedido se deu conta do seu desespero. Queria um homem- médico- mestre que fizesse do seu homem alguém potente ou que alguém cuidasse do ódio que sentia em vê-lo (o seu marido) fascinado pelo Outro? Não se tratava de Eric, não desta vez. Seu desejo apontava para algo mais além do filho, aquela imagem da qual tentava se afastar era de novo projetada na sua frente, era a sua imagem, que vista no espelho produzia muito ódio.

Eric nesse momento traz a sua angústia para análise, chora muito diante do desencaixe de uma peça, parece chorar diante da impossibilidade do encaixe perfeito, a regressão é vivida na transferência e diante do “*quero papai*”, agüentando sua dor, pôde construir uma casa, uma casa **grande**, para morar um homem chamado Aladim, certo príncipe. Inicia, assim, suas construções, uma construção simbólica num processo de elaboração em análise.

I. O ÓDIO

Para entendermos este momento de separação iniciada com a figura do mestre é importante retomarmos a paixão nesse aspecto do ódio que ela produz diante da Imagem que revela o outro de si.

Quando durante a fase do narcisismo primário, o objeto faz a sua aparição, o segundo oposto ao amar, a saber, o odiar, atinge o seu desenvolvimento. No texto de 1915, “Os instintos e suas vicissitudes” Freud

diferentemente do que havia assinalado antes concede à indiferença o primeiro lugar, por ser o que primeiro surge no curso do desenvolvimento.

Na medida em que o ego é auto-erótico, não necessita do mundo externo, mas, em consequência das experiências sofridas pelos instintos de auto-preservação, ele adquire objetos daquele mundo, e, apesar de tudo, não pode evitar sentir como desagradáveis, por algum tempo, estímulos instintuais internos. Sob o domínio do princípio do prazer ocorre agora um desenvolvimento ulterior do ego. Na medida em que os objetos que lhe são apresentados constituem fontes de prazer, ele os toma para si próprio, os 'introjeta' (termo de Ferenczi); e por outro lado, expelle o que quer que dentro de si mesmo se torne causa de desprazer⁵.

Assim, o odiar caracteriza a relação ego - mundo externo, os objetos coincidem com o que é estranho e odiado.

Freud refere que a palavra amor só entra em jogo após ter havido uma síntese de todos os instintos componentes da sexualidade sob a primazia dos órgãos genitais e a serviço da função reprodutora. Já na palavra ódio esta mesma conexão do prazer sexual com a função sexual não aparece. O ego odeia objetos que trazem sensação desagradável a ele. Assim, os verdadeiros protótipos da relação de ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do ego para se preservar e se manter.

Só depois de estabelecida a organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio. Este, enquanto relação com os objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo.

O ódio mesclado ao amor provém em parte das fases preliminares do amar não inteiramente superadas. Se a relação de amor for rompida, o ódio

⁵ FREUD (1915). Os Instintos e suas Vicissitudes. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV. p. 157.

surgirá no seu lugar, teremos uma impressão de uma transformação do amor em ódio, o ódio é aqui reforçado por uma regressão do amor a fase preliminar sádica, de modo que o ódio adquire um caráter erótico, ficando assegurada a continuidade de uma relação de amor⁶.

Discorrendo sobre a inversão da pulsão em seu contrário, Freud distinguiu dois casos ilustrativos. O primeiro foi exemplificado pela oposição sadismo/masochismo e voyeurismo/exibicionismo, a inversão se efetua quanto ao seu alvo. O segundo, ilustrado pela transformação do amor em ódio, diz respeito à inversão do conteúdo.

Isso é importante porque mostra que o ódio não pode ser reduzido unicamente à imagem invertida do amor. Ele realmente diz respeito a uma configuração mais antiga que o amor, o que viria a ser alguns anos depois a pulsão de morte.

O ódio que ameaça o próprio sujeito do ódio não pode ter a sua energia eliminada, mas pode ter seu conteúdo invertido, então se transforma nesse tipo de amor excessivo, obsessivo, extremamente ativo que precisa de toda atividade para impedir que irrompa sua verdadeira face⁷.

Esta constitui a parte para sempre excedida e inominável do ser, da qual o objeto perdido do melancólico oferece apenas a representação fantasmada.

Esta parte do ser que escapa a apropriação constitui o verdadeiro objeto do ódio. Este constitui o Real – como ponto de impasse de qualquer formalização.

⁶ Ibid, p. 161.

⁷ Cf. KEHL, Maria Rita. A Psicanálise e o Domínio das Paixões. In Novaes, Adauto, *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: FUNARTE/Companhia das Letras, 1987, p. 481.

Por que este ódio pelo outro, o estranho, o diferente de mim mesmo, que precisamente se assemelha a mim como irmão?⁸. Para encarar o Outro, precisamos dos outros. Precisamos dos outros para testemunhar, através da sua própria existência, que este Outro em nós está sempre vivo.

Na posição de Gori, a lógica da paixão com o ódio vem de uma racionalidade que consiste, no ato violento, em ferir onde fomos atingidos. Mas afirma ele: “O ódio revela-se também uma tentativa de curar-se. Curar-se de quê? Certamente, curar-se da ilusão da paixão amorosa”⁹.

Odiar o marido é ao mesmo tempo querer livrar-se da imagem a que é remetida por ele, como estar seduzida por ela. Esta que está relacionada a imagem do mestre, outro em sua imagem que me atrai e me rejeita; eu só sou no outro e ao mesmo tempo ele me é estranho, esse outro que é eu mesmo, é, portanto, outro que não eu mesmo.

A agressividade que se apresenta nesse momento é inerente a este amor da relação dual, representado pelo mestre, que leva ao: ou o outro me mata ou mato ele, como o senhor e o escravo, revelando uma dependência de relação.

Mas, por outro lado, este estranho a mim mesmo, este outro, é um eu que se torna ele e introduz um terceiro na conta do Um, do Um diante do amor, aspiração de uma unidade primordial.

Neste sentido podemos entender com Lacan partindo da díade da mãe-filho narcisista, onde amplia as observações de Freud em “Sobre o Narcisismo: uma Introdução”, apontando algo mais além da inclusão que a entrada do terceiro elemento causa, levando a criança ao desmame e a uma

⁸ Cf. GORI, Roland. *Lógica das paixões*. Trad. Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004. p. 87.

⁹ Ibid, p. 90.

nova estruturação. Antes disso, diz ele, há que se precipitar uma forma primordial que é a sua imagem no espelho, a imago, como sabemos momento fundador do eu.

Assim é importante lembrar que na relação com o semelhante o sujeito é visto como presença inquietante e causa repulsa.

Freud trata do eu, antes de tudo, como uma projeção de uma superfície corporal, que se forma por identificação, e que sua constituição implica um novo ato psíquico. Utiliza a leitura do mito de narciso para colocar o tema do duplo, da gênese do eu e da paixão mortífera¹⁰.

Segundo Freud a imagem “sua majestade o bebê”, esta identificação com a imagem especular exterior deve ser convertida em imagem interna para o advento do eu, e, baseado neste deslocamento dentro - fora, Lacan postula que a estrutura do eu é paranóica. Um exemplo disto é que a criança ao se relacionar com outro, trata-lhe como si mesmo, como se seu semelhante fosse seu duplo e é a partir desta noção indiferenciada que o eu vai se formando.

O narcisismo nos ensina que se a imagem não for fissurada, se o fascínio persistir a ponto de cristalizar a libido no eu, impedindo que ela se volte para o mundo, é a morte que desponta.

Esta articulação entre amor e morte no fascínio da imagem do corpo aparece nas elaborações de Freud (1919) sobre o duplo. O duplo, semelhante, retrato do mesmo sendo outro, como Narciso se olhando no lago (sua imagem refletida), causa sempre o estranhamento, por juntar em um

¹⁰ Cf. DIAS, Sandra. *Paixão do Ser: uma captura monstruosa*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998. p. 31.

mesmo objeto o familiar e o horror, o reconhecimento e o que não se encaixa. Uma das características do duplo, importante lembrar, é ser imortal.

O estágio do espelho de Lacan (1949) colabora para este entendimento do fascínio pelo duplo “..a permanência do [eu], ao mesmo tempo que prefigura a sua destinação alienante; é também prenhe das correspondências que unem o [eu] à estatua em que o homem se projeta, e aos fantasmas que o dominam, ao autômato, enfim, no qual tende a se consumir, numa relação ambígua, o mundo de sua fabricação”¹¹.

Nele a criança na sua prematuração específica precipita-se da insuficiência para a antecipação. No encontro do Bebê com sua imagem no espelho, o primeiro esboço de eu se constitui.

No entanto a imagem de unidade, do corpo antes despedaçado do bebê, apresenta um caráter de engodo, pois o bebê se reconhece numa imagem que se apresenta invertida, apontando a separação entre o reflexo e o que é refletido. Situando a instância do eu, desde antes a sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irredutível para o indivíduo isolado¹².

Há um ‘apaixonamento’ por si próprio, porque tal imagem ganha característica de objeto, o outro é tomado como mesmo e o ponto importante é a ilusão criada a partir disso, de que ama um outro.

Ilusão que é favorecida já que o narcisismo e o estágio de espelho apontam para um eu partindo de uma função de desconhecimento que o

¹¹ LACAN, Jacques (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 98.

¹² Cf. *Ibid*, p. 98.

caracteriza em todas as suas estruturas favorecendo ainda mais esta ilusão da paixão.

O desconhecimento de si só é quebrado, como vimos neste caso, com a entrada do ódio, que embora ainda trate da paixão introduz o estranhamento, o duplo.

O fenômeno da imagem, a alienação do sujeito no outro especular são da ordem de uma necessidade vital para criança, este fenômeno da fascinação é absolutamente essencial para o fenômeno da constituição do eu (moi).

Podemos dizer então que existe uma paixão originária que torna o caminho ainda mais difícil no sentido de se desfazer desta imagem idealizada, do objeto perfeito que fascina?

Objeto perfeito, eternamente procurado pelo sujeito e impossível de ser encontrado, assim como a figuração de um desejo de fusão narcísica, de coincidência com a plenitude que dolorosamente falta à menina (Ana). Este movimento aqui é acompanhado pelo seu contrário, isto é, aparece o repúdio da tentação como observamos na cena de Ana frente ao marido, diante do mestre. O que demonstra um instante de vacilação.

Neste momento podemos dizer que figura o duplo narcísico de Ana, uma quebra do “você tem tudo”, você tem o atributo da perfeição e da completude, como observa no marido ainda fascinado.

Ana queria tudo e sobretudo queria não saber da falta, do limite, que naquele momento se impunha e era motivo de ódio e de dor.

Há um “instante de ver”, de contraste entre o ódio de ver e o nada querer saber da infância, que precipita o sujeito¹³. Como Ana poderá

¹³ FREUD, S. (1919) O ‘Estranho’. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII. p. 294.

encontrar seus recursos para saber lidar com esta inconsistência nomeada de autista, filho doente? Inconsistência do Outro que se repete?

II. O ESTRANHO

O que é isto que se repete?

No texto “O Estranho” de 1919, Freud elucida a sensação de estranheza ligada ao desamparo e à idéia de algo fatídico e inescapável que se repete. Diz ele:

“Podemos então reconhecer na mente uma compulsão à repetição, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos - uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas. Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima ‘compulsão à repetição’ é percebida como estranho”¹⁴.

¹⁴ Ibid, 297-298.

Freud prossegue dizendo que tais idéias brotaram do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo. Quando esta etapa está superada este duplo que foi garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte.

Para o advento do eu, como abordamos anteriormente, a imagem especular “sua majestade o bebê” exterior deve ser internalizada, há, portanto, um deslocamento exterior-interior, que produz uma estranheza, como se seu semelhante fosse seu duplo.

Como exemplo de estranheza Freud se refere ao conto de Hoffmann, “O Homem da Areia”, que se inicia com as lembranças de infância do estudante Nataniel. Apesar da sua felicidade presente, não podia suprimir as lembranças ligadas à morte misteriosa e apavorante do seu amado pai. Sua mãe, muitas noites, mandava as crianças cedo para cama relembrando o tema do ‘Homem da Areia’ que arranca os olhos das crianças. Ele por sua vez, escutava passos pesados de um visitante com o qual o pai estaria ocupado a noite toda. Quando perguntava acerca do ‘Homem da areia’ sua mãe negava tal existência e a babá lhe contava então: *“que era um homem perverso que chegava quando as crianças não iam para cama e jogava punhados de areia nos seus olhos, de modo que estes saltavam sangrando da cabeça. Ele colocava então os olhos no saco e os levava para meia-lua, para alimentar seus filhos. Eles estavam acomodados lá em cima, no ninho, e seus bicos curvos como bicos de coruja, e eles os usam para mordiscar os olhos dos meninos e das meninas desobedientes”*¹⁵.

¹⁵ Ibid, p. 285.

Este seria segundo Freud o tema principal da história e não a boneca Olímpia, apesar de gastar um bom tempo discorrendo sobre este aspecto, inclusive com a citação de Jentsch: *“Ao contar uma história, um dos recursos mais bem sucedido para criar facilmente efeitos de estranheza é deixar o leitor na incerteza de que uma figura na história é um ser humano ou um autômato, e fazê-lo de tal modo que sua atenção não se concentre diretamente nessa incerteza, de maneira que não possa ser levado a penetrar no assunto e esclarecê-lo imediatamente”*¹⁶.

Adiciona a isso o fato de Hoffmann ter empregado este recurso com êxito nas suas narrativas fantásticas, referindo-se principalmente à história de “O Homem da Areia”. Assim, enfatiza o tema principal como algo diferente, sempre introduzido nos momentos críticos: o tema do ‘Homem da Areia’ que arranca os olhos das crianças, e diz que o próprio autor trata o episódio de Olímpia com um leve toque de sátira e o usa para ridicularizar a idealização que o jovem faz de sua amante.

Essa observação de Freud nos parece no mínimo interessante já que o nosso interesse especial é pela paixão do jovem pela boneca e a sua relação com a estranheza, mesmo porque uma coisa parece totalmente ligada à outra, como pretendemos esclarecer mais adiante.

O Homem da areia que arranca os olhos e causa horror é identificado com Copélio e Coppola, ser de maldade que goza bradando pelos olhos de Nataniel. Ferir ou perder os olhos entram como substitutos do órgão a que se teme perder no complexo de Édipo, trazendo o sentido do temor da castração.

¹⁶ Ibid, p. 284.

O menino fica paralisado diante da cena que assiste Copélio, ser tirânico, a quem o pai trata como **mestre**, pedir pelos seus olhos, “o pequeno intrometido ouve Copélio invocar: *‘Aqui os olhos! Aqui os olhos’*, e trai-se ao soltar um alto grito. Copélio apanha-o e está prestes a lançar brasas tiradas do fogo em seus olhos, jogando estes depois no braseiro, mas o pai lhe implora que solte o menino e lhe salva os olhos”¹⁷.

Um ano depois numa outra visita do Homem de areia/Copélio a sua casa, o pai é morto no escritório por uma explosão. Este fantasma de horror de sua infância é representado mais tarde, na época de estudante, pelo professor Spalanzani e o oculista Coppola. Este, o oculista, é reconhecido como idêntico ao advogado Copélio e o professor é em si um membro da série paterna, além de ser chamado de pai de Olímpia.

Na cena assustadora da infância, Copélio após poupar os olhos de Nataniel, arrancara-lhe os braços e as pernas por experiência, ou seja, trabalhara nele como um mecânico o faria com um boneco. Este, entende Freud, além de introduzir um novo equivalente da castração, identifica Copélio com Spalanzani, o mecânico e prepara-nos para a interpretação de Olímpia. Essa boneca automática, diz Freud, nada mais pode ser do que uma materialização da atitude feminina de Nataniel em relação ao pai na sua infância. Olímpia é como se fosse um complexo dissociado de Nataniel que o confronta como pessoa, e a escravização de Nataniel a esse complexo expressa-se no seu amor obsessivo e sem sentido por Olímpia. Ao que conclui, podemos chamar de narcísico um amor como esse, e podemos compreender por que alguém que se tornou vítima dele deva renunciar ao verdadeiro objeto externo do seu amor.

¹⁷ Ibid, p. 286.

Como nesta passagem: “Com a ajuda do instrumento ele observa a casa em frente, do professor Spalanzani, e ali espia a bela, mas, estranhamente silenciosa e imóvel filha de Spalanzani, Olímpia. Logo se apaixona por ela tão violentamente que, por sua causa, esquece a moça talentosa e sensível de quem está noivo”¹⁸.

Olímpia é alguém feita para se apaixonar. Mas se apaixonar por um autômato?

A paixão pelo autômato seria justamente a paixão pelo objeto que não pode ser outro. Isso explicaria a fragilidade desse sentimento, um amor que é dirigido ao ser sem respaldo simbólico. É um amor-paixão, cuja ausência é mortífera. Se a imagem desaparece da vista, não há mais amor. Um amor mortífero, pois está na dependência total do outro – em oposição ao amor ligado a Eros, que é um amor ao significante, isto é, ao modelo, à primeira forma (a *Urbild*), que a álgebra lacaniana designa como significante unário e Freud identifica como traço unário. Este significante unário permite uma estabilidade diferente da imagem, pois, ao se constituir como simbólico, prescinde da presença real do objeto. Este amor à *Urbild* permite que, na ausência de um objeto, outros venham substituí-lo, o que é impossível no amor narcísico, pois este se efetiva com duas metades que se completam¹⁹.

A partir das formulações do estágio do espelho podemos pensar nessas escolhas de Nataniel, Clara (a noiva) e Olímpia como imagens narcisistas, mas há uma diferença importante entre as duas, enquanto Clara é a imagem viva da perfeição, Olímpia representa a imagem

¹⁸ Ibid, p. 287.

¹⁹ Cf. DIAS, op. cit. p. 50.

estática, cuja contemplação envolve Nataniel. Olímpia vem a suprir o vácuo deixado pela separação de Clara quando o amante viaja. Da contemplação à imagem de Clara, Nataniel passa à fascinação por Olímpia – a imagem é tomada como “coisa” onde a imagem e objeto estão totalmente confundidos. Enquanto Clara representa aos olhos de Nataniel a imagem da completude, Olímpia é o próprio objeto de completude, “tenho o que almejo – o objeto de desejo”²⁰.

Se Clara não tem mais nenhum poder sobre ele é porque se operou um deslocamento total da libido objetal para a libido do eu, esvaziando o investimento nos objetos.

Como Clara, Olímpia tem o corpo belo, belas formas, mas o olhar estranhamente rígido e imóvel. O que nos aponta que esta captura nada vê, o olhar frio e morto, mas que após certo tempo de contemplação ganha vida – a vida que Nataniel não sabia, era a sua.

A paixão pelo autômato seria a forma de calar a ‘criança viva’ ou as coisas assustadoras que retornam do reprimido? A paixão suprime a estranheza quando tenta o encaixe perfeito, uma questão interessante deixada de lado por Freud.

As coisas assustadoras que retornam do reprimido e causam estranheza, que Freud chamou a nossa atenção, pois esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão, como concluiu com a definição de Schelling “*Unheimlich é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz*”²¹.

²⁰ Ibid, p. 38.

²¹ Cf. FREUD (1919), op. cit., p 282.

Assim, o *Unheimlich* é o sinal que uma vez foi *heimlich*, familiar; o prefixo ‘un’ é o sinal da negação²², assim o que aparece é o horroroso, como o Homem da Areia para Nataniel.

O autômato “*comme il faut*” traria uma garantia de imortalidade, para aquele que por ele se apaixonar. Numa permanência do narcisismo primário, ou seja, numa tentativa de um amor próprio ilimitado e eternizado.

Cada vez que Nataniel olhava, ele sofria. Ele sofria ataques de loucura quando olhava. O ataque de loucura é seguido de ódio, um ódio que não podia mais ser contido e estourava com tudo no instante em que o sujeito se depara com o desejo de “nada querer saber disso” – marca do recalque originário. No entanto, neste momento também o sujeito se depara com o mais estranho (denegação) e, ao mesmo tempo, com o mais familiar de sua subjetividade.

Há uma duplicação, divisão, intercâmbio do Eu e finalmente há o retorno de mesma coisa, diz Freud.

Ele pergunta: “*Por que razão, então, colocou Hoffman essa ansiedade em relação tão íntima com a morte do pai? E por que o Homem de areia aparece sempre como um perturbador do amor?*”²³.

Desta forma, além de colocar o Homem de areia como o pai temido, de cujas mãos é esperada a castração, podemos pensar a castração como a perda de uma ilusão paradisíaca em troca da qual se ganha a possibilidade de continuar vivendo, já que a paixão incestuosa, narcísica só pode levar à psicose ou à morte.

²² O *Un* – prefixo de negação aproximadamente equivalentes a “des”, “in” em português. Tal qual o “in” em português pode ter uma função aumentativa. Hanns, Luiz Alberto, Dicionário comentado do alemão de Freud, R.J: Imago, 1996. p.232.

A verdade é que nestas relações apaixonadas, de fusão onde não existe o outro, este é apenas um depositário de fantasias arcaicas do narcisismo, está lá como mesmo para recuperar a plenitude perdida.

A relação com Olímpia é desta ordem, completa, realiza o desejo incestuoso, faz Nataniel ser o olho que falta à mãe (Outro primordial). Com Clara parece se acalmar: *“Após um episódio de loucura em que Nataniel tenta matar o professor Spalanzani, ele reencontra o equilíbrio nos braços da noiva. Do alto de uma torre contempla uma bela paisagem quando Clara chama a sua atenção para um estranho que parece se aproximar. Nataniel pega o binóculo e vê Clara. O terror retorna e, aos gritos ele gira a bonequinha de madeira e tenta jogar Clara para baixo”*²⁴. Até que a divisão acontece, ou eu ou ela, ou o outro me mata ou mato ele. Se ela morre, eu sou esse objeto (imagem real), Eu ideal. O que sou então?

Clara é salva e Nataniel olha pra baixo da torre e avista Copélio, ao vê-lo se joga. Seu final é trágico, suicida-se comprovando que não há lugar para o outro.

O estranho que retorna perturba o amor impossível, a paixão tanto por Clara como por Olímpia.

Retornando ao sujeito do caso que vínhamos tratando, Ana, ela experimenta na repetição, o ódio e uma quebra da figura do mestre, o tirânico perde a sua força, uma imagem se quebra e traz angústia para aquela que tem que se fazer dividida, não toda.

O mestre reaparece e perturba, assim como para Nataniel, ele traz de volta a imagem do filho doente, mas esta repetição nesse caso vai

²³ Cf. FREUD (1919), op. cit., p. 290.

²⁴ Ibid, p. 287.

ganhando um significado no tratamento e vai aos poucos perdendo a sua força.

Sustentar a falta na relação com o filho, onde a ausência da bolacha foi sustentada por ele, fez com que experimentasse olhá-lo e não calá-lo, fez o filho imóvel ganhar vida e estranheza. O que teria acontecido com o fascínio daquela imagem primeira e tão fundamental?

Esta separação dolorida parecia indicar a retificação da paixão, que pudemos observar aqui, juntamente com a evolução de Eric, que responde agora engajado na construção de uma subjetividade.

Diferentemente do que gostaríamos de acreditar não há uma conveniência natural do objeto ao sujeito, há todo um trabalho a ser feito, para vincular uma família. A própria vida pulsional da mulher é colocada em cheque com o nascimento de um bebê e a sua entrega para esta criança vai depender da sua organização fantasmática inconsciente.

Para que o sujeito tenha acesso à privação, é preciso que ele conceba o real como podendo ser diferente do que ele é, ou seja, que o simbolize, a criança nasce neste universo simbólico da mãe, portanto, anterior a ele.

Emprestar-se ao filho para identificação, nos ensina Ana, requer uma ruptura, ruptura de uma imagem maravilhosa construída anteriormente, de uma fascinação pela imagem, que não passa, afinal, de uma imagem que porta em si mesmo, como diz Lacan (1956), eis a última palavra da teoria narcísica²⁵.

A relação objetual é fundamentalmente imaginária, nos ensina ele. Há uma transmissão significativa, uma conservação do objeto na memória à

²⁵ LACAN, (1956). Teoria da falta de Objeto. In *O seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 52.

revelia do sujeito, este vem desempenhar um papel perturbador em toda relação de objeto ulterior ao sujeito. Porque é só depois que este passado é apreendido, que se estrutura essa organização imaginária, onde a relação pré-genital é apreendida, somente a partir da articulação significativa do Édipo.

Como mostra Freud nos três ensaios, o desenvolvimento da sexualidade infantil se dá em dois momentos. Devido ao período chamado de período de latência, o objeto primeiro, a mãe, é rememorado de uma maneira que não pode mudar, segundo Freud, é irreversível, já que é um objeto sempre reencontrado. O que se procura não se acha, esta seria a primeira dialética freudiana da teoria da sexualidade.

Dito isto e retornando ao caso, tanto o encontro com o mestre(s), como a dê-idealização deste, vivido na transferência, fizeram Ana reaver os seus fantasmas edipianos, onde pôde se reafirmar na sua potência fálica, libertando a menina apaixonada de sua sideração. Essa relação com a mãe é normalmente vivida intensamente e, portanto, deixa marcas indeléveis para a menina e são facilmente revividos no momento da maternidade.

Quem senão o mestre poderia salvá-la da mãe, da boca devoradora, só que a cilada é a procura do mestre tirano que ao invés de libertar, prende, faz dela escrava novamente.

Ana precisa de força para desatar-se quando olha e percebe o filho antes desligado, perdido, respondendo a um enlace antes impossível. É na cena da bolacha, cena relatada no capítulo anterior, que permitiu a entrada da angústia, num momento onde se sentia acolhida transferencialmente, e pôde pagar o preço de sua liberdade; a angústia.

O instante de angústia experimentado pelo sujeito ao ver sumir seu ponto de referência, sua imagem, tudo que lhe era familiar tornando-se

estranho e deixando um lugar vazio marcado por uma ausência. A transição da imagem ao símbolo, do que é especular ao que não é, da pulsão silenciosa à fala do Outro, essa passagem nos conduz à vertente simbólica do objeto, à inscrição de uma marca, de uma memória da primeira marca inscrita no corpo pulsional do sujeito: “Há Um”, há contável na cadeia de repetições, na história do sujeito²⁶.

Retomamos esta citação de Chatelard acima porque ela se refere a este primeiro rastro, primeiro passo, que se inscreve nos passos do sujeito apagando-os na medida que avança. Assim é o encontro com o traumático que pode ser reeditado, justamente neste momento da redução do real ao simbólico, o sujeito não vai em vão procurar suprir o objeto perdido, suprir a falta. A experiência do instante de angústia revela esta experiência para o sujeito da constituição do menos, em que se introduz o menos e esta denuncia a falta, assim como presentifica uma ausência.

O encontro vem para tentar preencher esta falta como revela o encontro de Nataniel com Clara e em seguida com Olímpia, quando não suporta a ausência da primeira, este revela a procura do objeto como busca do desejo do sujeito e coloca em questão essas duas vertentes do objeto: o objeto que vem preencher o vazio deixado pelo ser do sujeito durante a experiência da perda do objeto primordial e o objeto que se acha atrás da causa do desejo do sujeito – eles são bem diferentes e orientam a nossa pesquisa já que na paixão trata-se do primeiro caso, do objeto que vem preencher, como vimos no encontro de Nataniel e Olímpia.

O trajeto de Ana parece se diferenciar deste na medida em que o mestre eleito, representante parental é alguém que vai ganhando

²⁶ Cf. CHATELARD, Daniela Scheinkman. *Conceito de objeto na psicanálise: do fenômeno à escrita*. Trad. Procópio Abreu. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. p. 27.

significados até permitir o rompimento com este. E isto traz de volta a angústia de morte, ou seja, a angústia da castração.

O que revela uma fixação de gozo, alguma coisa ficou congelada, naquele tempo, no universo da paixão. E quem melhor para representar esta parada senão o filho autista, autômato, que não fala.

Para Silva (1997), este é o mito individual do autista, o mito do autóctone, utiliza-se deste para pensar esta criança que fica a serviço de uma recusa (*verleugnung*) da fantasmática incestuosa parental, que “congela” o mundo psíquico empobrecendo as relações²⁷.

Podemos concluir que: “Lá onde não há referência na realidade, lá onde falta o saber sobre a não existência da relação sexual, o sujeito cria o objeto, positivando a falta que o constitui. Cria assim, o objeto da paixão”²⁸.

O objeto da paixão entraria para encobrir a falta, aquela que não se pode reconhecer, na tentativa de obturar a dor referida a sua própria existência, objeto imóvel, calado, de preferência inanimado.

Que amor é este da saudade da casa, antigo lar de todos os seres humanos, lugar que nos afastamos enquanto seres da fala.

Ao colocar a castração no centro da sua teoria, Freud acentua a falta como centro decisivo na organização das representações. Se há uma falta central é porque o falo, como objeto privilegiado de completude, é impossível.

²⁷ Cf. SILVA, Antônio Ricardo Rodrigues. *Afeto e representação nas psicoses infantis precoces*. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. p. 38.

²⁸ PRATES, Ana Laura. O trauma é o infantil – cena psimária: verdade e ficção no caso do “homem dos lobos”. In: *Stylus: Revista de psicanálise*. Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano, 2004, n.9, p. 112.

A impossibilidade de conservação desse estado narcísico do qual fomos excluídos com o nascimento, a psicanálise chama de castração. As associações pênis-falo, perda-castração, falo - significante da falta nos leva com Lacan a entender um outro corte. Este que nos separou do ventre materno e expôs nossa incompletude diante do universo. Lacan nos ajuda a trazer este conceito para o plano do simbólico onde castração como perda, é falta, um limite imposto a onipotência do desejo.

A ilusão do pequeno narcisista, como se refere Kehl (1987) de que ele é um com a mãe, de que ele é tudo o que a mãe deseja, essa ilusão se rompe quando o desejo da mãe se move para outro lugar – um lugar que chamamos pai, mas que pode ser de qualquer outra instância da cultura que interdite o idílio entre a criança e a mãe. O pai é o agente da castração - mas, a rigor, quem a viabiliza é a mãe²⁹.

Para isso ela precisa permitir-se desejar outra coisa para além do filho, quando este deixa de ser sua posse. Retomaremos esta questão nos próximos capítulos.

Para finalizar, a idealização que o jovem faz de sua amante, Olímpia e o ‘Homem da Areia’ que arranca os olhos das crianças não são temas diferentes, muito pelo contrário, a paixão por Olímpia revela o amor proibido, que leva ao fim trágico, assim como revela a necessidade de ser barrado. O corte forçoso aponta para a impossibilidade das duas partes se encontrarem.

No capítulo seguinte estaremos tratando de exemplificar esta paixão que vínhamos tratando, com um outro caso que chamei de Barriga Negra e vocês logo entenderão o porquê. Este trará mais elementos para a

²⁹ Kehl, op. cit., p. 477.

questão em como ser mãe que vai se tornando complexo, na medida que nos detemos nela, neste caso o sujeito oferece-se como amável, quer ser amado, vê-se amável aos olhos do outro, iludindo o Outro ele se iludi, ele se faz um com dois e se precipita numa relação dual, ao passo de uma relação mortífera.

CAPITULO 4

MÃE E PAIXÃO: A BARRIGA NEGRA

“A própria paixão feliz impele a uma desordem tão violenta que a felicidade em questão, antes de ser uma felicidade possível de se gozar, é tão grande que é comparável a seu contrário, o sofrimento”¹.

Este capítulo pretende trazer à discussão esta relação da mãe-paixão e para isto resolvemos ilustrar o tema com o caso clínico descrito a seguir. Caso responsável pelo nosso interesse pela clínica da paixão, disparador de tantos questionamentos, assim como, a discussão sobre a supressão da paixão na clínica e os que se seguiram, paixão, morte e erotismo. Onde mais tarde incluímos o autismo, ganhando lugar de destaque neste trabalho.

¹ BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Claudia Fares. São Paulo: Arx, 2004. p. 32.

É um caso, que se impõe, conferindo limites reais ao analista, limites inclusive quanto ao prosseguimento do próprio tratamento. De uma forma geral ele cria também certa inquietação a respeito desta clínica, tão nova, da intervenção precoce, por onde iniciamos o relato.

A PRIMEIRA CENA

Era a primeira vez, a enfermeira vira a tranca, a portinha se abre, ela coloca as mãos para dentro, toca naquela coisinha, desprotegida e miúda, com as pontas dos dedos vai contornando-a até que a sua mão desliza por baixo daquele corpo roxinho, que se perde na fralda e contornando-o, segura-o; com a outra mão puxa o lençol, arrumando-o, cobre o seu corpo todo e deixa-o lá por um momento.

Abre a encubadora novamente, pega-o em suas mãos, vai arrastando-o até alcançar àquelas mãos tensas que o esperam.

Ele respira, parece sentir o ar que entra, se contorce, se meche, vira o pescoço um pouquinho para o lado, como se estivesse se espreguiçando e aterriza nas mãos daquela que o aguarda ansiosamente. Primeiro suas costas se encaixam, a cabeça se apóia sobre um dos dedos das mãos, assim se encaixa, se acomoda e respira.

Ela aconchega-o, coloca-o nos braços e enfim passa-o ao seu colo, arruma-o numa posição que supõe confortável, ainda desajeitada, dura, senta e respira.

Sentada, endireita os braços, se posiciona e olha. Olha aquela coisinha nos seus braços. Esta se ajeita, mais uma vez, abre os olhos, fecha-os, abre o direito, o esquerdo resiste, fecha o direito rapidamente, abre desta vez os dois e olha.

O olhar acontece. Eles se encontram, e se fixam. A testa franzida do rosto tenso da mãe vai se alisando, ela solta um suspiro e a resposta é sim àquele que está nos seus braços. Agora, o seu bebê.

Este olhar toca a todos que estão a sua volta, a analista e a enfermeira ao seu lado, se arrumam, como se estivessem diante de uma cena proibida e com dor em suas feições afastam-se dela.

Não precisavam mais de ajuda, conclui a analista enquanto se afasta.

Um encontro, uma despedida. Este é o desfecho de uma história de alguém que chamei de barriga Negra.

A primeira vez que Juca, o primeiro gemelar saiu dá encubadora para o colo de sua mãe, eu estava presente. Sueli aconteceu como mãe destes meninos gêmeos. Até quando? Não sabemos. Sabemos da imprevisibilidade do humano.

HISTÓRIA

Ouvi falar de Sueli, num dos encontros semanais que fazíamos na Clínica Huntington-Centro de Reprodução Assistida.²

O caso de Sueli havia se complicado bastante depois que soube pela ultra-sonografia que estava grávida de dois meninos. Vinha sendo atendida pela psiquiatra da equipe e estava medicada, vinha deprimida após ter perdido uma filha de dezoito anos, num acidente de carro, há um ano.

Dois meninos diziam da falta da menina e isso era insuportável, assim voltava ao luto.

² Clínica onde criamos o SARA, serviço de assistência a reprodução assistida humana. Formamos um grupo de saúde mental, onde sou responsável pelos atendimentos em intervenção precoce.

O tratamento para engravidar, desde o início não havia sido fácil, pois, trazia a idéia subjacente de trazer sua filha de volta, o que agora não aconteceria, já que “não tinha dado certo”, pois, engravidara de dois meninos e não queria meninos, não queria filhos.

Alcançar a gravidez, numa clínica de infertilidade, é a meta principal, a gravidez é sempre motivo de conquista e de alegria, portanto a história de Sueli trazia muito incômodo a todos porque trazia uma reação inesperada, subvertia a ordem quanto ao desejo de filho.

Dizia claramente que não queria os meninos, mesmo porque, já tinha dois, e eles não serviam para nada. Sob protesto, voltava à sua cama, aquela que a recebeu, seu leito pós-mortem. Não conseguia se alimentar, voltava à depressão.

Sueli engravidou após uma ovodoação que foi indicada devido a sua idade avançada. Para esta gravidez inseminou três embriões, dois meninos e uma menina, os dois meninos evoluíram e a menina não, só aceitara os meninos por causa da menina. Agora não sabe o que fazer, sabe que não quer mais homens, ter homens é ter menos, é da ordem do insuportável.

Vê-se diante da experiência de pura perda, de um a menos que se impõe. Sua imagem se desmontava diante da figura da grávida de preto, vida e morte pareciam se materializar naquela barriga. Triste? Não era bem a palavra. Forte, talvez.

Sueli chorava muito nas nossas conversas e falava o tempo todo da filha, tinha uma expressão de muito sofrimento, uma testa marcada, tensa e anunciava envelhecimento. Dizia, repetidamente, que havia perdido a chance de ter sua filha de volta.

Estava no estado zero, no vazio, era um puro organismo e tendia a ficar ai.

A lembrança da vida trazia em si a morte. A cama no quarto escuro é o que lhe restava. A barriga crescia, os meninos se alimentavam, uma bolsa parecia protegê-los, já que sua mãe não podia deles se alimentar.

Os médicos se surpreendiam, porque viam que a barriga crescia, os meninos cresciam e queriam dar um sinal positivo quando viam a evolução dos bebês pela ultra-sonografia. Mas Sueli não estava interessada, nem mesmo olhava a tela durante o exame.

As palavras de Sueli eram frias, a morte assustava, haviam fantasmas da filha morta por toda parte.

Esta filha que renascia nas suas palavras, menina linda, menina toda, inteligente, gentil, prestativa, educada, estudiosa, todos bons adjetivos lhe serviam. Menina toda, esta sim habitava as fantasias desta mãe ainda esperançosa, imagem que se misturava com a lembrança desta menina dos olhos da mãe.

Grávida e de luto, Sueli levantava de seu desânimo para contar da filha, daquela que a habitava e a completava, daquela que foi ‘Sua filha’.

Sua urgência pelo preenchimento fálico gritava mais alto. Não agüentava a falta, queria supri-la a todo custo.

A sua imagem exalava poder e terror, a barriga encoberta de luto e morte apontava para a morte, para a falta de saída que se encontrava diante da falta da própria representação da falta.

De tudo a filha sabia, seu marido chegava tarde constantemente, trabalhava muito, quase não estava em casa e assim aprendeu que a companhia da filha a satisfazia tanto que nem mesmo sentia a falta do marido. Era também pela filha que era consolada, ela dizia: “deixa o papai mãe, ele é assim”.

Vivia com esta filha um amor infantil tão completo e maravilhoso que nada podia estragá-lo, não havia corte nem censura, só prazer. Ele durou bastante e só não foi o bastante porque entrou na história das duas um terceiro, um namorado querendo levá-la para um final de semana. Era alguém que imprimia um desejo e provocava uma diferenciação, produzia naquela situação tão familiar e estável uma inquietante estranheza, um abalo.

O namoro vinha acontecendo, junto à faculdade que se iniciara, mas era um namoro às antigas, não podiam ficar sozinho, eram sempre vigiados, só podiam namorar na sala e com alguém por perto. Excesso de zelo? Ciúmes possivelmente, e o risco de perdê-la.

Esta menina foi ficando doente, estava deprimida, desanimada, não comia, andava bem triste, jogada pelos cantos e foi neste clima que o acidente aconteceu. Suicídio? Hipótese a ser considerada.

Alguma estranheza sobre o acidente é levantada, um cinto que não foi rompido é aventado.

Algo que deveria ter permanecido oculto, sai e retorna, a apavorando.

Uma das duas teria que morrer, como sobreviver a esta paixão? Nas tragédias, quando a paixão é revelada, a morte é o final. Aprendemos com estas que o final para estas ligações amorosas tão intensas é a morte.

Sueli, acompanhada na sua dor, lembra que na sua infância sentia-se muito só, nunca teve ninguém. Era a filha que veio errada, porque, deveria ter nascido homem, e ouvia dos pais que a primeira mulher não serve para nada. Resolveu então, que queria estudar, fazer medicina e ser alguém na vida, mas acabou casando e abandonando esta esperança de vida.

Esperança de vida, de construir um caminho desejante e diferente deste cruel destino familiar, “mulher não serve para nada”.

Caminho que não se sustentou e diante do primeiro beijo, daquele que parecia estar interessado por sua irmã, se curvou e o aceitou como seu legítimo esposo. A escolha dele por ela, a fez desejar e a acreditar que teria finalmente alguém por perto, mas aconteceu justamente o contrário; nunca teve seu marido de verdade. E sentia-se cada vez mais só.

Alimentou-se desta primeira “filhinha” linda por quem se apaixonou e nunca conseguiu se desligar. A dependência entre as duas era muito intensa, uma vivia para a outra. A realidade trazia uma situação impossível. Como viver uma sem a outra?

A verdadeira dor de Sueli não estava aqui, mas naquele tempo que passou, onde os corpos se misturaram, se embaralharam. Tempo da origem do sujeito.

Sujeito que nasce e é logo abraçado por uma potência materna, capaz de tudo para fazer seu bebê ser.

Desconfiamos da sua potência, quando diante de sua dor, passou por todo este processo de tratamento para engravidar, seu desejo era certo. Sabemos que o estado de luto traz um investimento para dentro do ego e a pessoa se fragiliza, se fechando e normalmente não sobra energia para investimentos, ainda mais para fazer um filho. Mas neste caso, existia sim uma onipotência infantil gritando mais alto e tentava, assim, recuperar o objeto perdido. Não admitia a perda, negava-a mais uma vez.

Ter uma menina era fundamental até para contrapor-se aos seus pais que disseram que uma menina não serve. Era uma resposta a sua mãe? Poderia gozar do objeto que sua mãe não pôde? Poderia “cuidar de si” cuidando da menina maravilhosa que gostaria de ter sido para sua mãe.

Sua relação com esta menina, era tão completa que sua vida caminhava, sem organização de lugares ou funções, o que explica o andamento desordenado da sua família. Seu segundo filho nasceu um ano depois da primeira filha, sua saída foi a psicose, e até hoje é acometido por diversas crises. O terceiro, outro menino, nasceu dez anos depois, foi cuidado pela irmã que o adorava, “ela era a mãezinha dele”, dizia Sueli.

O ENCONTRO

Entramos com a palavra, possibilidade de separação?

A separação cheirava a morte. “Dizia por que não eu?” Se alguém tinha que morrer porque não ela? Perguntava-se. As palavras iam e acabavam estanques, acabavam em morte, num puro saber abstrato de vida eterna, e portanto, num vazio.

Estava morta porque não podia ser mortal. Vasse (1997) nos diz que o nosso desejo de viver surge, inevitavelmente, do conhecimento da lei da morte e citando Heidegger escreve que os mortais são homens, “*chamamos mortais porque podem morrer, morrer significa: ser capaz da morte enquanto morte. Somente o homem morre o animal perece*”³.

A verdade factual, mãe de três filhos, agora dois, se perdia perto da verdadeira história que começava a aparecer: a sua relação exclusiva com a filha, a maior e melhor coisa que já lhe acontecera.

A morte veio assim inesperada apesar de esperada. Aprendemos que o amor é o limite, ultrapassá-lo, desobedecer à lei é sofrer com o castigo. Era esta a sua sensação?

³ VASSE, Denis. *O umbigo e a voz: psicanálise de duas crianças*. São Paulo: Ed. Loyola, 1977. p. 217.

Este é o momento que a encontro: em risco.

Risco de ter, risco de não ter, risco de morrer, risco de nascer, risco de não sobreviver.

Não havia representação de filhos, desejava se ocupar – ter “A filha”.

O que estava doente era o vínculo, o fazer vincular. A gravidez de meninos poderia ser uma saída? O que significava esta gravidez neste momento?

Desamparada, à mercê da paixão, seu eu enfraquecido se entregava. Estava totalmente identificada com a filha morta.

Objeto supervalorizado e dificilmente ultrapassado para pessoas que não conseguem ir além deste estado de paixão, levando o sujeito ao aniquilamento. Freud (1914) lembra-nos que é absolutamente necessário começar a amar a fim de não adoecer. O que chama de amor não se parece nada com a ligação com este objeto supervalorizado, ao contrário, parece se encaixar nas pessoas que não conseguem ultrapassar os limites do narcisismo, no sentido de ter muito pouca necessidade de um objeto⁴.

O objeto supervalorizado, diz do igual, do mesmo, do objeto da paixão, do pathos, do excesso a que somos submetidos ao nascermos, um desamparo original, próprio à subjetividade humana.

É importante lembrar que Freud não diferencia os caminhos da subjetividade da psicopatologia, o sujeito constitui-se pela via da psicopatologia.

⁴ FREUD (1914), Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV. p. 101.

Sueli nega a morte, nega a separação, até que a realidade traz a gravidez não da filha. É outra? O diferente insiste. O igual falece. Escolha genética? Acontecimento?

Ela dizia que os homens não serviam porque eles eram independentes, tendiam a abandoná-la, foi se dando conta de quanto esperou do pai e do marido. Frustrou-se, numa busca desesperada de ser completa, todos falhavam. Ela, mãe da sua filha, não falhava. Sua filha não falhava para ela.

Com a morte esta teoria da “não falha” foi ao fracasso. Porque a protegeu da vida, do que ela tem de mais vivo. Para o psicanalista, o animismo é a teoria psíquica do ser vivo! Sabemos que o paciente num estado deprimido encontrar-se-ia realmente em risco de vida caso saísse brutalmente demais do inanimado, no sentido freudiano do vivente inanimado que deve permanecer inanimado para não morrer.

Sair de vez do inanimado é se afastar de vez da subjetividade, voltar a um estado primitivo, orgânico, onde está o bebê. Sair do inanimado para o humano é justamente a causa do primitivo. De que riscos estamos tratando?

Para Berlinck (2000), primeiro, é necessário que o humano atravesse o terror, a dor e a depressão provocada pela perda. É nessa oportunidade em que o humano se encontra mergulhado no desamparo constitutivo da espécie, que se manifesta na função materna. A função materna, assim conceitualizada, é uma presença da mãe ausente que se manifesta como causa do poder⁵. E pode, assim, tomar o filho para si, transformando-o em humano.

⁵ Cf. BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 102.

É através da palavra, da mãe, como ato que Eros é introduzido no corpo da criança, é só assim que ela é capaz de se ligar.

Sueli dá a luz na trigésima terceira semana, as crianças vão para a UTI neonatal. Um dos meninos tem que ser entubado e o outro está bem. Os dois nascem bem pequenos e precisam ganhar peso.

Quando vou vê-la, ela me diz do vazio que está sentindo no seu ventre. Que está sem coragem de ver as crianças. Estava ainda anestesiada, mas animada. Sugiro que vá vê-los. Neste intervalo vou vê-los e trago notícias a ela. Digo que também devem estar sentindo a sua falta, que são frágeis e precisam dela.

Esta sensação de fragilidade é experimentada por Sueli quando vê as crianças e diz:- “Eles realmente precisam muito de mim”. Começava a ser importante para alguém.

Acompanhei-a no berçário algumas vezes, no início chegava, colocava a mão dentro da incubadora e tocava-os. Mostrei que ela podia pegá-los de verdade, que era importante que eles sentissem sua mão de verdade.⁶

O mais cômodo seria não ver, não ouvir este bebê entubado, que não grita. Mas Sueli via-os, ouvia-os. Começou a falar com eles, estava atenta à linguagem do corpo deles, ao que estariam sentindo.

Sueli tirava leite insistia em dar o seu leite, já que ainda não podia amamentá-los. Ficava com eles, tocava-os, e agora podia falar também.

Percebo a importância da palavra. É ela que atravessa as paredes da incubadora e atinge o bebê. Digo isto a ela e ela responde, agradecida: “foi alguém que me ensinou que eu podia falar com eles”.

⁶ É muito comum presenciar numa UTI neonatal as mães com uma das mãos sobre o bebê, mas elas são tão cuidadosas, têm tanto medo, que parecem não tocar o bebê.

De fato, elas acreditam que não podem.

O enquadre psicanalítico existe para permitir que a mãe se lembre, caso queiram que ela esqueça, que falar é o meio de comunicação humana por excelência: por que se privar disso sobre pretexto que seu filho ainda não estaria maduro?⁷.

Essa “linguagem orgânica” da UTI, termo utilizado por Vasse (1977), só é orgânica porque não é linguagem.

Como observam Guedeney e Lebovici (1999), uma profunda emoção acomete aquele que penetra nesse meio violento, portador do conflito vida-morte e que suscita imagens de grande cruzeza (pequeno bichinho, torturado). Essa emoção prefigura aquela contra qual se defendem os atendentes, e terão de se defender os pais. Só muito mais tarde, emergem a percepção e o pensamento de um bebê que se separa deste ambiente condensado: máquina, tubos, alarmes, telas, etc⁸.

Acompanhando Sueli, vimos as mães debruçadas cada uma na encubadora que lhe pertencia, com um braço para dentro, corpo de fora, toque medroso, de uma mão perdida, sem cabeça e sem rosto.

Será que dá para resistir a este intervalo, de esperar receber o seu filho nas mãos. Enquanto isso, estas mães se emudecem, vivem uma impotência de contato, que é própria da experiência primitiva, da origem do psiquismo.

Segundo Balbo e Bergès (1997), a mãe tem lugar de função nesse prematuro que é o filho do homem: Ela é a verdadeira função vicariante das

⁷ Cf. SZEJER, Myriam. *Palavras para nascer: a escuta psicanalítica na maternidade*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 45.

⁸ Cf. GUEDENEY, A. E. LEBOVICI. *Intervenções psicoterápicas pais/bebê*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 112.

funções da criança, sobretudo ao ocupar esse lugar que permite que o filho sobreviva, ela deve se deixar transbordar pelo funcionamento que ele produz, a partir das funções que relança. O equipamento sensorial do recém-nascido é perfeitamente competente para funcionar desde o nascimento, como o testemunham a antecipação viso-auditiva, ou as imitações precocíssimas⁹.

É ela, a mãe, a responsável pelo trânsito do inanimado para o humano, para a dor.

O que faz com que a criança seja extirpada de seus determinantes naturais é a questão do Dom. De fato, a criança não pode se humanizar sozinha. O outro tem que responder para que o sujeito possa se ouvir, é a resposta que transforma o grito em apelo.

Devido a sua insuficiência inicial, o sujeito não tem outra saída senão esta antecipação feita pela mãe.

O objeto que ela dá não é real é um Dom. Transformar um real num Dom é uma operação educativa fundamental, segundo Jerusalinsky (1994), porque é através desta operação que a mãe desmonta de sua onipotência¹⁰.

Quando um não é mais tudo para o outro, precisam de outra coisa, o que precipita o desejo. Falamos de um desejo, além do desejo de fazer seu filho falar.

A mãe não sabe de seu filho e, assim, se utiliza de um saber inconsciente acerca da maternidade e filiação para saber dele. Portanto, este fracassa quando este saber fica comprometido, amarrado a alguma experiência passada.

⁹ Cf. BERGÈS & BALBO. *A criança e a Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 15.

¹⁰ Cf. JERUSALINSKY, A. *Educa-se uma criança?* Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1994. p. 18.

Jerusalinsky (1994) observa que o fascínio que as mulheres experimentam diante de um saber real é porque ele lhes oferece a ilusão de não precisar de um pai para ter filho, colocando a questão da onipotência, que depois precisa ser desmontada. Assim, muito além da castração, ela poderia ser mulher-toda e citando Calligaris, para que a mulher exista é preciso inventar uma filiação que exclua o homem, ou seja, a mulher se transforma em mãe uma vez que é ela quem pode filiar sozinha¹¹.

A observação do bebê, transmitida e partilhada com eles, constitui um suporte vivo a estes primeiros contatos à instalação dos vínculos. Instaurar estes vínculos pode permitir a restauração dos pais na qualidade do que eles dão de bom, agora e para mais tarde, eles que, consciente ou inconscientemente, muitas vezes se vivenciam como maus, responsáveis por este nascimento anormal, insuficientes.

Assim, a interdependência dos primeiros dias é fundamental para que se dê a separação mais tarde entre mãe e filho, para que eles não cultivem um vínculo patológico.

Mas esta relação inicial não é o bastante, acompanhando Sueli pudemos saber que este que poderia ter sido o final de um tratamento com um final feliz teve uma continuação inesperada, trazendo uma série de questionamentos, principalmente quando se trata de uma paixão anterior a este estado de vinculação, uma paixão pela criança morta, que não pôde morrer, que voltou a partir de um determinado momento a insistir e incomodar Sueli e que gostaríamos de estudar adiante.

O que esta paixão deixa de rastro, mostra-nos a Barriga Negra, é mais forte do que a razão de se vincular aos filhos. Sueli aconteceu como mãe destes meninos gêmeos, mas como dissemos anteriormente não

¹¹ Ibid, p. 71.

sabíamos até quando esta relação impediria o surgimento daquele tormento anterior vivido por ela. Naquele momento chamei de imprevisibilidade do humano, agora suspeito de algo a mais.

A IMPREVISIBILIDADE DO HUMANO E ALGO A MAIS

Este algo a mais, um excesso, um transbordamento, uma paixão, paixão da mãe, se a intenção for estreitar um pouco nosso campo de estudo. Sem a pretensão de abordar um humano menos imprevisível, seria impossível, não é disso que se trata, senão que estamos sempre descobrindo a partir deste um, único que chega dolorido na clínica, às vezes ‘doido’¹² a ponto de termos de interdita-lo.

Quando os gêmeos de Sueli completaram um ano, ela voltou à clínica e trazia as fotos de comemoração deste primeiro aniversário em baixo do braço e na alma trazia a marca de uma ferida profunda que a incomodava.

O seu pedido fazia ressoar uma dor, um luto adormecido, que não se acalmava. No início pedia humildemente, era de seu direito, depois uma violência irrompeu diante do não ao seu pedido.

Não podia descansar enquanto não tivesse sua filha de volta, o pedido era esse, se revoltava quando não era compreendida na lógica da sua paixão, era tão clara, como alguém poderia não compreendê-la, ou barrá-la?

Precisava dessa filha e nada a convenceria de que não era aconselhável naquele momento uma nova gravidez. Sua idade avançada,

¹² Interessante notar que esta palavra, deixada sem acento pode significar doido e doído, dois sentidos que cabem muito bem no texto, aliás se complementam.

quatro filhos, sendo dois pequenos, um marido cansado, nada era o bastante para convencê-la do contrário. Ao seu lado, seu marido tentava persuadí-la, “pode ser complicado mesmo...”, mas Sueli não ouvia ninguém, uma ânsia a acometia, a urgência de ter a sua filha de volta falava mais alto.

Ficou muito brava quando numa consulta com o médico, estávamos reunidos em equipe para dizer claramente que não era indicado, que estávamos dizendo não ao início de outro tratamento.

Não queria falar no assunto, nem conversar com ninguém, sentia todos contra ela, sentia-se traída.

Era inadmissível não compreenderem o seu direito e desejo, por que não? Perguntava. É só assim que serei feliz, dizia.

Esta interdição não a parou, foi em mais duas clínicas de Reprodução Assistida e depois voltou ao outro médico da clínica que convencido por ela tentou entender porque não. Explicamos.

A insistência da repetição era impressionante, a força da sua demanda violenta, ameaçava as pessoas. Não se cansou e não se envergonhou diante do seu pedido de ser completada em sua paixão. E por que não? Por que ter que se desfazer daquele pedaço de si, amarrado ao outro? Este pedido ficou ressoando ainda por algum tempo, quando Sueli já não estava mais presente. E por que não?

CAPÍTULO 5

PAIXÃO, MORTE E EROTISMO

“A Paixão poderia ser comparada à aurora, no sentido em que esta constitui ‘a luz notiosa’ dos sonhos noturnos perdidos de uma infância para sempre perdida”¹.

Partindo da criança morta, e, portanto, do objeto filho que não pode existir, podemos nos perguntar por que estas mães “querem” fazer um filho morto? Para pensar num ‘encontro’ onde o objeto não pode ser outro, caímos na paixão, nesse a mais, terreno do excesso.

Conforme pudemos acompanhar no capítulo anterior Barriga Negra padece com a perda que havia sofrido, mas esta parecia revelar algo mais além do luto pela filha. A imagem desta, a forma como contava dela parecia revelar uma dor de um luto impossível de se fazer porque se tratava de ter a filha para si. Esta ocupava um lugar de completar a mãe, de servi-la em seu

¹ GORI, Roland. *Lógica das paixões*. Trad. Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.

gozo, como vimos no relato do caso e o que nos fez suspeitar que a paixão vivida entre as duas impediu a relação entre elas.

A filha da Barriga Negra representava para ela uma verdadeira droga, o absoluto da necessidade. O termo paixão, não parece definir um sujeito ou o objeto determinado e sim o vínculo que os une, assim como o objeto droga, é importante enquanto aquele que não pode faltar, pouco importa qual objeto seja. Para isso vai até o absoluto da falta de ser que se atinge pela morte.

Nesse caso a relação da paixão com a morte, fica evidente, própria da fusão, onde a relação a dois não pôde existir. E o erotismo, objeto da paixão, como vem contribuir para pensarmos esse vivido mortífero da Barriga Negra?

Ela conta que durante toda sua vida se alimentará do sonho de se tornar para o amado, objeto de sua paixão; ser desejada era o seu ideal, ser uma exigência vital para o desejo do outro.

Ela se frustra algumas vezes e com muita dor se entrega novamente ao sonho se frustrando mais uma vez. Refere-se aos pais desta forma, sempre esperou ser amada e reconhecida por eles, mas eles nada esperaram dela, nada podia lhes dar já que era a menina errada porque não nasceu menino como eles esperavam. O pior veio depois quando tiveram o menino desejado, deixando-a ainda mais de fora do enlace com os pais. Sua mãe a maltratava, nunca gostou dela e seu pai estava ausente.

Foi quando desistiu de esperar por este amor, esvaziada e triste que surgiu um homem, simpático e interessante, nunca imaginou que se interessaria por ela, estava lá interessado pela sua irmã a terceira, que era doce e bem mais bonita. Neste momento estava interessada em estudar e seu sonho desviou-se para a faculdade de medicina.

Sua surpresa foi enorme quando este homem veio lhe dar um beijo, foi o bastante para levá-la de volta ao seu grande sonho, ser desejada.

Mais uma vez esta alegria é seguida de desapontamento, quando um ressentimento a invade.

O poder só é novamente recolocado, quando nasce a sua filha, sobre o corpo da criança que surge para esta mãe ressentida e onde podemos ver o falo sendo recolocado, num corpo que está lá para isso, “objeto real nas mãos da mãe”². Ou seja, onde finalmente encontra um objeto à quem pode entregar-se plenamente.

Nesse caminho da mãe ao filho podemos acompanhar as fantasias dessa mãe que dizem algo de sua própria subjetividade, da sua falta e de como obturá-la.

A alienação inerente ao amor é levada pela relação mãe e filho a uma potência superior, na medida em que, no começo, o recém nascido não é um sujeito, mas um objeto, “uma boneca erótica com que gozar e a que fazer gozar”³.

Podemos entender com isso que assim como Barriga Negra assumiu aceitar no jogo erótico com o marido o lugar de objeto *a*, é o que diz em relação ao desejo que tinha pelo marido, ela imaginava que com ele teria a garantia que a ela nada faltaria se ele estivesse ali e tudo faltaria se ele desaparecesse.

Mas este sonho durou pouco, estava muito descontente nessa relação, onde seu marido praticamente não estava, só trabalhava, sentia-se cada vez

² SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 93.

³ *Ibid*, p. 93.

mais só e a filha entrou neste momento para consolá-la, mesmo mais velha deixava de sair para ficar com a mãe.

Neste novo jogo erótico mãe e filha, ela dizia, lamentando a morte da filha, que se foi tão longe, fez isso para agradá-la, mostrava o sacrifício que era feito de uma para outra.

Sua filha parecia cada vez mais vítima desta mãe à quem tinha que continuar servindo, inclusive para livrá-la da falta deste marido, ausente.

Estes desvios da maternação, nos diz Soler (2006), prestam-se para indicar até que ponto a divisão da mãe e o lugar que ela concede ao filho são o que é determinante nisso. Chama a atenção para a tese de Freud, da função estruturante que ele reconheceu na chamada fase do complexo de castração e a angústia específica que nela se manifesta. Esta só adquire importância, a seus olhos, a partir da descoberta da falta de pênis na mãe, ou seja, a castração dela a partir da qual são geradas as respostas sintomáticas do sujeito⁴.

Barriga Negra parecia nada querer saber disso, a ferida não cicatrizável da sua infância parecia ressurgir na sua relação com a filha e o que fazer com a ausência que se impunha novamente, o que fazer para metamorfosear o sofrimento em prazer, reivindicação narcísica que a mulher insiste em nome deste Saber-do-prazer que seria seu atributo acomodar-se com a aparente desvalorização que ela implica. Ela estava disposta a pagar um preço alto pelo prazer, pois ela transforma este prazer na única medida reconhecida e válida do objeto de desejo; incapaz de superar a inveja, essa amargura desestruturante que a toma, diante da farsa daquela que para ela encarnou o primeiro desejante. Esse sofrimento espécie de desculpa que se

⁴ Ibid, p. 93.

aplica seria a única forma de prazer possível, única via aberta de satisfação do desejo, como a posição do perverso.

Isso está em conformidade com o jogo erótico deslocado para essa dupla mãe-filha, é disso com efeito que Bataille (2004) trata no seu ensaio “O Erotismo” diferencia os homens dos animais a partir do erotismo, do que ao mesmo tempo, os homens, apenas eles fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, o que o diferencia, por si só, da atividade sexual simples como uma pesquisa psicológica independente do fim natural, que ocorre na reprodução e na preocupação com a prole. Mas o que é mais interessante é o paradoxo criado por Bataille, com efeito, diz ele: *“embora a atividade erótica seja, antes de tudo, uma exuberância da vida, o objeto dessa pesquisa psicológica, independente, como dizer, da preocupação com a reprodução da vida, não é estranho à morte”*⁵.

A reprodução traz a questão morte, como veremos adiante, porque como seres descontínuos, a morte tem o sentido da continuidade do ser: a reprodução leva à descontinuidade dos seres mas coloca em jogo a sua continuidade, está intimamente ligada à morte.

Ele parte da idéia de que entre um ser e outro há um abismo, uma descontinuidade, essa que é negada pela fusão. Existe um ponto em que um primitivo torna-se dois, na reprodução sexuada e na medida em que existem dois, há novamente descontinuidade de cada um dos seres, mas a **passagem** implica em um instante de continuidade entre os dois. A passagem à continuidade, à fusão, é mortal para cada um deles, dois seres distintos.

A paixão, se é algo, é um movimento de passagem que traz a nostalgia da continuidade perdida. Neste caso a paixão se desprende totalmente da

⁵ BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Claudia Fares. São Paulo: Arx, 2004. p. 20.

reprodução e da preocupação com a prole, que viram apenas vias de acesso ao gozo, como Barriga Negra demonstrou após sua caminhada pelos tratamentos, ela se apresenta como a busca pelo puro gozo⁶.

Terreno difícil de apreender, que muitas vezes nos torna observador, passivo, a um corpo que dói e não pode ser tocado; a paixão aprendemos com Bataille (2004), leva ao sofrimento, uma vez que no fundo ela é a busca do impossível, porém, diz ele, ela promete uma saída ao sofrimento fundamental, sofreremos pelo nosso isolamento na individualidade descontínua⁷.

É comum ouvirmos que ser amado acabaria com esta solidão, de alguma forma isso se torna verdade quando abole a mentira da relação e mantém longe a ameaça de separação, de perda.

A busca do complemento, no mito de Aristófones, ilustra bem isso, é uma imagem interessante utilizada por Lacan (1964), porque diz de maneira patética, e enganadora, que é a sua metade sexual que o vivo procura no amor. Ele se utiliza desta para dizer que a procura não é do complemento sexual mas da parte para sempre perdida dele mesmo⁸.

⁶ Gozo – raramente utilizado por Freud, este termo tornou-se conceito na obra de Lacan. Inicialmente ligado ao prazer sexual, o conceito de gozo implica a idéia de uma transgressão da lei; desafio, submissão ou escárnio. O gozo, portanto, participa da perversão, teorizada por Lacan como um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico, distinto das perversões sexuais. Posteriormente, o gozo foi repensado por Lacan no âmbito de uma teoria da identidade sexual, expressa em fórmulas da sexuação que levaram a distinguir o gozo fálico do gozo feminino (ou gozo dito suplementar). Lacan estabelece então uma distinção essencial entre o prazer e o gozo, residindo este na tentativa permanente de ultrapassar os limites do princípio de prazer. ROUDINESCO, Elisabeth, *Dicionário de psicanálise*, Michel Plon; Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 299, 300.

⁷ Bataille, op. cit. p. 33.

⁸ Cf. Lacan, (1964). O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 195.

A busca do amor, o que fazer como homem ou como mulher, é uma outra questão, o ser humano tem que aprender peça por peça do Outro, abandonados ao drama individual edípico.

Barriga Negra busca sua “cara metade”, vidrada num momento de reciprocidade entre o sujeito e o objeto, fica fascinada pela imagem encontrada no espelho, um encontro com o objeto “não outro” mascarado e eternizado pela verdade da sua fala, ligada à morte da sua filha.

É no estádio do espelho, fenômeno descrito por Lacan em 1949, que a criança reconhece sua própria imagem, numa identificação com o Outro. Este é um ponto de mira aonde se quer chegar, a imagem da criança se confunde com esta do objeto ideal numa tentativa (do ser descontínuo) de encontrar no outro a continuidade esperada, tranqüilizadora.

Neste sentido o abismo é uma imagem interessante porque diz do limite entre um e o outro intransponível, olhar o abismo é lembrar do limite da vida, o espaço necessário entre eu e o outro, que quando ultrapassado leva à morte. A reprodução é utilizada por ela com este fim, para atingir aquele objeto da completude, está em busca “daquela filha”.

Busca da tranqüilidade, ao ponto de significar a morte, lembrando Freud, que tem o orgasmo como seu melhor exemplo: o mais além do principio do prazer.

Na busca do mais além, Barriga Negra se cala, está entregue ao pathos, ao afeto na sua tendência repetitiva, sem pensamento.

Esta fadada a este reencontro impossível, onde a única via possível é esquecer-se do objeto perdido e jamais reencontrado, que compromete assim o sujeito. Ela vai em busca da satisfação das suas exigências primordiais.

Por outro lado, sabemos que é esta busca que cria a vida, como Freud insiste, uma tendência em encontrar o objeto perdido, ou de um objeto a se

reencontrar. Caminho do desejo, conhecido como impossível, o que faz Lacan chamá-lo de pura causa.

Este caminho do desejo é construído pela via da falta, a sexualidade se instaura no corpo do sujeito por uma via que é a da falta, duas faltas que se recobrem, a primeira diz respeito à dependência do sujeito pelo significante, que está primeiro no campo do Outro e a segunda é a falta real, anterior a primeira porque se trata de situar o advento do vivo, isto quer dizer na reprodução sexuada. *“Aquilo que o vivo perde, de sua parte de vivo ao se reproduzir pela via sexuada – o vivo, por ser sujeito ao sexo, caiu sob o golpe da morte individual”*⁹.

Um ótimo exemplo apresentado por Lacan é o da placenta, que bem representa a parte de si mesma que o indivíduo perde ao nascer, e que pode servir para simbolizar o mais profundo objeto perdido.

Conforme o desenvolvimento da sexualidade infantil publicado por Freud (1905) nos Três ensaios, a criança separa-se sucessivamente de uma série de objetos, que depois de servirem a uma função ao corpo da criança são abandonados. O sujeito durante a sua evolução guarda e perde, sucessivamente a placenta, o seio, depois os excrementos, e ainda o olhar e a voz, que são as cinco imagens destacadas por Lacan dentre a variedade de objetos corporais, chamados de objeto *a*.

Os objetos não se desligam naturalmente, como muitos gostariam, eles só se desligam e se separam do corpo ao preço de uma ação, a ação da fala. A fala mais primitiva que separa, ao mesmo tempo o seio do corpo da mãe e este da boca do bebê é, fundamentalmente o grito. A criança desta forma manifesta o seu desejo e se apossa do seio da mãe.

⁹ LACAN (1964), O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 194.

O grito da criança tem o valor de uma demanda e como toda demanda ela tem uma fala em contrapartida, ou seja, é uma dupla demanda, como esclarece Nasio (1993), a demanda do sujeito ao Outro – desta vez, o Outro com A maiúsculo, no caso, a mãe – e, reciprocamente, a demanda do Outro ao sujeito, da mãe ao bebê¹⁰.

Mas como a demanda é uma fala ela nunca chega a designar exatamente o objeto querido. Há uma inadequação fundamental entre a coisa e a linguagem, entre aquilo que quero e a fala que enuncio para obtê-lo, entre o seio que reclamo e o grito do meu apelo.

A demanda é um corte significativo no sentido em que ela erra o alvo de seu objeto, que transforma o objeto real que almeja numa abstração mental, numa imagem alucinada. É essa imagem, precisamente que chamamos de objeto do desejo, ou objeto *a'*.

A comunicação é feita neste mal entendido, quando a criança grita a sua fome e a mãe acha que ela está com frio e assim sucessivamente.

Desta forma, se são duas demandas, aonde se encontraria a demanda materna? O seio do desejo da criança não seria objeto do desejo se a mãe não desejasse dar o seio, o que está em jogo é, portanto, a relação da mãe com seu próprio corpo, ou seja, o desejo materno não é alimentar, nutrir seu filho, senão um desejo erótico.

Chegamos assim a questão erótica da paixão, não só do lado da criança que é despertada mas na mãe que deseja eroticamente o seu filho.

Nasio acentua ainda que não haveria desejo incestuoso se não houvesse dois desejos em jogo: o da mãe e o do filho.

¹⁰ NASIO, J.D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993, p. 103.

Podemos identificar na Barriga Negra justamente este desejo erótico no sentido de sua busca incansável do objeto, com quem acredita ter vivido um excesso, objeto perdido, impossível de simbolizar. O que traz o aspecto mortífero porque esbarra no aspecto do limite do significado que jamais é atingido por algum ser vivo¹².

O que vem a ser esta busca pelo objeto? Se lembrarmos da noção freudiana de que o objeto é sempre, somente, um objeto reencontrado a partir de uma *Findung* primitiva, a *Wiederfindung*, a redescoberta, jamais é satisfatória¹³.

Nas suas palavras: “*O objeto da pulsão é aquele através do qual o instinto pode atingir seu alvo. Ele é o que há de mais variável no instinto, nada que lhe esteja originalmente ligado, mas algo que lhe é subordinado apenas em consequência de sua apropriação para seu apaziguamento*”¹⁴.

Trata-se, diz Lacan nesta leitura que faz de Freud, da satisfação na medida em que, segundo o princípio do prazer, o alvo da tendência é alcançar seu próprio apaziguamento.

Articula a partir daí, que não existe harmonia preestabelecida entre o objeto e a tendência e parte assim da noção, que diz fundamental, a noção de frustração.

Esta noção é importante, e é colocada por Lacan como central entre os dois outros termos de referência da falta do objeto, a castração e a privação. Na medida em que se refere à primeira infância, está ligada aos traumas,

¹¹ Ibid, p.104.

¹² Cf. LACAN(1956). Teoria da falta de Objeto. In *O seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 47.

¹³ Ibid, p.61.

¹⁴ FREUD (1915). Os Instintos e suas Vicissitudes. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV. p. 143.

fixações, impressões das primeiras experiências infantis e no modo de relação de objeto em jogo. Neste momento, Lacan introduz a questão do real, diz que devemos observar nos antecedentes do sujeito as condições reais, pelo viés da experiência analítica, introduz também as metáforas quantitativas, fala de satisfação, gratificação e carência.

A frustração é, então, considerada como um conjunto de impressões reais, vividas pelo sujeito num momento do desenvolvimento, onde o sujeito está numa relação primitiva com o objeto real, o seio¹⁵.

O que quer dizer que a mãe, que nos interessa particularmente, ainda não existe. Desde o início onde ainda não há separação eu – não eu, no autoerotismo, o objeto é real e a relação direta.

A mãe não surge desde o princípio, ela é outra coisa que não o objeto primitivo, diz Lacan, ela surge a partir dos primeiros jogos de domínio, sobre um objeto indiferente, como mostrou Freud, nos jogos de repetição onde apontou a posição constituinte da criança, assim como o agente da frustração, originalmente a mãe.

A entrada do agente mostra que o objeto não tem instância, nem entra em função senão com relação à falta. É nessa relação fundamental, que é a relação da falta do objeto, que é possível introduzir a noção de agente.

Neste primeiro momento o agente, que devido a esta dependência inicial está lá para satisfazer a criança em todas as suas necessidades e aos poucos a partir dos jogos de domínio, presença-ausência, ela passa de objeto de satisfação da criança à agente da frustração, ou seja, uma real potência, situada no plano do imaginário que pode, assim, dominar as exigências desenfreadas sem lei. Quando não responde mais ao apelo do sujeito, ela

¹⁵ Cf. LACAN (1956), op. cit. p. 62.

decai. Desta inversão da posição do objeto, surge o objeto de Dom, marca de valor desta potência, que pode não responder, que é a potência da mãe¹⁶.

Ela enquanto agente simbólico, presente – ausente, em função do apelo, responde com o objeto da necessidade, real, o seio, por exemplo; quando a posição se inverte e ela se torna real, o objeto se torna simbólico, ou seja, entra em jogo não só a satisfação de uma necessidade, mas a de uma potência favorável, a onipotência da mãe.

Onipotência que será afetada quando a imagem da criança se diferenciar da imagem do falo, quebrando aquela imagem da criança maravilhosa, tão desejada.

A famosa frase lacaniana diz isso: “*a criança, como real, assume para a mãe a função simbólica de sua necessidade imaginária*”, juntando os três termos, real, imaginário e simbólico¹⁷.

Assim, uma quebra desta imagem é esperada, criando uma separação, momento que a criança pode se separar da idéia de que não é ela que é amada, mas uma certa imagem. O mais difícil é que a criança atribui esta imagem fálica a si mesmo e é desta imagem que é difícil se separar, desta relação narcísica. Este é considerado o ponto inaugural do desejo humano, quando a mãe olha para outro ponto, a criança “não é mais tudo para a mãe”. Lacan diz que é porque é impossível preencher esta falta, saber do desejo do outro e completá-lo que o desejo é relançado, o desejo como impossível, como pura causa.

¹⁶ Cf. Ibid, p. 69.

¹⁷ Ibid, p. 71.

A frustração é importante marcar, só tem importância e interesse na medida em que desemboca num ou noutro dos dois planos distinguidos como: castração ou privação.

O objeto da frustração é menos o objeto do que o dom, este se atendido faz evanecer-se o objeto como objeto. Se a demanda é atendida o objeto passa para segundo plano. Se a demanda não é atendida, o objeto se evanesce igualmente, mas muda de significação. Ou seja, só há frustração se o objeto entra na reivindicação, na medida em que o objeto é considerado como exigível por direito. O objeto entra assim, no que poderia se chamar de área narcísica das pertinências do sujeito. O que mostra Lacan é que a demanda comporta algo que a experiência humana conhece bem, que faz com que ela jamais possa ser verdadeiramente atendida, como tal. Porque atendida ou não ela se aniquila e logo se projeta noutra coisa, ou sobre a cadeia simbólica de dons, ou sobre o registro fechado e absolutamente inextinguível que se chama narcisismo.

Neste sentido há uma quebra quando a mãe pode se ausentar, se fazer ausente. *“Como é que alguma coisa poderia não estar em seu lugar, não estar num lugar onde, justamente não está?”*¹⁸ pergunta Lacan.

E responde dizendo que a ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica. É na medida em que definimos pela lei o que deveria estar ali, que **um objeto falta no lugar que é seu**¹⁹.

É preciso ser agente castrado para não estar e privar, ser objeto da privação, ninguém falta no real.

O objeto é instrumento para mascarar, enfeitar o fundo fundamental de angústia que caracteriza, nas diferentes etapas do desenvolvimento do

¹⁸ Ibid, p. 38.

sujeito, sua relação com o mundo. É assim que, em cada etapa, o sujeito deve ser caracterizado. “*O objeto é, antes de mais nada, uma sentinela avançada contra um medo instituído*”²⁰.

Se o objeto precisa completar, não pode faltar e apontar para o isolamento na individualidade descontínua.

E quando o objeto não pode faltar, como quebrar o fascínio narcísico? Como montar entre os três termos da relação, mãe-criança-falo, uma distância suficiente para que o próprio sujeito, não tenha, para mantê-la que dar de si, que se pôr nisso?

Esta questão é para onde nos leva este caso, Barriga Negra, o sujeito parece ter ficado sem saída, além da morte.

E mesmo assim o excesso que aparece na clínica da Barriga Negra na forma de um “fascínio”, de uma paixão, não é nem mesmo questionado, seria ele justamente aquilo que excede a capacidade de pensar?

O excesso é definido por Canelas Neto (2005) como “*tudo o que é mais do que aquilo que é*”, não podendo ser delimitado, isolado, positivado. Ele cita Bataille, para introduzir a concepção de que o excesso é o princípio e o fundamento do ser. E diz que: A experiência do excesso “*não é uma experiência que fazemos, mas sim uma experiência que nos faz ser*”²¹.

Ou seja, nesta experiência há a doação do sujeito, impedindo a ordem simbólica de acontecer. Isso é importante porque é só a partir da entrada do sujeito numa ordem que o precede, o seu vivido, coisa confusa que está ali

¹⁹ Ibid, p. 38.

²⁰ Ibid, p. 21.

²¹ CANELAS NETO, José Martins. Erotismo, morte e fusão em Bataille. *Revista Ide, publicação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de S. P.*, São Paulo, n. 41, p. 35-40, 2005. p. 38.

antes, se ordena e se articula, assume o seu sentido e pode assim ser analisado.

Antes disso o que fica é a frase teimosa da Barriga Negra que insiste que, se seu gozo é um fingimento ou um excesso, o prazer que sente é, contudo, real.

Essas questões a assaltavam, no momento em que seu saber era colocado em cheque, isto principalmente no momento em que toda a equipe se reunia para desaconselhá-la a uma nova gravidez. Mas qualquer verdade precipitava-se diante da sua experiência de prazer ou felicidade, como chamava.

Era como se aquilo que era mais seu, mais verdadeiro e autêntico era considerado uma mentira. Sua verdade por excelência: *“tinha o falo ou poderia tê-lo”*.

*“O que significa a verdade (...) se nós não pensarmos o que excede a possibilidade de pensar?”*²², diz Bataille.

Este dito nos leva ao período pré-edipiano, lá onde os jogos se iniciam, as perversões se originam, onde o falo é fundamental como significante, fundamental neste imaginário da mãe a que se trata de unir, já que o eu da criança repousa sobre a onipotência da mãe. Trata-se, portanto, de ver, diz Lacan (1957), de ver onde ele está e onde não está. Ele nunca está realmente ali onde está, e nunca está completamente ausente ali onde não está.

Ele mostra com isso que o falo deve sempre participar do que o esconde e a importância daquilo que chamou o véu, é pela existência das roupas que se materializa o objeto. É assim que podemos ver quando ele é

²² Bataille (2004), op. cit, p. 38.

tomado pelo seu valor aparente, como no fetichismo, onde ele está e o que ele é-, o objeto é exatamente nada²³.

Desta forma, se o desejo da mãe insaciável, não pode ser satisfeito, trata-se de enganá-lo e esta é a saída da criança respondendo a nossa pergunta anterior, a criança engaja-se na via de se fazer a si mesma de objeto enganador.

Ora, o que será que viu a nossa menina que se tornara a Barriga Negra?

Provavelmente viu que ela não era privada de algo, mas que a mãe não tinha falo. A descoberta da castração marca um momento determinante na evolução do sujeito. Este confronto visual, que nos mostra Freud é insustentável, *“como assim? Seu amor se dirigia a uma mãe fálica e não a uma mãe castrada!”*.

Aquilo que é desvendado, que o objeto privilegiado do desejo desvenda-se como sujeito da falta, é o que a paralisava, ao invés de levá-la a um requestionamento de tudo o que faz parte do desejo com relação à falta que constitui seu objeto.

Sua dor é revivida com a filha e a sua morte, perda real, apontava para um luto irrealizável que esta perda só vinha inflamar um pouco mais, sua insistência pelo objeto e negação da perda. Perda que não dizia desta morte da filha, mas da luta que vinha desempenhando para não perdê-la.

A sua associação era muito empobrecida diante da verdade que se apresentava aos olhos da analista. O objeto irrenunciável completava-a e alimentava a sua ilusão de abolir as tensões, não havia compensação simbólica.

²³ Cf. LACAN (1957). As vias Perversas do Desejo. In *O seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 198.

Assistíamos a abolição do desejo e a volta da representação mais próxima da zona de conforto humana, do repouso absoluto, como descreve Freud, a pulsão de morte, a fusão perfeita com o corpo materno, lá onde todas as necessidades são supridas continuamente.

Lacan (1957) falando de um artigo de Freud, *a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, toca em alguns pontos interessantes a este respeito. Trata-se de uma filha de uma boa família de Viena em 1920, o que já constituía um passo grande levar a filha à análise. Esta menina tinha uma ligação com uma moça dez anos mais velha, uma dama do mundo. Uma ligação que se revelava passional e, portanto, colocava-a em uma situação penosa diante da sua família. Freud vai explicar isso, nos conta Lacan, a partir da orientação normal do sujeito para o desejo de ter um filho do pai. Houve, com efeito, uma verdadeira inversão da posição subjetiva, que Freud tenta articular. A decepção devida ao objeto do desejo se traduz por uma completa inversão de posição: o sujeito se identifica com este objeto, o que como articula Freud, equivale a uma regressão ao narcisismo.

A história era a seguinte, quando o sujeito se engajava no caminho de tomar posse da criança imaginária, sua mãe, tem realmente um outro filho do pai. Um terceiro irmão entra no cenário da paciente, e o ressentimento para com o pai, possivelmente, ainda atuante, leva a moça a uma atitude agressiva para com o pai.

É um texto interessante e remeto-os a ele para retornar a questão levantada por Lacan, quanto ao assinalamento de Freud, que tenta explicar que a situação ficou sem saída no interior do tratamento, na medida em que, a resistência não foi vencida e a paciente não mudou de posição. Freud compara metaforicamente as reações da moça com a dama a quem se mostra

objetos diversos e que, através de seus binóculos, diz: *Que bonito!* Sugerindo um interesse apenas no plano intelectual, é uma frase reveladora do estado do apaixonado. Mesmo assim, Freud assinala que não se pode falar em ausência total de transferência. Sugere até a presença da transferência nos sonhos da paciente, tratando-se de mostrar a ele, assim como ao seu pai, que ela o enganava. Ou seja, a paciente reproduz com ele o jogo cruel que jogou com o pai.

A partir disso, Freud percebe o sonho como enganador e assim entra numa discussão com ele mesmo, escutando antecipadamente objeções que lhe vão fazer. “*Se o inconsciente também mente para nós, em que podemos confiar? Dirão seus discípulos*”. Freud dá longas explicações para dizer que isto em nada contradiz a teoria e permanece o fato, posto por ele em 1920: O essencial do que está no inconsciente é a relação do sujeito com o Outro como tal, e essa relação implica em sua base a possibilidade de realizá-la no nível da mentira²⁴.

O que Lacan ressalta é que ele tomou a coisa dirigida para ele, na frase “*É também – diz ele- uma tentativa de me enrolar, em cativar, fazer com que eu a ache muito bonita*”, mostra como ele entrou no jogo da paciente e o cuidado que teve para não se iludir, ou seja, diz Lacan, estava prestes a se iludir. E assim, Freud diz à moça que ela tem a intenção de enganá-lo, como tem o costume de enganar seu pai. Acreditou na sua contratransferência, como aponta Lacan, faz assim, interpretando precocemente, voltar ao real o desejo da moça, quando era simplesmente um desejo, e não uma intenção, de enganá-lo. Querendo reunir, Freud separou. Quando se tratava de revelar o discurso mentiroso que estava ali no

²⁴ Cf. Ibid, p. 108.

inconsciente, ele diz que tudo isso é feito contra ele e o tratamento se vê interrompido²⁵.

Lacan aponta que algo muito mais valioso é acentuado por Freud sem que ele o interprete: a natureza da paixão da moça pela pessoa em questão e que nos interessa particularmente.

Freud ressaltou que não se tratava de uma relação homossexual como as outras, se tratava do amor platônico no que este tem de mais exaltado.

*“Em suma, ele situa a relação da moça com a dama no mais alto grau da relação amorosa simbolizada, colocada como serviço, como instituição, como referência. Não é simplesmente uma atração sentida ou uma necessidade, é um amor que, em si, não apenas dispensa a satisfação, mas visa, muito precisamente, a não-satisfação. Esta é a própria ordem em que um amor ideal pode se expandir: a instituição da falta na relação com o objeto”*²⁶.

Nesse caso o nascimento do bebê, o objeto ser real e de ser sua mãe quem o recebe, do pai, vai conduzi-la ao plano da frustração, demonstra Lacan. Mas o que importa aí é: *“o que é desejado está para além da mulher amada”*²⁷.

O amor que a moça dedica à dama visa a algo que é diferente desta. Este amor que vive pura e simplesmente na ordem do devotamento e que leva ao mais alto grau o apego do sujeito e seu aniquilamento na *sexualuberschätzung*, Freud parece reservar, e não é à toa, ao registro da experiência masculina. Um tal amor, com efeito, se expande normalmente

²⁵ Ibid, p. 108.

²⁶ Ibid, p. 109.

²⁷ Ibid, p. 110.

numa relação cultural muito elaborada e institucionalizada. O reflexo da decepção nesse nível, sua passagem ao amor cortês, a saída encontrada pelo sujeito nesse registro amoroso, colocam a questão de saber o que é, na mulher, amado para além dela mesma, e isso põe em causa o que é verdadeiramente fundamental em tudo o que se relaciona com o amor na sua realização.

O que é propriamente desejado na mulher amada é aquilo que lhe falta, conclui Lacan, ou seja, aquele objeto primordial que retorna com o aparecimento da criança. Ele diz: *“No extremo do amor, no amor mais idealizado, o que é buscado na mulher é o que falta a ela. O que é buscado, para além dela, é o objeto central de toda a economia libidinal: o falo”*²⁸.

Mostra com isso o aspecto da paixão associada a questão do desejo fálico. Como lidar com o encontro, com o excesso do encontro, senão no nível da mentira, a relação ideal com o outro é uma mentira, no sentido da ficção que ela traz, onde o eu se consolida, onde se dá o encontro.

Esse amor do excesso diz possivelmente deste objeto separado, que apesar de nunca ter existido não pode ser perdido. Este é o drama vivido pela pessoa apaixonada, imagina a existência de um objeto ideal e acomoda-o tão bem (dentro de si) que fica ameaçada de perdê-lo e não se imagina sem ele.

É nesse momento, como nos referimos anteriormente, que é importante que a criança assuma o falo como significante, trata-se de que a criança se confronte com esta ordem que fará do pai o pivô do drama, entrada no Édipo. Mas, *“O pai isto não é tão simples”*²⁹, diz Lacan.

²⁸ Ibid, p. 111.

²⁹ LACAN, (1957). Sobre o Complexo de Édipo. In *O seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 204.

Retomemos então o nosso caso em questão para pensar que naquele momento não havia história ou associações, a transferência, única forma que conhecemos como possibilidade de deslocamento do afeto estava atrelada a “verdade do seu gozo”.

A busca desenfreada da Barriga Negra pela filha perdida, pelas clínicas de reprodução assistida é onde seu ato se apresenta, repetindo-se compulsivamente. Após o tratamento, intervenção precoce, onde ela é acompanhada no pós-parto e faz de fato a ligação com os filhos gêmeos. Uma história parecia ter se encerrado, quando para nossa surpresa, quando seus filhos fazem um ano, ela volta à clínica com as fotos dos meninos em baixo dos braços e a emergência de trazer a filha de volta, que provavelmente nunca a deixara.

Assim que os gêmeos, seus filhos completaram um ano, podiam andar e se afastar, traziam a imagem dos “homens que não servem”, porque abandonam e com eles a falta da filha, foi este provavelmente o bastante para marcar uma consulta e deixar claro que agora vinha buscar a filha.

Gostaria de estar acompanhada da filha como a paciente de Freud com a dama, só seria feliz o suficiente com a sua filha. Falava de uma verdade tão crua que tocava a equipe. O médico seduzido indagou se não deveríamos fazer uma nova tentativa. Cego, estaria seduzido pelo excesso? Talvez a beleza que cega não é a da moça mas aquilo que cega a mentira do encontro, aquilo que suprime a separação.

Com sua idade avançada Barriga Negra precisava engravidar (ter dentro de si) a criança morta que estava para ela apenas adormecida.

Podemos lembrar com Freud (1920) que o instinto repetitivo nunca deixa de se esforçar em busca de satisfação completa; o que consistiria na repetição da experiência de satisfação.

Assim, seduzia e manipulava os profissionais que a atendiam, dizia, por exemplo, que viria às sessões se a analista a ajudasse com os médicos e ao mesmo tempo marcava consulta com o médico e pedia que fosse só com ele, ou seja, sem a analista. Viria se alguém lhe desse a chance de ser feliz, suplicava.

Que limite poderia barrá-la? Seu gozo não havia sido barrado. Não suportava o vazio que a separação lhe traria. Só uma equipe forte e bem preparada poderia dizer-lhe não e mesmo assim se um caísse, ela derrubaria todos, o “strike” seria desastroso. Falar da sua intenção de enganar os outros de nada adiantaria, como mostrou Freud. Como dizer da sua paixão, este amor além da “mulher” amada?

Assistíamos a um uso e abuso do objeto, todos eram largados com a maior facilidade, assim como seu marido e todos os outros, objetos desprezíveis. O que importava era ter a sua filha de volta, insistia.

Estava aquém da possibilidade de pensar, num excesso que tomava o seu ser. Desta forma o nosso encontro “mentiroso” não podia acontecer. Este parecia ser impeditivo para o seu encontro com sua filha ocorrer, havia uma inversão da história, como sabemos há um limite que torna o encontro mãe-filha impeditivo.

No excesso, no caso da Barriga Negra estamos na deriva pulsional, onde não há limites. Saber do limite coloca em questão o próprio encontro, ou o impossível do encontro. A falha da relação era interpretada como impotência neste caso, e contrapondo-se a esta, Barriga negra afirmava que poderia!

Isto nos faz lembrar um outro caso, onde a supressão³⁰ do limite era clara. Tratava-se de uma mãe fusionada com seu filho, e na medida em que o trabalho avançava, ela percebia a deficiência do filho e a dificuldade de estabelecer limites para ele, que como um bichinho podia tudo. Derrubava a sua sala, subia nos móveis da cozinha, mas era muito difícil desconfiar que a sua falta de ação com o filho, poderia ter relação com seu atraso de desenvolvimento, principalmente de fala, ele estava com três anos e só grunhia. Ficavam os dois lá encaixados, durante as sessões, e aos poucos a criança ia se aproximando da analista, que propunha algo para ele, até que num movimento inesperado se encaixou neste novo colo - Outro. A analista sem perceber foi interpretando a sua paixão e achando que o libertaria, ela disse a ele que ele podia ter o colo, mas não precisaria ficar naquele estado para isso. Visando juntar separou. Querendo marcar a possibilidade de uma relação, apontou a impotência da mãe diretamente, como Freud quando interpretou o jogo cruel da paciente em relação ao pai, reproduzida com ele, seu analista. O que ficou de fora, o mal entendido, foi justamente a relação fusional como algo da ordem do impossível. A fala onipotente e encobridora da analista foi possivelmente o que os levou à interrupção do tratamento. Tratava-se de outra coisa, daquela que aponta um desejo para além do amor do filho.

Como abordar este mais além, do que se trata?

Concordamos com Canela Neto³¹ quando sustenta a hipótese de que Bataille tem uma importância capital para nós psicanalistas contemporâneos, uma vez que nos introduz no universo fusional da relação com o outro,

³⁰ Segundo Bataille (2004), “o sentido ultimo do erotismo é a fusão, a supressão do limite” p. 143.

³¹ CANELA NETO (2005), op. cit. p. 35.

daquilo a que Green chamou de a “loucura materna”. A relação que Bataille faz entre erotismo e a morte poderia ser entendida como uma relação entre o erotismo e o mundo fusional incestuosos da relação com a mãe. Desse modo a morte da qual Bataille fala seria uma das metáforas da imagem da mãe no decurso da vida, assim como Freud sublinha no texto de 1913, “*O tema dos três escrínios: a mãe, ela mesma, a amante que o homem escolhe à imagem desta última, e a terra-mãe, isto é, a morte, que o “acolhe de novo em teu seio”*”³².

Bataille (2004) inicia seu trabalho justamente falando da morte e da paixão. Não dá para abordar a reprodução da vida sem levar em conta a morte. Segundo ele, o erotismo é a aprovação da vida até na morte³³.

E diz que “*O ser, mais freqüentemente, parece dado ao homem fora dos movimentos de paixão. Eu diria, diz ele, ao contrário, que nunca devemos pensar no ser fora desses movimentos*”³⁴.

Assim, nascemos só e morremos só. Entre um ser e um outro ser há um abismo, uma descontinuidade, a morte.

Para tratar desta descontinuidade, Bataille parte para a reprodução dos seres vivos que se dá de duas maneiras, a reprodução assexuada, dos seres mais elementares e a sexuada dos seres mais complexos.

Na reprodução assexuada, o primeiro ser desaparece, não sobrevive em nenhum dos outros dois seres que produziu. Ele deixa de ser na medida em que era descontínuo. Existe ai apenas um ponto de continuidade, onde um primitivo se torna dois. “*Desde que existem dois, há novamente*

³² FREUD (1913). O Tema dos três Escrínios. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XII. P. 81.

³³ BATAILLE (2004), op. cit. p. 20.

³⁴ Ibid, p. 21.

descontinuidade de cada um dos seres. Mas a passagem implica um instante de continuidade entre os dois. O primeiro morre, mas em sua morte aparece um instante fundamental de continuidade de dois seres”³⁵.

O mesmo não ocorre na reprodução sexuada, há uma outra maneira de passagem da descontinuidade à continuidade. *“O espermatozóide e o óvulo são, em seu estado elementar, seres descontínuos, mas eles se unem, e conseqüentemente uma continuidade se estabelece entre eles para formar um novo ser, a partir da morte, do desaparecimento de seres separados. O novo ser é ele próprio descontínuo, mas ele traz em si a passagem à continuidade, a fusão, mortal para cada um deles, dos dois seres distintos”³⁶.*

Esta fusão entre os seres e seus semelhantes, observa Bataille, não é obviamente análoga à fusão do espermatozóide com o óvulo, sobra uma nostalgia da continuidade perdida. Nostalgia que comanda entre os homens as três formas de erotismo descritas por ele.

A saber, falará dessas três formas: erotismo dos corpos, dos corações e, enfim, do sagrado. E o mais importante, é que, nestas, o que está sempre em jogo é a questão da substituição de sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda.

O sagrado seria a busca de Deus, do amor de Deus e seria o menos familiar. Erotismo dos corpos equivaleria à própria violação do ser dos parceiros. O desnudamento também seria ele uma equivalência do ato de matar, uma sedução ao ato erótico, *“uma destruição da estrutura do ser fechado que, no estado normal, é um parceiro do jogo”³⁷.*

³⁵ Ibid, p. 23.

³⁶ Ibid, p. 24.

Neste sentido, é importante frisar que no jogo erótico a vida descontínua é colocada em questão, ela é perturbada. O erotismo dos corpos tem algo de pesado e sinistro, o erotismo dos corações é mais livre, isso se separar do erotismo dos corpos, normalmente a fusão dos corpos prolonga ou introduz a paixão dos amantes.

Esta que tenta curar a dor do isolamento, mas traz o sofrimento, como abordamos anteriormente, já que busca a continuidade, ou se preferirmos, o encontro impossível.

A morte, desta forma, não está fora na paixão, ao mesmo tempo em que os corpos se completam ela oferece uma ilusão, ela é uma fusão profunda, mas precária, que mantém, portanto, a ameaça de separação.

Para caminharmos, fazendo ligações de objetos, o que está em jogo é a separação e o recalque das primeiras experiências de satisfação. A interdição deste é fundamental e marca, portanto, um caminho possível, diferente do retorno à natureza.

Freud, no seu artigo de 1920, vai falar do surgimento deste primeiro instinto de retornar à natureza; *“a tensão que então surgiu no que até aí fora uma substância inanimada, se esforçou por neutralizar-se e, dessa maneira, surgiu o primeiro instinto: o instinto a retornar ao estado inanimado...por longo tempo talvez, a substância viva esteve sendo constantemente criada de novo e morrendo facilmente, até que influências externas decisivas se alteraram de maneira a obrigar a substância ainda sobrevivente a divergir mais amplamente de seu original curso de vida e a efetuar détours mais complicados antes de atingir seu objetivo de morte”*³⁸.

³⁷ Ibid, p. 29.

³⁸ FREUD (1920), Além do Princípio de Prazer. E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII. p. 56.

É assim, que a primeira e mais popular suposição sobre os instintos freudianos, exemplificada na expressão ‘fome e amor’ é transformada e com ela o conceito de instinto sexual, ou sexualidade, que deve ser ampliado de modo a abranger muitas coisas que não podiam ser classificadas sob a função reprodutora. Dessa maneira a libido dos instintos sexuais coincidiria com Eros dos poetas e dos filósofos, como se refere Freud, a pulsão sexual foi transformada em Eros, que procura reunir e manter juntas as partes da substância viva. Eros opera desde o início da vida e aparece como pulsão de vida; em oposição à pulsão de morte, criado pela animação da substância inorgânica, e para falar dela Freud bebe não na fonte dos poetas, mas da biologia e outras fontes díspares.

Eros faz a conjugação, ligação fundamental, provavelmente é a isto que Freud se refere quanto às influências externas decisivas, na citação acima, influências responsáveis por mudarem o curso de vida antes de atingir o seu objetivo. Assim, podemos pensar num início onde a repetição domina, até a ligação de Eros que permitiria assim, a diferenciação e a subjetivação.

Bataille (2004) parece introduzir um ingrediente a mais nesta questão, ele propõe um curso de vida que exige uma experiência pessoal, igual e contraditória, da interdição e da transgressão. Ele chama de transgressão a superação deste excesso, diferenciando-a de retorno à natureza, dizendo que ela suspende a interdição mantendo-a. Usa um verbo alemão: *Aufheben* para dizer disso, que traduziram como superar mantendo, o que é muito interessante porque esta seria a energia do erotismo, ou seja, “uma super-

ação, excesso – de *passment* – *exceder*”³⁹. Transformar-se, seria, então, esse deixar para traz, excedendo.

Se obedecermos a interdição, se estamos submetidos a ela, dela não temos mais consciência. Mas experimentamos, no momento da transgressão, a angústia sem a qual a interdição não existiria: esta seria a experiência do pecado⁴⁰.

A humanidade, angustiada por natureza, depende do limite e ao mesmo tempo de ultrapassá-lo. Assim como precisa dele precisa ultrapassá-lo, isto coloca o movimento humano em evidência, um constante encontro e perda do equilíbrio. Mas o que possibilita ao humano este constante movimento?

Bataille para ter acesso à experiência interior vai falar das condições físicas, do excesso de energia que é preciso despender. E vai surpreendentemente usar a letra *a*, assim como Lacan, para falar disso. Ele diz:

*“Existe crescimento do organismo cissíparo, mas uma vez adquirido o crescimento, um dia ou outro, esse organismo único divide-se formando dois. Que o infusório **a** se torne **a’ + a”**, a passagem do primeiro para o segundo estágio não é independente do crescimento de **a: a’ + a”** representa mesmo o crescimento de **a** em relação ao seu estado mais antigo.*

*O que é preciso notar, então, é que **a’**, sendo diferente de **a”**, **a’** é outro **a** que **a”** não é. Alguma coisa de **a** subsiste em **a’**, alguma coisa de **a** subsiste em **a”**.*

³⁹ Cf. BATAILLE, op. cit. p. 56.

⁴⁰ Cf. *ibid*, p. 59.

Havia uma continuidade no interior do organismo assexuado a. Logo que a' e a'' apareceram, a continuidade não foi suprimida de uma só vez. Não importa saber se ela desapareceu por volta do início ou por volta do final da crise, mas houve um momento suspenso.

A crise separadora nasce da plethora: Não é ainda separação, é a ambigüidade. Na plethora, o ser passa da calma, do repouso, ao estado de agitação violenta: ...Mas a violência da agitação, ...pede a violência da separação, da qual procede a descontinuidade. A calma, enfim, retorna com a separação finalizada, na qual se acham dois seres distintos”.

A plethora da célula acaba na morte criadora, na saída da crise quando a continuidade dos novos seres (a' e a'') aparece, uma vez que na origem eles são apenas um, mas para desaparecer em sua visão definitiva.

Nas formas de reprodução sexuada, a descontinuidade dos seres é menos frágil. Morto, o ser descontínuo não desaparece totalmente, ele deixa um vestígio que pode ser infinitamente durável. Um esqueleto pode durar milhões de anos.

No plano da continuidade e da descontinuidade dos seres, o único fato novo que intervém na reprodução sexuada é a fusão de dois seres ínfimos, células, que são os gametas masculino e feminino. Mas a fusão acaba por revelar a continuidade fundamental: nela aparece que a continuidade perdida pode ser reencontrada. Da descontinuidade dos seres sexuados procede um mundo pesado, opaco, no qual a separação individual está fundada sobre o mais pavoroso; a angústia da morte e da dor conferiram ao mundo dessa

separação a solidez, a tristeza e a hostilidade de um muro de prisão”⁴¹.

Essa idéia é importante porque trata da fusão reveladora da morte, sempre emblemática da busca pelo objeto perdido, como se pudesse ser encontrado. Avançar à descontinuidade é separar-se, o que não quer dizer perder a ilusão de continuidade, que é o que nos faz continuar vivendo.

Saporiti (1995) chama a nossa atenção para esta construção de Bataille como fonte para a formalização do objeto *a* de Lacan, assim como, marca fundamentalmente a diferença entre gozo e prazer, o prazer é homeostático, serve para diminuir a tensão: o gozo não se inquieta com isso, não se põe a serviço deste fim, diz ela⁴².

*“A experiência humana no erotismo, o sentimento que temos de pletora não está ligado à consciência de engendrar. Mesmo, em princípio, quanto mais pleno é o gozo erótico, menos preocupados ficamos com as crianças que podem dele resultar. Por outro lado, a tristeza que se segue ao espasmo final pode provocar um gosto antecipado da morte, mas a angústia da morte e a morte estão nas antípodas do prazer. Se o paralelo dos aspectos objetivos da reprodução e da experiência interior vivida no erotismo for possível, ele repousa sobre outra coisa. Existe um elemento fundamental: o fato objetivo da reprodução coloca em jogo no plano da interioridade o sentimento de si, o do ser e dos limites do ser isolado”*⁴³.

⁴¹ Ibid, pp. 148 - 153.

⁴² SAPORITI, Elisabeth. *A interpretação*. São Paulo: Escuta, 1995. p. 86.

Somos seres isolados, ancorados no campo do Outro (terra-mãe) e sem a interdição, objeto *a*, ou resto, os seres isolados não acendem a sujeitos, como é o caso da criança morta que fica no lugar de completar o outro.

Desta forma o erotismo de Bataille se aproxima do gozo de Lacan, quando este mostra que o gozo se sustenta pela obediência do sujeito a uma ordem, que o conduz, abandonando o que acontece com seu desejo, a se destruir na submissão ao Outro. A *super-ação*, superar mantendo a que se refere Bataille, estaria dizendo desse movimento de busca da coisa perdida que falta no lugar do Outro, implicando um sofrimento, mas sofrimento este que não encerra por completo a busca do gozo.

Para finalizar, no seminário de 1964, Lacan utiliza as operações conhecidas como união e intersecção na teoria da matemática dos conjuntos para elaborar e formalizar esses conceitos de alienação e separação. Alguma coisa se perde nesta alienação no campo do Outro.

Lacan postula, neste seminário, no nível da alienação uma operação exercida por dois conjuntos, o campo do Outro que constitui o sentido e o conjunto do sujeito que contém o seu ser, no meio é colocado o não senso⁴⁴.

O não senso será chamado de objeto *a*, aquele deixado de fora da operação de alienação, possibilitador do segundo tempo da constituição do sujeito, a separação.

Assim a separação consiste num segundo tempo do advento do sujeito que envolve o confronto da criança alienada com o desejo do Outro materno, a separação não é um destino, diz Lacan, e usa um trocadilho para se referir a isso, o “se parir”. É preciso “se parir” desta fusão com o Outro.

⁴³ BATAILLE, op. cit., p. 158.

No espaço do não senso cabe o desejo do Outro materno insatisfeito – desta forma o objeto *a*, ao representar o desejo do Outro materno insatisfeito, causa a separação – só assim, a criança fracassa como único objeto do desejo do Outro.

A criança fracassa quando a mãe fracassa na sua potência em ter o falo e reconhece a diferença entre aquilo projetado no bebê e ele (real), quando o gozo pode ser interditado.

A criança morta, esta que vem nos ocupando neste trabalho, é justamente o inverso, ela não fracassa, ao invés disso, ocupa o seu lugar maciçamente, parece alcançar este estado fusionado onde paixão e morte se encontram, como no apaixonamento de narciso pela sua própria imagem. Quem fracassa, nesse caso é o outro que olha e reconhece a paixão como verdade e não como aquele mais além do “amor amado”.

Olhar a paixão neste caso, ou loucura materna, é olhar para o campo obscuro do não saber, lá onde nascem as paixões e os afetos. A verdade no campo do saber é um reflexo de uma imagem idealizada, um saber da consciência, saber sem desejo, saber sem falta. “Como virão a ser os filhos dessa paixão sem desejo?”⁴⁵.

⁴⁴ Cf. LACAN (1964). O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 200.

⁴⁵ Cf. JERUSALINSKY, A. *Educa-se uma criança?* Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1994.

CAPÍTULO 6

FILHOS DA PAIXÃO

“Qual a criança que não é verdadeiramente maravilhosa, que fonte ao jorrar não é milagrosa? Se a verdade fala, é pela voz do inconsciente, e não há boca mais apropriada para dizê-la, bem no âmago do que a faz falar, que o gozo dos amantes”¹.

Como pensar esta clínica da psicopatologia fundamental na infância relacionando-a à paixão? O que a paixão tem a dizer? O que dizer deste estado milagroso da fusão dos corpos e do nascimento, onde de um corpo se formam dois?

O que dizer da confusão de dois seres? Há uma continuidade entre um e o outro, uma continuidade de dois seres descontínuos.

O estado amoroso parece dizer deste movimento onde precisamos manter a continuidade, onde qualquer descontinuidade é sentida como violência, quebra de um estado anterior. Esta dependência pelo outro, torna o objeto da paixão, este absoluto que completa, nada menos do que tudo, o todo.

¹ LECLAIRE, Serge. *Mata-se uma criança, um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.

Esta confusão que alcança o todo parece ser possível e realizável só para os amantes, que podem alcançar aquilo que somos proibidos pelos nossos limites.

A busca pelo todo é o movimento da paixão. Este que não podemos parar e ao mesmo tempo não podemos deixar de parar.

A paixão nega o outro, desconhece o fracasso próprio ao humano no tempo da própria alienação e neste sentido ela está referida a um tempo pré – sujeito.

Sujeito, que podemos lembrar com Freud, nasce desamparado e funda-se sobre o outro, e não consegue outro caminho senão o de padecer de suas próprias paixões.

Como diz Bataille (2004), nunca devemos pensar no ser fora destes movimentos de paixão.

Parto, assim, do conceito desenvolvido por ele no seu ensaio sobre o erotismo:

“A paixão nos leva assim ao sofrimento, uma vez que, no fundo, ela é a busca do impossível e, superficialmente, a busca do acordo que depende de condições aleatórias. Porém, ela promete uma saída ao sofrimento fundamental. Sofremos pelo nosso isolamento na individualidade descontínua. A paixão nos repete incessantemente: se você possuísse o ser amado, este coração que a solidão estrangula formaria um só coração com o ser amado. Pelo menos em parte essa promessa ilusória. Mas, a paixão, a imagem dessa fusão ganha corpo, às vezes de maneira diferente para cada um dos amantes, com uma intensidade louca. Além de sua imagem, de seu projeto, a fusão precária, que dissimula a sobrevivência do egoísmo individual, pode, aliás, tornar-se realidade. Não importa: dessa fusão precária e ao

mesmo tempo profunda, o sofrimento – a ameaça de uma separação – deve, freqüentemente, manter a plena consciência”².

A fusão na ação erótica, como revela Bataille, é a busca pelo ser todo, que dissolve os seres nela envolvidos, causando o que podemos ver no sacrifício, a morte da vítima, ou de qualquer maneira a destruição do objeto³.

Estes movimentos ajudam a esclarecer este abismo que existe entre um ser e outro, esta descontinuidade e a nostalgia da continuidade perdida.

Este abismo é conhecido nosso da clínica infantil, ainda mais quando se trata de psicopatologias como o autismo, onde somos diretamente lançados a um silêncio, que não diz nada, além de um profundo desamparo.

Freud havia nomeado esta ‘*paixão originária*’⁴ do recém-nascido de *Hilflosigkeit*, de desamparo, ou estado de desamparo, como propõe Laplanche e Pontalis:

*“Se trata para Freud de um dado essencialmente objetivo: a impotência do recém-nascido humano que é incapaz de empreender uma ação coordenada e eficaz... Do ponto de vista econômico, tal situação leva ao aumento de tensão da necessidade que o aparelho psíquico não pode ainda dominar: é a *psychische Hilflosigkeit*”⁵.*

² BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004. p. 33.

³ Ibid, p. 36.

⁴ Termo utilizado por Gori (2004) para dizer de um estado, designando uma miséria tanto psicomotora quanto física, da qual não mais nos lembramos (p. 33).

⁵ LAPLANCHE, Jean; Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 112.

Esta prematuração do ser humano cria as primeiras situações de perigo e a necessidade de ser amado, que nunca abandonará o homem. Situações de perigo que serão trabalhadas por Freud no quadro da teoria de angústia, quando o sujeito é incapaz de dominar as excitações, sendo submergido por elas.

Assim o desamparo vivido nos estados amorosos, esta sensação de cair vertiginosamente num abismo, como é comumente relatado os abandonos ou rupturas destes, poderia estar representando não só os efeitos desta paixão atual, mas esta paixão originária que fica esquecida.

Segundo Gori (2004) a paixão reatualiza, com seus efeitos esta tormenta originária, funcionando como um obturador..., “ *enquanto paramento, ela vem como que obliterar uma perda originária*”. E conclui que aquilo que se produz no momento das rupturas do lado passional constitui menos a consequência do que a própria causa⁶.

Algo ali daquele momento da paixão originária marca o sujeito. Depois disso o ser, apenas ser, tem que dar conta do abismo profundo, entre ele e o outro, já que não há como suprimí-lo.

Porém, como alerta Bataille (2004), ele pode fascinar, causar vertigem.

Ele mostra como o abismo, num certo sentido é a morte e, portanto, fascinante.

O aspecto fascinante é o sentido de continuidade do ser que ela traz, que assim como, a reprodução está intimamente ligada a morte⁷.

⁶ Cf. GORI, Roland. *Lógica das paixões*. Trad. Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004. p. 33.

⁷ Bataille (2004) mostra que para nós, seres descontínuos, a morte tem o sentido da continuidade do ser: a reprodução leva à descontinuidade dos seres, mas ela coloca em jogo sua continuidade, quer dizer, ela está intimamente ligada a morte. Mais adiante ele diferencia a reprodução dos seres sexuados, dizendo que em princípio ela é independente da agonia e do desaparecimento. Diz ele: “a reprodução sexual – que na base coloca em jogo a divisão das células funcionais da mesma maneira que na reprodução assexuada – faz com que intervenha uma nova maneira de passagem da descontinuidade à continuidade. O espermatozóide e o óvulo são em seu estado elementar, seres descontínuos, mas eles se unem, e conseqüentemente uma continuidade se estabelece entre eles para formar um novo ser, a partir da

Se a união de dois amantes é o efeito da paixão, ela traz a morte, o desejo de matar ou de se matar. Ou até, podemos pensar que um já está morto, já que a união com o objeto amado é ilusória.

Barthes (2003), em ‘Fragmentos de um discurso amoroso’, também traz o elemento morte quando define o abismar-se, como a onda de aniquilamento que sobrevém ao sujeito amoroso por desespero ou plenitude.

Uma das definições escolhidas para “Eu me abismo, Eu sucumbo...” é:

“quando assim me acontece de abismar-me, é porque já não há lugar para mim em parte alguma, nem mesmo na morte. A imagem do outro- à qual eu me colava, da qual vivia – já não existe; ora é uma catástrofe (fútil) que parece afastá-la para sempre, ora é uma felicidade excessiva que me faz alcançá-la; de qualquer modo, separado ou dissolvido, não sou recolhido em parte alguma; na frente, nem eu, nem você, nem morte, mais nada a quem falar.

(Estranhamente, é no ato extremo do Imaginário amoroso- aniquilar-se por ter sido expulso da imaginação ou nela ter-se confundido- que se consuma uma queda deste Imaginário: no tempo breve de um vacilar, perco a minha estrutura de amante: é um luto factício, sem trabalho: algo como uma impronúncia)”⁸.

morte, do desaparecimento de seres separados. O novo ser é ele próprio descontínuo, mas ele traz em si a passagem à continuidade, a fusão, mortal para cada um deles, dos dois seres distintos” (p.24).

⁸ BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 4, 5.

O abismar-se do sujeito amoroso o paralisa, deixa-o esvaziado no falar. Sem ter à quem falar e sem ser provocado por um outro não pode agir. Está, assim, diante da sua sentença de morte: de que vive na dependência permanente do Outro.

Berlinck (2000) refere esta dependência do Outro como fundamental para a determinação do *pathos*, quando fala do *pathos* e da inferioridade do padecer em relação ao agir, pois resta ao sujeito um ‘padecer’, uma potência passiva em receber a forma do agir do outro. Aonde *pathos* conduz à morte se não for ouvido por alguém de fora, como aquele na condição de espectador do teatro grego do tempo de Péricles, posição do terapeuta, onde a condição de ser ouvido por um médico, traz em si mesma o poder da cura⁹.

A paixão, *pathos*, sofrimento é desta forma, impronunciável, ela não pode ser narrada pelo discurso lógico, porque nesse estado o ‘eu’ vira escravo dos acontecimentos, é levado pelo excesso, e só pode se assenhorar desse acontecimento, como lembra Berlinck, como paciente ou como ator.

Como paciente ou ator o ‘eu’ ganha um espaço de fala.

Na clínica, podemos fazer o sujeito patológico dizer. No campo da psicopatologia fundamental, podemos fazer este dizer, vivido na transferência, dizer algo mais, ou seja, transformá-lo em experiência, uma ‘experiência que pertence a dois’¹⁰.

Propomos assim, a escuta da paixão com a belíssima obra de Stefan Zweig “Carta de una desconocida”.

⁹ BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 20.

O PATHOS DA DESCONHECIDA

Uma jovem desconhecida de treze anos, perdida num ambiente familiar nada envolvente, apaixona-se pelo famoso novelista que estava de mudança e se torna seu vizinho. Antes mesmo de encontrá-lo, o movimento provocado pela suposta mudança cria alguma expectativa na pacata jovem, ela começa a imaginá-lo e é tomada por uma paixão, que só revela para ele, no seu ‘leito de morte’. O faz através de uma carta, que dá nome ao livro, ‘Carta de una desconocida’.

Projeta-se neste homem que nem mesmo conhece, reconhece-se nele e passa a ser a desconhecida.

Observa-o pelos buraquinhos de sua porta, de seus olhos, de seu coração e transforma-o no objeto de sua paixão.

Este lugar ínfimo, buraquinho da porta, que normalmente serve como o “olho para fora”, nega a sua função e serve ao contrário para reduzir todas as possibilidades para o olhar e para o encontro.

Fica capturada por este olhar, único olhar possível; abismada pela imagem imaginada de si no outro.

O encontro nunca houve. O que houve então? Raspão, união dos corpos, paixão.

A paixão seria, então, exatamente o fracasso do encontro amoroso?

Numa passagem ela, a desconhecida, reconhece o exato momento onde entregou o seu coração para sempre:

“Había salido a dar un paseo con una amiga del colegio y estábamos charlando en el portal. Llegó un coche, se paro, y de él saliste tu de ese modo

¹⁰ Ibid, p. 21

impaciente y espontáneo que todavía hoy me enloquece. Viniste hacia la entrada. No sé qué me impulsó a abrirte la puerta y ponerme en tu camino, de modo que casi tropezamos. Me miraste con calidez, suavemente, y me sonreíste con ternura – sí, con ternura, no lo puedo describir de otra forma-. Me dijiste con una tenue y afable voz:

- Muchas gracias, señorita.

*Eso fue todo, querido. Pero desde ese segundo, desde que sentí esa tierna y suave mirada, quedé a tu merced”*¹¹.

Uma primeira ‘mirada’ e basta. Uma primeira ‘mirada’ a gente nunca esquece. Fascinada por esta imagem, a desconhecida rejubila-se.

O novelista recebe a carta, no dia que completava quarenta e um anos, sem se afetar muito com isso, da mesma forma que não se afetava quando recebia as flores da desconhecida todo aniversário; esta ação realmente não tinha significado para ele.

A carta dizia de uma desconhecida que contava de si, de uma vida servil e submissa a ele.

Contava também, que sempre o seguiu, mesmo que pelo buraquinho da fechadura. Seu olho vidrado acompanhava-o, cheirava-o, sentia-o e imaginava-o. Estava sempre lá, mesmo sem ser reconhecida.

Ela dizia:

“Sólo quiero hablar contigo, decírtelo todo por primera vez. Tendrías que conocer toda mi vida, que siempre fue la tuya aunque nunca lo supiste. Pero sólo tú conocerás mi secreto, cuando está muerta y ya no tengas que darme una respuesta; cuando esto que ahora me sacude con escalofríos sea

¹¹ ZWEIG, Stefan. *Carta de uma desconocida*. Trad. Berta Conill. Barcelona: El Acantilado, 2002. p.15.

de verdad el final. En el caso de que siguiera viviendo, rompería esta carta y continuaría en silencio, igual que siempre. Si sostienes esta carta en tus manos, sabrás que una muerta te está explicando aquí su vida, una vida que fue siempre la tuya desde la primera hasta la última hora”¹².

Num certo dia teve que se mudar, sair de lá, de perto dele. Tinha que acompanhar sua mãe que foi pedida em casamento e teria que mudar para Insbruck, onde morava seu futuro marido. O susto foi grande, não havia nem se dado conta do namoro da sua mãe. Havia notado a visita constante deste homem, mas não se dera conta do que estava acontecendo e menos ainda do que estaria para acontecer. A idéia de mudança no início foi bem difícil, não podia se imaginar longe dele, só mais tarde percebeu que esta foi só mais um empecilho enfrentado para voltar a estar ao lado de seu objeto único, ou único objeto de amor.

Logo que retornou a Viena, voltou ao prédio onde morava e passou a observá-lo, a paixão continuava a mesma, só era diferente em relação ao seu corpo, que tinha os sentidos mais despertados agora. Ela se converteu em uma paixão mais ferosa, mais corporal, mais de mulher.

Certo dia ele a reparou, mesmo sem reconhecê-la. Caminharam juntos e ele a convidou para jantar; teria conquistado-a se já não fosse dele, ‘que delicadeza, que tato, nenhum gesto importuno, nenhuma carícia rápida e vazia de sentido’¹³, diz ela. O convite se estendeu e não pôde ocultar que estava à sua disposição.

A felicidade tomava-a de vê-lo ao seu lado, tudo lembrava aquele tempo, aquele chão, aquele corredor, tudo lembrava a sua infância, o tempo em que a paixão se dava. Era a primeira vez que estava com um homem, ninguém jamais havia sentido o seu corpo.

¹² Ibid, p. 8.

Ao ir embora foi presenteada com uma rosa branca, a mesma que ela passou a presentear-lo todo ano no seu aniversário.

Voltou a vê-lo, e uma terceira noite aconteceu até que entrou uma viagem entre eles, um abismo; ela, desacreditada de intervalos, esperou, mas nem uma notícia dele recebeu.

Muito sofrimento acometeu-a. Sofrimentos que se misturaram. Dizia na carta: *“Mi hijo murió ayer – también era el tuyo.”*

Sufrimento, desonra, degradação, a pobreza que teve que suportar ao lado de prostitutas e doentes para ter o filho, que morreu.

Dizia:

“Tan pronto lo tuve, me escondí de ti durante mucho tiempo. Mi melancolía era menos dolorosa, hasta creí que había llegado a quererte menos apasionadamente; el hecho es que, desde el día en que lo tuve, no sufría tanto por mi amor. No quería dividirme entre tú y él y dejé de dedicarme a ti, e ese hombre feliz que vivía al margen de mí, para entregarme al hijo que me necesitaba, al que tenía que alimentar, al que podía besar y abrazar”¹⁴.

Quanto mais o filho se parecia com ele mais o queria. Para sustentá-lo se vendeu, era bonita e todos a desejavam. Poderia ter sido condessa, mas não pôde. Só ele não pôde reconhecê-la. Gritava pelo seu reconhecimento.

¹³ Tradução do autor. Ibid, p. 35.

¹⁴ Ibid, p. 47.

Uma dor que não ganhava expressão e levava à morte. Só estaria sabendo dela, lendo a carta, porque ela, antes uma desconhecida, não pôde falar e agora já não existia mais.

Assim o final é a morte, todo um caminho de dor e procura por preenchimento, por algo que obturasse a dor da falta, talvez a mais dura ferida do humano, aquela deixada pelo narcisismo primário.

O outro se torna uma miragem, objeto com o qual se pretende encobrir todas as falhas narcísicas. A ‘cura por amor’, o imediatismo do amor, como dizia Freud.

O olhar do outro não acontece, este que é o primeiro signo humano que vai ser interpretado muito mais tarde, deixa seu rastro por todo o caminho a ser percorrido pelo ser, desde o seu primeiro respiro até que possa responder pelo seu desejo.

O desejo da criança, como sabemos, nasce subordinado ao desejo materno, mas eles não se sobrepõem totalmente, nesta relação mãe-bebê existe uma falta que é parte constitutiva e fundamental do nascimento do desejo. Desejo que depende do desejo do outro.

O desejo não se sustentava nesta relação da desconhecida com sua paixão, podemos pensar a rosa branca como uma tentativa de marca e de separação. Mas esta não é da relação, é da sua descoberta, marca, portanto, a sua solidão diante do objeto sem marcas.

A rosa branca não significava nada para o outro, ao invés de falar ela não dizia nada para o outro que a recebia, a não ser a conservação do silêncio da desconhecida.

À espera de um nome, um lugar, um espaço, a figura da desconhecida parecia pairar e estar acima da vida e da morte. Da mesma forma seu filho morto, que a acompanhava e parecia mais um resto, algo que não podia ganhar um significado além de filho morto.

Seria um retorno para este estado insólito, de dependência e desamparo?

A paixão cria um solo sem marcas, sem adjetivos. A única qualidade do filho é ‘ser morto’. Parece que sem conseguir caminhar aniquila-se o que se criou.

Bataille (2004) aponta que a vida é movimento, e nada no movimento está protegido do movimento. Os seres assexuados morrem do seu próprio desenvolvimento, de seu próprio movimento. Os seres sexuados opõem a seu próprio movimento de superabundância – como a agitação geral – apenas uma resistência provisória. Ele diz: “*Os que se reproduzem sobrevivem ao nascimento daqueles que engendram, mas essa sobrevivência é apenas uma prorrogação. Um prazo é dado, efetivamente dedicado, por um lado, à assistência aos recém-nascidos, mas o aparecimento desses recém-chegados é a caução de um desaparecimento dos predecessores. Se a reprodução dos seres sexuados não pede a morte imediata, ela a pede a longo prazo*”¹⁵.

É deste movimento da continuidade à descontinuidade ou da descontinuidade à continuidade que padece a apaixonada. A descontinuidade está ligada ao sentimento de si porque ela funda os seus limites, estes que na sexualidade estão ameaçados pelo sentimento *dos outros*, outro que oferece uma possibilidade de continuidade¹⁶.

No erotismo há uma procura pela continuidade, segundo Bataille “quanto mais pleno o gozo erótico, menos preocupados ficamos com as crianças que podem dele resultar”¹⁷, ou seja, quanto mais perto estamos do gozo mais longe estamos do filho.

¹⁵ Bataille, op. cit., p.156.

¹⁶ “No momento da união o casal animal não é formado por dois seres descontínuos que se aproximam, unindo-se por uma corrente de continuidade momentânea: propriamente falando, não existe união, dois indivíduos sob o império da violência, associados por reflexos ordenados da conexão sexual, compartilham um estado de crise em que tanto um quanto outro estão fora de si. Os dois seres estão ao mesmo tempo abertos a continuidade” (*Ibid*, p.161).

¹⁷ *Ibid*, p. 158.

A desconhecida entregue ao gozo erótico, num movimento onde não pôde ser agente e agir com seu filho, padece de sua paixão.

O recém-chegado, objeto real, ao alcance de sua mãe para o que bem lhe convier, é levado à morte.

O desejo da mãe, como sabemos, é ter o falo. Filho sim, enquanto falo. A criança se identifica com ele e assim, se coloca na parte faltosa do desejo insatisfeito do Outro materno, completando-a.

Esta fusão mãe-bebê é necessária no início quando o bebê é totalmente dependente da sua mãe, o que levou Winnicott a dizer: “Isso que chamam bebê não existe”. Mas uma brecha é exigida e a separação assusta, algo deve falhar para que sejam dois. A criança não pode representar tudo o que falta para o gozo de sua mãe uma vez que ela não é toda mãe.

Esta questão é tratada por Nominé (1997), quando fala do enigma: o que quer uma mulher? Este importante enigma que se situa no centro do discurso analítico segundo Lacan ajuda a pensar onde entra esta brecha da separação. Diz ele:

Não se sabe o que quer uma mulher, por outro lado, sabe-se o que quer uma mãe e, precisamente, é a continuação da frase que acabamos de comentar: “Um pai só tem direito...mas o que uma mulher acolhe assim não tem nada a ver na questão, do que ela se ocupa é de outros objetos que são seus filhos...” Quer dizer o que ela quer, o que deseja uma mãe, é uma criança. Se a mulher entra na copulação significativa, é só enquanto mãe”¹⁸.

¹⁸ Esta citação de Nominé (1997) é retirada do seminário de 75 de Lacan, o seminário RSI, e trata do pai que só tem direito ao respeito e ao amor, se se atreveu a por em jogo seu desejo perverso no encontro com sua mulher. “Um pai só tem direito ao respeito, por não dizer ao amor, se tal amor, tal respeito está perversamente orientado, quer dizer, faça de uma mulher objeto (a) que causa seu desejo...”. NOMINÉ, Bernard. *O sintoma e a Família*, conferências Belorizontinas. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 1997. p. 17, 18.

Esta diferenciação da mãe e da mulher é fundamental e embora pretenda avançar neste ponto na conclusão deste trabalho, não poderia prosseguir sem marcar esta posição onde a mulher é o limite na mãe, já que a mãe não é toda fálica, uma parte dela fica do lado enigmático da mulher e desta forma o falo-criança não pode satisfazê-la inteiramente. Assim, “esta parte não fálica funciona, do lado feminino, como um limite”¹⁹.

O que não acontece quando a criança representa para a mãe o que lhe falta para fazê-la toda, para completá-la, e assim está na posição de sintoma da mãe, que é justamente a posição da criança psicótica.

Para Soler (2005), o filho, como resto da relação sexual, pode realmente obturar em parte a falta fálica na mulher, mas, conforme afirma não é a causa do desejo feminino que está em jogo no corpo a corpo sexual ²⁰.

Esta mudança importante, “A mulher não é a mãe” vem, diz Soler, da recusa de Lacan de interpretar a mulher pela mãe e confirmar assim a depreciação freudiana.

Em nome do que o desejo de ter seria proibido às mulheres? pergunta ela. Isto vem da obstinação de Freud a propósito da sua afirmação sobre a menina – “Ela o viu, ela o quer”, mas mesmo assim não resolve a questão quanto ao desejo feminino que continua sem resposta, portanto, problemática.

Nas três soluções freudianas para a inveja do pênis – renúncia, masculinidade e feminilidade, a última delas considerada evolução normal para Freud, deixa a mulher à espera do homem que lhe dará o almejado substituto fálico, e depois um filho.

¹⁹ Ibid, p. 19.

²⁰ SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006. p. 35.

Nesta saída freudiana para a mulher não há resolução e sim renúncia, assim a mulher fica a mercê do parceiro. Soler ressalta que no fundo a mulher freudiana é aquela que concorda em dizer obrigado.

O amor da mulher resultaria, desta forma no filho esperado, único objeto “causa de desejo” para a mulher. Mas, como deixa claro Soler, responder à questão do desejo sexuado da mulher pela progenitora é muito paradoxal. O filho é um objeto *a* possível para uma mulher, só que decorre da dialética fálica do ter, que não lhe é própria, e só raramente satura o desejo sexual; o ser propriamente feminino, se é que existe, situa-se noutro lugar²¹.

Soler aponta a diferença entre Freud e Lacan, chamando a atenção para a característica de Lacan não ter sido rude com as mulheres, nem em seus textos nem em suas análises, ele era pouco inclinado, ao que parece, a desestimulá-las de adquirir tudo que lhes desse vontade, por menos que isso fosse possível. Porque esse anseio, esclarece ela, inerente ao sujeito, não tem nada de propriamente feminino e o desejo da mulher como tal, se é que existe algum sentido em evocá-lo, seria outra coisa.

Uma outra coisa, um outro lugar, são formas para falar do feminino, não o esclarecendo, mas o diferenciando da maternidade, assim como se abre um lugar entre a mãe e a mulher onde o filho pode ser.

A relação dialética onde a criança espera algo da mãe e a mãe espera algo da criança falha, quando a criança descobre que o objeto fálico, que falta à mulher, falta a sua mãe. Lacan no seminário IV, A dialética da frustração (1956), formulou a questão da seguinte forma: “o que acontece na medida em que a imagem do falo para a mãe não é completamente reduzida à imagem da criança?”²².

²¹ *Ibid.*, p. 35

²² Cf. LACAN (1956). Teoria da falta de Objeto. In *O seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 71.

Aparece uma fenda e a satisfação não é mais plena, a mãe decai quando ela passa a não responder o apelo da criança, antes objeto presente-ausente em função do apelo, ela se torna real e assim, uma potência.

Os objetos por sua vez que eram pura e meramente objetos de satisfação, tornam-se, por parte desta potência, objetos de dom, marca de valor desta potência que pode não responder.

Lacan deixa claro que esta onipotência que surge neste momento é da mãe e não da criança, apesar da criança se confundir com ela. Ressalva importante porque na clínica é muito comum aparecer esta queixa voltada à criança, motivo de grande incômodo familiar e de busca de tratamento.

Mas a turbulência avança quando a mãe é afetada em sua potência, isto é decisivo para o sujeito, ressalta Lacan, “muito mais que à mãe falta este falo, de que ela própria é desejanter, não somente de algo além dele próprio”²³.

Momento decisivo para o sujeito porque precipita a separação, é afetada em sua potência que a mãe pode perder “Aquele filho” que anularia a sua falta.

No livro de Zweig, não é disso que se trata, há uma perda em jogo, um objeto a ser perdido e uma busca repetitiva por um objeto apaziguador.

O que está em jogo é perder o filho, objeto a ser sacrificado em nome do excesso de amor.

Trata-se de um abandono do objeto? Renúncia do objeto para não ser abandonada? A questão central do apaixonado é esta, estar dividido entre o total domínio sobre o objeto e poder perdê-lo, ser deixado por ele. Esse cuidado obsessivo do apaixonado torna-o escravo de seus pensamentos onde o outro o ocupa quase que totalmente.

²³ Ibid, p. 72.

A própria expressão “*mettre à bandon*” quer dizer, segundo Gori (2004), renunciar uma coisa em benefício de alguém, dar-lhe poder, o uso da expressão visava primitivamente um objeto, não uma pessoa. Aplicando-se à pessoa humana, ultrapassou a idéia de “deixar” ou “largar”; em outras palavras, “abandonar” implica ao mesmo tempo a intenção de renunciar à sua liberdade de ação e ser libertado, posto em liberdade ²⁴.

Curiosamente esta expressão, segundo Gori, usa-se tanto a respeito das crianças desamparadas por seus pais quanto para amantes que foram deixados; “ser abandonado”, pode significar “estar exposto tanto à desolação quanto à solidão”, ou “devotar-se, apesar de, e contra tudo, à dominação ou ao poder do outro”²⁵.

Trata-se da paixão, da dor inconsolável de nunca ter sido amada como sujeito pelo Outro, onde perder o objeto de sua paixão e perder-se a si mesmo se confundem, ou são no fundo a mesma coisa.

O indivíduo apaixonado desiste de sua própria personalidade e investe toda a sua energia no objeto sexual, que fica supervalorizado.

O filho da desconhecida de Zweig, sem representação como tal, só vem alimentar a possibilidade da paixão, negando o limite, “a carne é a expressão de volta dessa liberdade ameaçadora”²⁶. Porque é com o filho, onde se pode viver novamente o erotismo pleno “é a infração à regra das interdições”²⁷.

Freud já havia mostrado esta potência erótica da mãe nos cuidados que exerce com a criança que surge no mundo, como um corpo a quem é preciso fazer viver. Não é pequeno o trabalho da mãe, responsável por introduzir este pequeno ser no mundo da linguagem.

²⁴ Gori, op. cit., p. 32.

²⁵ Ibid, p. 30.

²⁶ Bataille, op. cit., p. 156.

No entanto, há uma zona limite da função materna, como afirma Soler (2005), onde a humanização primária do corpo exposta aos excessos e transgressões fica, antes mesmo de entrar em jogo para a criança a apreensão da diferença sexual, aprisionada no “serviço sexual da mãe”, na posição de fetiche, às vezes, na de vítima ²⁸.

Esta zona limite, faz da mãe não só o objeto vital por excelência como chama atenção para o desejo e o gozo desta. Foi neste contexto dos paradoxos do gozo que os psicanalistas posteriores a Freud convocaram a mãe, diz Soler.

Hoje é impossível não nos remetermos a ela, principalmente a esta mãe da transgressão, tão eficiente, tão potente e tão perdida com seu filho, que transborda nos consultórios infantis e vem escondida através da máscara melancólica.

Esta nos remete de imediato à mãe do amor, a importância da presença e do amor materno, ou seja, o seu papel insubstituível.

Certa vez, atendemos uma criança de quatro anos, que se expressava como um “bichinho”, muito bem se não fosse o fato de grunhir ao invés de falar. Sua mãe entendia-o perfeitamente e ficava brava cada vez que apontavam alguma deficiência nele. Ficavam na sessão os dois juntos entrelaçados, como se fossem “um” e, na medida em que, o trabalho avançava, ela passou a desconfiar, inicialmente na escola, que ele não se comportava como as outras crianças e pediu para as professoras exigirem mais dele. Um dia foi olhar, pelo buraquinho da porta, e irritou-se ao ver que como ele não respondia, deixavam-no fazer o que queria, ou seja, nada.

Com este olhar percebe o filho não podendo ser, vê aí refletido o seu desejo e se assusta muito. A necessidade da separação, ou a possibilidade desta fica ainda mais evidente, quando aprecia a cena do seu filho no colo da analista, pedindo o

²⁷ Ibid, p. 146

²⁸ Cf. Soler, op. cit., p. 93.

mesmo entrelaçamento de dedos. Foi o bastante para despertar a sua fúria e interromper o tratamento.

Mal sabia a analista naquele momento que não poderia ter recebido aquela criança no seu colo, já que ela não existia.

A mãe da paixão estava lá, transgredindo todas as regras conhecidas, assim como aquela ilustrada no livro de Zweig.

Assim, é fundamental olharmos para o desejo da mãe, para o qual Lacan chamou nossa atenção.

Soler chamou de excesso de amor esta paixão materna mostrando o seu aspecto prejudicial e, portanto, a necessidade da separação, neste sentido esclarece que o desejo da mãe “deve ser entendido como o desejo da mulher na mãe, desejo adequado para limitar a paixão materna, para torná-la *não toda* mãe, ou em outras palavras, *não toda* para seu filho e até *não toda* para a série de filhos, os rivais fraternos”²⁹.

A mãe toda, que equivale dizer mãe da paixão é a mãe do excesso. O que ela não sabe é que o filho que falta, falta a todas as mulheres³⁰. A mãe não toda é a que se divide entre o homem e o filho, possibilitando ao filho se soltar da posição passiva de objeto da mãe.

A criança morta parece estar presa nesta posição, fixada numa imagem que a aliena a si mesmo, no seu mundo.

A criança reconhece-se no desconhecimento do outro de si, nada sabe, aniquila-se e desiste tão naturalmente como o chimpanzé citado por Lacan, no estádio do espelho, que diante do espelho tenta alcançar o objeto e desiste.

²⁹ Ibid, p. 95.

³⁰ Gori, op. cit., p. 81.

O autista também desiste do objeto, no entanto, nesse caso a ligação fica de fora, como o próprio termo, criado por Bleuler diz: *aut (eros) tismo*, há uma subtração de *eros* da expressão, resultando autismo.

Desta forma, que diferenças se colocam entre a criança morta e o autista?

Pois bem, esta mãe apaixonada nos mostra o quanto esta relação pautada sob a terrível e constante ameaça de perder é absolutamente intolerável tornando insuportável qualquer espaço entre ela e a criança.

Espaço fundamental se levarmos em conta que a criança se constitui nessas relações com este objeto, mais conhecido como instância materna ou função materna que tem a capacidade de estabelecer o erotismo.

A função materna seria segundo Berlinck (2000), a presença da mãe ausente que se manifesta como causa do poder. É assim, a fonte de poder que se inicia no humano, pela capacidade de constituir objetos reais, imaginários e simbólicos. Ele diz:

No autismo não se observa a presença de Eros, o poder próprio do humano em estabelecer ligações. Nele, a função materna dá lugar à autoctonia, ao filho natural, revelando a ausência do “objeto a”, causa do desejo. O autista tem genitora, mas não tem função materna: é filho natural. É isso que leva Fedida (1992) a escrever:

...o déficit fundamental do auto-erotismo refere-se ao fracasso do outro no autos do auto-erotismo (p.157)”³¹.

Fracasso e excesso do outro materno. Fracasso que levaria ao autismo e excesso que levaria à criança morta. Seriam excludentes?

Nossa suposição é que a mãe do autista não sabe de nada, quanto menos de sua paixão.

O que o autismo parece revelar é que no desvelamento da paixão deste outro materno a criança pode ficar no lugar da criança morta, isto é, corre o risco de ficar na posição de filho da paixão. E poderíamos nos perguntar, no final de nossa investigação, se não seriam estes os casos que não evoluem?

Casos em que a mãe não “sabe” que o Outro é barrado. Que o Outro não existe. O que existe, portanto, é a falta que perpassa os outrinhos.

³¹ Berlinck, op. cit., p. 102.

E O AMOR MATERNO?...

“O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior”¹.

Como pôde ser observado, a questão: “como ser mãe?”, qual a especificidade do amor materno, perpassa este trabalho do início ao fim.

O contraste existente entre todo um imaginário que apresenta a figura da mãe impregnada de um romantismo e beleza e a realidade que a clínica nos aponta, nos faz pensar, mas afinal o que caracteriza o amor materno?

Acompanhamos casos de mães nada confortáveis em suas posições, que aparecem como prisioneiras de sua própria armadilha de ter o filho para si, ficam sem poder se movimentar numa relação onde exigem muito e se

¹ FREUD (1914). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV. p. 108.

mostram muito inseguras amarradas a ações precárias que fogem ao seu controle.

Este é o motivo pelo qual fomos levados a esta pesquisa, o fracasso materno, no sentido da falta de vínculo entre mãe e filho, como foi observado no primeiro capítulo. Este caso, eixo do trabalho, nos motivou a fazer uma reflexão sobre o fracasso materno que leva a criança à psicopatologias graves como o autismo e para nossa própria surpresa chegamos à paixão.

Como uma paixão pode levar ao fracasso? Tema nevrálgico, que gera polêmica, perceber o psicopatológico e o quanto esta palavra paixão é ambígua. Este trabalho é o resultado desta reflexão. Como uma mãe apaixonada pode ser tão destruidora para a constituição de um sujeito?

Como esta marca dos poderes originários das primeiras fases onde a mãe é elevada a condição de potência simbólica, detentora dos poderes da fala, marca a criança?

Nesses casos, pudemos observar como a mãe como potência tem o peso de um oráculo, a voz que volta, ressurge das profundezas e da qual é muito difícil se separar.

Descobrimos logo que este fracasso se devia a um excesso com impossibilidade de um escoamento, causando uma imobilização no sujeito. A mãe de Eric, entregue ao Outro, não podia ser, quanto mais desejar. Seu filho, Eric, foi como um resto deixado ali, para evoluir como pudesse. Como não ouvia e não se interessava pelo rosto humano foi trazido para uma investigação, aos treze meses de idade. Os traços autísticos se confirmaram, apontando para a emergência da intervenção.

Como analista de crianças uma questão ética importante se coloca em jogo, porque se trata, da diferença entre estruturas “resolvidas”, e o fato de

considerar, na criança esta “não resolução”. Se a estrutura não está resolvida, há chance de uma resolução². Demos início ao trabalho.

A cena da bolacha foi um marco importante deste caso, relatada no segundo capítulo, porque lá onde havia uma melancolia materna intocável surge o afeto e este é finalmente dirigido ao filho. Antes disso, a fala de Ana estava referida a fala do mestre de quem era prisioneira, e repetia com ele: “*porque não dizê-lo autista*”, seu filho; víamos com isso que a fala do filho ficava totalmente desprendida de sentido, uma repetição que não produzia diferença, “*do nada ele começava a chorar*”, ela dizia.

Pudemos entender a falta de sentido desta fala do filho devido a sua reverência ao mestre, entrega apaixonada, que na sua aparição repetitiva, era o dono do sentido e de sua fé, já que respondia a ele de forma quase religiosa.

O mestre, representante narcísico, reaparecia indicando com o seu saber o caminho a ser seguido.

O novo parecia surgir com o *Unheimlich*, colocação de algo familiar que se transforma em algo estranho por ser percebido como algo vindo do exterior, uma cena, que fomos entender com Freud, a partir do texto “O estranho”, conforme trabalhamos no terceiro capítulo.

Ainda no mesmo texto, como exemplo de estranheza ele traz o conto de Hoffmann, “O Homem da Areia”, este persegue criancinhas para lhe roubar os olhos, onde faz aparecer os temas da fantasia, Édipo e castração, além de tratar da pulsão de morte, Thanatos através da compulsão à repetição. Temas que foram importantes ao longo de todo o trabalho. Aqui gostaríamos de ressaltar a aparição repetitiva do mestre, lembrança infantil, do representante paterno que

² VORCARO, Angela M. R., Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. p. 18.

aparecia diante dos casos amorosos de Nataniel, o que o perturbava enormemente, levando-o ao suicídio.

Não podia encarar a “perda dos olhos”, medo que o ameaçava cada vez que via o mestre, estava diante da castração e negava-a mais uma vez. Tentava se satisfazer nos casos amorosos, estava a procura de alguém que lhe entregasse a segurança de não perder-se, diante da ameaça de castração que vivia.

Podemos lembrar o leitor que Nataniel se apaixona por Clara, um amor narcísico e diante da sua ausência insustentável se apaixona pela boneca Olímpia, que representava não mais a imagem, mas o objeto em si, apontando para uma dependência ainda maior do objeto.

Este ponto é importante, na medida em que, nos levou a pensar que Ana diferentemente de Nataniel, fez uma quebra com a imagem do objeto da completude e pareceu até mesmo realizar uma transformação na via inversa deste.

O que a situação analítica possibilita olhar é a mudança de posição de Ana, inicialmente numa relação de dependência com o filho, este como objeto de gozo, para uma posição onde pode romper com ele, e assim, o mestre vai perdendo a força na medida em que reaparece. Aparece menos perturbador até que ela pode romper com ele, com muita angústia, medo de perder-se, mas, não mais imobilizada.

Nessas separações antes impensáveis, observamos um deslocamento do objeto da paixão, não era mais um, único. Agora objeto separado à quem se identifica, estranha e odeia.

Separar-se do filho, significava rever o ódio daquele momento onde diante do Outro, dono do saber, via a sua falha; “se não posso amar no Outro

aquilo que do Outro me falta eu o odeio”. O que quer dizer que o ódio também é uma tentativa de cura no sentido de curar-se da paixão amorosa³.

Podemos pensar nesta mudança como a boa saída da paixão, contrapondo-a a saída patológica que trataremos em seguida. Quando falamos em estranhamento e ódio nos afastamos da pulsão destrutiva para uma outra vertente a de Eros, amor ligado a Eros, ao significante, que como tratamos ainda no terceiro capítulo, permite assim a estabilidade, diferente da imagem, pois se constitui como simbólico, prescindindo da presença real do objeto.

Isto só é possível num espaço criado que não pertence nem ao sujeito nem, ao Outro, aquilo que cai no meio na intersecção do Outro com o sujeito.

A dificuldade é, portanto, introduzir o objeto *a*, aquilo impossível de simbolizar, resto ou ainda excesso que se acumula, na intersecção do Outro com o sujeito, de maneira que o gozo permaneça uma saída potencial para o amor.

Isso foi possível nesta ‘outra’ cena, cena da bolacha constituída no tratamento na qual foi admissível, uma nova formação significante. Essa é a via por onde somos conduzidos à ancoragem do significante no real, uma cena que precisa de outra cena para existir e só existe nessa relação. Assim, isso que não pode ser dito, o excesso, que também não pode ser calado porque não pára de falar ganha um espaço de fala. O isso se articula em uma fala, desta forma o puro gozo toma forma subjetiva, incorporado a partir de determinadas imagens significantes; dor de existir, tristeza, que será, assim, desdobrável em diferentes tipos de afeto e constituirá uma báscula entre o que está fora do sentido e o que faz sentido.

³ O ódio constitui uma outra forma de alienação, bem mais tenaz do que o amor e muito menos erótica. Cf. GORI, Roland. *Lógica das paixões*. Trad. Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004. p. 90.

O Gozo é a experiência da relação com o falo, o encontro do referente da ordem inconsciente que só se atinge para cada um, homem ou mulher, através do outro⁴.

A dor de existir e a tristeza indicam a elaboração de um luto, onde a operação da castração é possível; *Inconsciente*, pois é nessa ordem que o encadeamento determinante “*de uma pequena coisa podendo ser separada do corpo*”⁵ funciona. Onde se abre espaço para a transformação da paixão.

Não se trata, portanto, de abrir mão da paixão, isto seria praticamente impossível, mas transformá-la em possibilidade de troca simbólica, quando dois universos simbólicos se tocam e nesse caso podemos falar do amor.

A psicanálise coloca em evidência o retorno do resto, sob a forma do estranho ou do próprio sintoma, é fundamental olharmos para este fundo de não simbolizado, como o fenômeno psicopatológico que pode ser transformado.

Seria possível pensar que a paixão de objeto que não pode ser “perdida” retorna, e o que é possível é dar a ela um novo curso, um desvio?

Quando Ana desperta de seu sono profundo, ilusão narcísica, onde o papel da angústia e do estranho é fundamental, é levada a se questionar da sua insatisfação com a mãe, não tem mais como não se a ver com esta falha da mãe. Antes o desejo do Outro era interrogável. Como vimos este redirecionamento é possível, quando dá para recuperar a polissemia deste lugar, onde o objeto ganha o seu estatuto, é um nada, ou pelo menos impossível de ser encontrado conforme o seu desejo e pode assim ser substituído por outros.

⁴ Cf. LECLAIRE, Serge. *Mata-se uma criança, um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977. p. 29.

⁵ *Ibid*, p.28.

Temos apenas palavras para este mundo perdido ou jamais possuído, as figuras de linguagem tentam a apropriação do nu a que Bataille se refere, ele fala desta desposseção da individualidade no estado de nudez quando fala do entrelaçamento morte e erotismo, da obra de destruição no centro das paixões.

Adentramos assim, a outra vertente da paixão: Thanatos. Para compreendermos a mudança observada no quadro psicopatológico apresentado até agora, onde se produziram fantasias de desejo, pulsão de vida, foi preciso fazer um caminho pelo obscuro desta pulsão silenciosa. Estamos nos referindo a luta constante, de ruínas e destruição vivida pela Barriga Negra.

Caminho essencial para pensarmos o fracasso da relação amorosa, espelhado na criança morta, como aquela imagem que não pode morrer porque serve de consolo-de-sua-mãe⁶ e como representante narcísico primário, reina como tirano absoluto sobre sua vida de fantasia.

Com Thanatos, chegamos ao gozo absoluto como incompatível com a vida, como pudemos avançar com a ajuda de Bataille, na idéia de fusão entre eu e o outro, ou com o mito de Aristófanes no banquete de Platão, momento culminante em que os corpos são apenas um, mas é justamente contra isso que Lacan se coloca, a idéia de que a relação sexual entre um homem e uma mulher forme um único ser. Assim como Bataille que traz a idéia de um abismo sempre presente entre eu e o outro impedindo a fusão mortífera para cada um dos seres.

Esta demanda de fusão com o outro, pudemos observar no caso da Barriga Negra, que não por acaso encadeamos dessa forma, após o capítulo intitulado ‘A paixão amorosa’.

⁶ Termo empregado por Leclair, op. cit., p. 54.

Podemos supor que esta demanda é própria da sexualidade apaixonada, como nos revela o caso, e o conto de Zweig da desconhecida⁷, que traz ainda mais elementos para pensarmos esta questão. A desconhecida jamais teve uma relação com um homem que tenha conduzido à vida de casal, uma projeção é feita no outro nesse momento do apaixonamento, se pudesse seu desejo a conduziria a fusão total com o ser amado, pois só pode viver suas relações amorosas de maneira fusional como a que imaginará ter vivido com sua mãe.

Da mesma forma, Barriga Negra está descontente com o amor do marido e da mãe, sempre insatisfeita no seu desejo, este que está sempre referido a possuir o corpo total da mãe. Desejo incestuoso que a leva ao encontro com a filha, objeto ser real.

Basta um encontro como este para que se inicie a catástrofe do imaginário, que não tem o significante que o protege do real, nome do pai. Este tem por função intervir junto ao filho como privador da mãe, dando origem ao ideal de eu na criança.

Mediante um pai fraco, sem posicionamento, sua filha ficou sendo o único objeto, deixou o Outro sem entrada à troca fálica e à lei simbólica.

Barriga Negra viveu com a filha uma relação erótica que parecia encerrar a satisfação da mulher no ser mãe, se alimentou dessa paixão até a trágica morte desta.

Nessa perspectiva pudemos observar que aos filhos da paixão resta-lhes o excesso, sem a falta a mãe não leva seu filho a desejar, desejo que protege a criança, faz com que ela saia da pura necessidade e a protege nada mais e nada menos do que do incesto.

⁷ ZWEIG, Stefan. *Carta de uma desconhecida*. Trad. Berta Conill. Barcelona: El Acantilado, 2002.

O desejo longe de ser a saída perfeita, já que é sempre um desejo insatisfeito, protege o sujeito contra a sua tendência mais humana, o encontro com o Outro.

Se voltarmos a demanda da criança veremos que, ela é um corte significativo na medida que erra o alvo de seu objetivo, o que queremos dizer é que o seio demandado transforma-se em seio alucinado, o objeto real é transformado numa imagem alucinada, portanto, objeto que se desprende fazendo com que a criança ao alucinar se identifique com ele, a criança vira o seio. Desta forma se oferece ao Outro: “Coma-me mamãe”⁸. Podemos entender este momento como de um erotismo pleno, como dissemos antes, *a carne do bebê é a expressão de volta da liberdade ameaçadora*.⁹

Como esta é uma via de mão dupla de desejo, porque para este seio ser desejado pela criança depende do desejo da mãe, trata-se antes do desejo erótico da mãe.

A criança não pára de querer alimentar o seu desejo, quanto a mãe resta-lhe um não, não ao seio e a uma série deles, onde ocorre a inscrição dos significantes primordiais.

Assim este tempo de paixão, de entrega plena, só podemos pensá-lo, onde deve operar uma significação, um corte. Para produzir o seio alucinado, objeto *a*, é preciso da fala da mãe.

Trazer uma falta ao universo simbólico é função da mãe, o grito se transforma em demanda na medida em que tem uma contrapartida. Quem pede, pede à alguém. Como a mãe ouve este pedido vai depender de como está posicionada em relação a sua paixão.

⁸ Cf. NASIO, J.D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. p. 113.

⁹ Expressão utilizada por BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Claudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

‘Os filhos da paixão’ como vimos só vinham alimentar a possibilidade da paixão amorosa, onde fica muito claro a falta de separação existente entre filho e objeto de preenchimento.

Objetos filhos perfeitos são esses com quem é possível viver a *infração à regra das interdições* que só não são tão perfeitos porque morrem, sucumbem ao excesso materno.

A violência materna é própria do estado apaixonado, é esta que não permite a aproximação do outro, evita a fala e quer do outro só aquilo que quer, a filha no caso da Barriga Negra. Este ato de buscar a filha deixa claro que o desejo de um filho não é idêntico a vontade de ter filhos, ela é levada pelo impulso do ter, numa compulsão à repetição que evitava a castração. Seu gozo se apresentava separado da reprodução aqui de forma evidente. Essa violência que transparecia incomodava toda a equipe que tentava resolvê-la a ponto de calá-la, calar a boca que grita pela falta e muitas vezes é preenchida com a coisa “certa”, sem equívocos, sem furo e, portanto, sem possibilidade de ganhar um sentido, nesse excesso de amor prejudicial que clama por um efeito de separação.

Se há, portanto, uma falha na inscrição primordial a paixão se realiza sob a forma de forcluir, ou seja, obturar qualquer curiosidade sobre as transformações simbólicas desse objeto, não há interrogação porque simplesmente o objeto já está aí, não tem extensão simbólica, fome é fome, seio é seio, cocô é cocô, filha é filha e acabou a história. Não há espaço para indagar que posição este objeto tem na cadeia simbólica do Outro¹⁰.

¹⁰ Cf. JERUSALINSKY, Alfredo. *Psicanálise e Desenvolvimento infantil*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988. p. 143.

Se o enunciado que sustenta o sujeito não tem uma posição simbólica, não há conhecimento propriamente dito, causa um esvaziamento do sujeito. O conhecimento só acontece quando há o equívoco, onde o outro supõe um simbólico quando está se referindo a um real.

O equívoco faz a mãe produzir um corte no encontro apaixonado onde a demanda que gera a paixão pede uma resposta e a mãe produz uma resposta equivocada, “furada”, ou seja, **dá um sentido à paixão, mas não responde a ela**. O que parece fundamental para esclarecermos a questão que vínhamos desenvolvendo.

O limite se dá com o registro que algo faz falta, se dá por esses objetos “impedidos”, pequenos “a”, eles vão se separando e ganhando nomes dos pais, abrindo-se a possibilidade simbólica. O ponto de partida da inscrição, como falamos, é quando a mãe diz não, em seguida vem uma palavra, e outra, um significante atrás do outro e assim sucessivamente, até que aja uma distância considerável do objeto primordial.

Dar um sentido à paixão que comprometa o sujeito é possível, como vimos no primeiro caso. Mesmo porque sem sentido ela pode levar ao fracasso materno, respondendo a nossa pergunta do início. Como vimos, depois da intervenção da Cena da bolacha, quando um não de fora, não à bolacha na boca, produziu um corte e uma ausência pôde ser sustentada pela mãe. Ausência da bolacha, ausência da resposta certa, uma impossibilidade, um único furo foi produzido, e, já foi o bastante num universo cheio; repleto, mesmo que de vazio¹¹.

Esta que colocava o filho, como resto, objeto de exclusão, toma-o para si numa tentativa de preenchimento, quando é afetada por uma falta, ali onde estava infinitamente plena.

Apaixona-se pelo filho, assim como a Barriga Negra, endossando a frase, de que quando a criança surge no mundo, surge como corpo a quem é preciso fazer viver. Mas como sabemos com ela isso não é o bastante.

No caso da Barriga Negra, pudemos observar esta impossibilidade, como mãe - paixão, o seu caminhar estava estancado e parecia esbarrar num ato de violência se fosse tocada. A conseqüência (morte) parecia advir daí, da imobilidade dos laços sociais e amorosos da mãe e, portanto, dela com a filha.

A paixão sem corte, leva à morte do outro, que na sua dependência, se rende à mãe insaciável, se dá para ser devorado. O autista também parece estar lá para isso, desta forma, indefeso, até que se vê despertado pela paixão de sua mãe que lhe toca.

Podemos pensar que um grande número de crianças são levadas, assim, à psicose, quando a criança satura a falta materna, sendo para ela, o objeto de todo desejo. Jerusalinsky¹² trabalha esta idéia, do autismo, diferenciando-o da psicose, como o pequeno indivíduo da espécie, que atravessa a experiência do negativo de se representar na língua, onde podemos acrescentar, a partir da intervenção, para logo ser tomado pelo excesso materno.

A totalização do amor, observada no início deste caso, equivale à auto-conservação, é hostil, pura pulsão de morte. Se a palavra amor vem se abrir, é o eu que se vê ameaçado, a sexualidade é uma intrusão estranha, que a cena da bolacha, relatada na primeira parte, precipitou.

A separação consistiu em poder distinguir o objeto *a* do fantasma do Outro e o objeto do seu próprio fantasma, passando pela articulação que o sujeito vai fazendo, em diferentes momentos de suas lembranças, com a marca

¹¹ Noção de Real, Cf. Nasio, op. cit., p. 93.

¹² Cf. Jerusalinsky (2004), op. cit., p. 59.

que o desejo do Outro lhe deixou. Isto implicará uma marca dialética pulsional, onde o sujeito poderá resgatar um objeto.

Ana pôde aos poucos se distanciar da posição passiva de objeto mãe, saindo do lugar de gozo que articula este desejo mortífero, que o fantasma do Outro lhe deixou como marca e aqui podemos situar a diferença de Ana para Barriga Negra, evidenciada pelo fenômeno da transferência da primeira.

É importante ressaltar que ocupamos na transferência, provavelmente o lugar de um ideal que sabe fazer sobre a função materna, da mesma forma que na sua vida outros “ideais” lhe indicavam como fazer.

Podemos dizer assim que numa análise empurramos o sujeito a saber de algo? Talvez o amor de transferência é este empurrão forte, que abre feridas e só é compensado pelo efeito terapêutico desta.

O amor de transferência traz a possibilidade da morte simbólica, porque traz o sentido do corte, onde pode operar uma significação.

O ‘Não’ proferido pela analista, permanece, como significante, mas a partir do momento que é interpretado é transformado em signo. A partir do momento em que um significante é significante para alguém, ele já não é significante, mas signo. E assim, podemos afirmar que o sintoma tem duas faces: tanto uma face de significante, fora de nós, quanto uma face de signo conosco.

Desta forma o significante só pode levar sua vida própria, fora de nós, se, e, unicamente se, o tomarmos por um signo que nos fala. Fazer o paciente falar é nosso objetivo na análise e quanto mais se fala à procura de sentido, mais se ama aquele com quem se fala.

Podemos concluir a partir deste ponto, que para a paixão há saída. Contudo, a saída tem relação com o uso do objeto, que pode também ser dividido em duas vertentes, na primeira o objeto vem preencher o vazio

deixado pela perda do objeto primordial como observamos na Barriga Negra e a segunda quando o objeto se acha atrás da causa do desejo do sujeito, aonde chegaremos com a continuação deste primeiro caso.

Para isto gostaríamos de retornar a um dos últimos textos de Freud (1933 [1932]), “Feminilidade”, quando ele fala da poderosa vinculação mãe-bebê.

Freud nos diz que a separação da menina da mãe não é uma simples mudança de objeto, para ela poder se afastar da mãe em direção ao pai e, entrar no complexo de Édipo, termina senão em ódio e a razão desta hostilidade encontra explicação no Complexo de castração. Além das exigências de amor de uma criança serem ilimitadas, exigirem exclusividade e não tolerarem partilha, tudo isso não é o bastante. O que elas não perdoam na mãe é terem sido colocadas em desvantagem, ou seja, responsabilizam suas mães pela falta de pênis nelas. A distinção anatômica dos sexos leva a isso, à inveja do pênis, que leva a menina a desejá-lo do pai, responsável pela sua entrada no Édipo. Isso faz Freud dizer do desejo do pênis como sendo, *par excellence*, um desejo feminino¹³.

Mais adiante, no final do texto, Freud diz que a fase da ligação afetiva pré-edípica, contudo, é decisiva para o futuro de uma mulher, porque é neste momento que ela “*adquire aquilo que constitui motivo de atração para um homem: a ligação edípica deste à sua mãe transfigura a atração da mulher em paixão. No entanto, com quanta freqüência sucede que apenas o filho obtém aquilo a que o homem aspirava*”¹⁴.

¹³ Cf. FREUD (1933 [1932]). Feminilidade. E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXII. p. 152-158.

¹⁴ Ibid, p. 164.

Deixa assim a mulher, uma vez mãe, sem saída. Como realizar a sua paixão com o filho, sendo esta proibida? Ficava impossibilitada.

Achamos importante situar esta posição freudiana e como avançamos a partir daí, com a contribuição de Lacan, sem pretender estendê-la, já que o nosso objetivo é concluir a partir deste ponto. Ele diverge da redução freudiana da mulher, ou seja, que a única evolução positiva da libido na mulher seria a sua transformação em mãe. O marido-filho é a proposta de Freud à estabilidade do casamento mesmo que como sabemos ele considere o valor erótico da mulher-mãe, como na citação acima¹⁵.

Freud não apenas diminui o ter fálico à redução exclusiva com o filho, como também, apaga o falicismo do ser, que entra em jogo no amor, em prol unicamente do falicismo do ter.

O que é importante retomarmos para finalizar, é o desejo que se ascende em Ana apontando para uma saída, assim que conseguiu se desfazer da relação de gozo com o Outro, abrindo a possibilidade para seu filho ser, sem ser autista e sem ser morto.

O processo de separação é isso, não devemos imaginá-lo como um processo de perda; não é um processo de perda, mas um processo de instituição subjetiva, no qual o sujeito diz não. A separação via pulsão permite separar-se da alienação significante.

O que se opera aqui é uma passagem da paixão ao amor, no vazio do estranhamento em si, olha para o lado, diante da falta e procura o outro, quer ser desejada. O que parece direcionar a saída pela via da mulher como indica Lacan, e esta mudança parece, aos nossos olhos, fundamental para a saída da mãe para o amor.

¹⁵ Cf. SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 131.

Sublinhamos no capítulo ‘Filhos de uma paixão’, que o que quer uma mãe é uma criança, citando Nominé (1997), para tratarmos dessa fundamental diferenciação da mãe e da mulher. Nesse ponto é interessante retomarmos este pensamento quando ele diz que a mãe se situa num lugar muito parecido com o lugar do homem, a mãe se situa no lugar do sujeito desejante, ou seja, lugar do sujeito masculino que busca do lado do outro o objeto de seu gozo¹⁶.

Isso aproximaria a mãe do sujeito orientado por sua própria perversão, mas isso não é possível já que Lacan dizia que as mulheres não tem perversão, mas filhos. Além do mais, ao contrário do perverso masculino, a mãe não é inteiramente fálica, não é toda fálica. Uma parte dela fica do lado enigmático da mulher. Esta, conforme citamos, funciona como um limite, “*do lado feminino a exceção jaz em cada um*”¹⁷.

Portanto, se a mulher é um limite na mãe, a criança não poderia entregar-lhe tudo o que lhe falta. Se o falo não pode satisfazê-la inteiramente podemos dizer que a criança não pode saturá-la em seu desejo.

Ou seja, a parte não fálica da mulher funciona como um limite, em cada mulher há uma parte não toda, não toda fálica, só assim pode amar.

Mudança importante a partir da leitura freudiana onde podemos pensar que a criança não vem realizar a mãe senão lembrar-lhe que o seu desejo é irrealizável, ensina assim o filho ir em busca do seu amor.

O filho não é mais o único substituto fálico para a mulher, mas a consequência do amor de um homem.

Onde podemos concluir dizendo que o desejo da mulher na mãe é o desejo “necessário” para a transformação da paixão materna – desejo outro

¹⁶ Cf. NOMINÉ, Bernard. *O sintoma e a Família*, conferências Belorizontinas. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 1997. p. 19.

fora das gratificações da maternidade que introduz a criança, via angústia de castração, e só assim pode se libertar da posição passiva de objeto da mãe e assumir seu próprio sexo.

“Quando Ana olha para o lado, quer ser desejada, se irrita ao ver que o pai nada faz para tirar o filho de sua cama, ao contrário, quando o tira de lá acaba adormecendo ao seu lado. É o pai que faz esta tarefa de tirar a criança da cama da mãe, isso se primeiro a mãe se incomoda com a criança lá. No início é muito difícil, Ana fica muito brava até que uma noite, estavam dormindo e como sempre Eric aparecia no quarto dos pais, desta vez, ouvem os passos do filho e Ana segura a mão do marido e diz baixinho, agüenta aí que ele vai acabar desistindo, e segura forte a sua mão. Eric deita-se e dorme no chão, eles ficam ali, até uma terceira noite quando notam simplesmente, que ele não veio mais”.

Então nesse ponto é preciso dizer que surgiu um casal naquela cama, o pai tem uma entrada como homem da mãe.

O simbólico é furado. O objeto real, perdido, e, portanto, impossível de encontrar, constitui a própria causa do desejo. É o homem que deve se encarregar desse buraco, o pai converte este buraco no simbólico ao situar ali a mãe como mulher, causa de seu desejo.

Para quem tanto falou da mãe, a definição de pai é fundamental: O pai só é a consequência da orientação do desejo de um homem por uma mulher¹⁸.

A versão do pai assegura a divisão materna, quer dizer, se encarrega da castração da mãe.

¹⁷ Ibid, p. 19.

¹⁸ Ibid, p. 17.

No final das contas, no trio do Édipo, é a mãe dividida em duas, a que vincula três protagonistas. A saída da mãe para o amor é, portanto, uma grande barra entre ela e a mulher.

A mãe paixão, por outro lado, ficou sendo o único objeto da criança, também única, impenetrável à lei simbólica.

Quanto ao **resto**, ...logicamente ainda resta um **resto**...

Afinal que ação é esta da mulher que aparece ali e segura o braço do marido sustentando-o na cena como seu homem?

O que é isso senão o exemplo de uma questão maior, que extrapola o âmbito desta pesquisa que é: O que é ser mulher?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSERMET, François. *A Clínica da Origem: a criança entre a medicina e a psicanálise*. Trad. Daisy de Ávila Seidl. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *O Olhar e a voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz: fundamentos da clínica à teoria*. Trad. Celso Pereira de Almeida. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Claudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.
- BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- _____. O “fundamental” da Psicopatologia Fundamental, texto apresentado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental, 2004.
- _____. “Editorial”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. V, n. 2, p. 7-11, jun. 2002.
- BERGÈS & BALBO. *A criança e a Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

- BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. *As psicoses não decididas da infância: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BONASSI, Fernando. Porque matamos nossos filhos. Caderno Ilustrada, Folha de São Paulo, fev 2006.
- CANELAS NETO, José Martins. Erotismo, morte e fusão em Bataille. *Revista Ide, publicação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de S. P.*, São Paulo, n. 41, p. 35-40, 2005.
- CAMPOS, Denise Teles Freire. Fetichismo e subjetividade feminina. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. VII, n.3, p. 12-25, set. 2004.
- CHATELARD, Daniela Scheinkman. *Conceito de objeto na psicanálise: do fenômeno à escrita*. Trad. Procópio Abreu. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.
- DIAS, Sandra. *Paixão do Ser: uma captura monstruosa*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- DIEREN, Eliane Pirard-Van. O autismo seria uma resposta a um tipo particular de melancolia parental? In: PENOT, Laznik M.C (org.). *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas*. Salvador, Ágalma, 1991, p.83.
- DURAS, Margherite. *O deslumbramento*. Trad. Ana Maria Falcão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FÉDIDA, Pierre. *Nome, figura e memória. A linguagem na situação psicanalítica*. Trad. Martha Gambini e Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1991.

- _____. Metapsicologia e Psicopatologia Psicanalítica, *Questão*, Porto Alegre, n. 1, p. 6-13, 1994.
- _____. *Clínica Psicanalítica: Estudos*. Trad. Claudia Berliner, Martha Prada e Silva, Regina Steffer. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- FREUD, Sigmund (1950[1895]). Projeto de uma Psicologia. Trad. Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII.
- _____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um relato de paranóia. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XII.
- _____. (1913). O Tema dos três Escrínios. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XII.
- _____. (1914). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV
- _____. (1915). Os Instintos e suas Vicissitudes. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.
- _____. (1915 [1914]). Observações sobre o amor transferencial. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XII.
- _____. (1916-1917[1915-1917]). Os Caminhos da Formação dos Sintomas. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XVI.
- _____. (1916-1917[1915-1917]). A teoria da Libido e o Narcisismo. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XVI.
- _____. (1917 [1915]). Luto e Melancolia. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV

- _____. (1916 [1915]). Sobre a Transitoriedade. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.
- _____. (1919). O 'Estranho'. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII.
- _____. (1919). 'Uma Criança é espancada'. Uma Contribuição ao Estudo da Origem das Perversões Sexuais. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII.
- _____. (1926 [1925]). Inibições, Sintomas e Ansiedade. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XX.
- _____. (1920). Além do Princípio de Prazer. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII.
- _____. (1920). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII.
- _____. (1933 [1932]). Feminilidade. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXII.
- GORI, Roland. *Lógica das paixões*. Trad. Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.
- GREEN, André. Passions and their vicissitudes. In *On Private Madness*. London: ed. Rebus Press, 1996.
- _____. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta, 1988.
- GROSMAN, Adriana. Sobre o desalento dos pais. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano XVI, n. 176, dez. 2003, p. 51-57.
- GUEDENEY, A. E. LEBOVICI. *Intervenções psicoterápicas pais/bebê*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

- HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*, R.J: Imago, 1996.
- JERUSALINSKY, Alfredo. *Psicanálise e Desenvolvimento infantil*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- _____. *Educa-se uma criança?* Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1994.
- _____. Seminários I. Universidade de São Paulo. São Paulo, junho de 2001.
- KEHL, Maria Rita. A Psicanálise e o Domínio das Paixões. In Novaes, Adauto, *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: FUNARTE/Companhia das Letras, 1987.
- KLATAU, Perla. *Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan*. São Paulo: Escuta, 2002.
- LACAN, Jacques. (1938). *Os Complexos Familiares*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1984.
- _____. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1951). Intervenção sobre a transferência. In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1956). Teoria da falta de Objeto. In *O seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

- _____. (1957). As vias Perversas do Desejo. In *O seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- _____. (1957). O objeto Fetiche. In *O seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- _____. (1957). Sobre o Complexo de Édipo. In *O seminário, livro 4: A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- _____. (1957-1958a). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1958). A significação do falo. In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1964). O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Trad. de M.D.Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LAGE, Ana Maria Vieira. *Autismo Infantil; revisão Bibliográfica*. Fortaleza, 1984.
- LAPLANCHE, Jean; Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. *Rumo à palavra: Três Crianças Autistas em Psicanálise*. Trad. Mônica Seincman. São Paulo: Escuta, 1997.

- _____. O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas. Salvador, Ágalma, 1991.
- _____. “Poderíamos pensar numa prevenção da síndrome autística?” In: Wanderley, D. (org.) *Palavras em torno do berço*. Salvador, Ágalma, 1997.
- LEBRUN, Gerard. O conceito de paixão. In *A filosofia e sua história*. Org. Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Maria Lúcia M.O. Cacciola, Marta Kawano. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 379-396.
- _____. “O conceito de paixão”. In: Novaes, Adauto, *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: FUNARTE/ Companhia das Letras, 1987, pp. 17-33.
- LECLAIRE, Serge. *Mata-se uma criança, um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.
- MANNONI, Octave. *Isso não impede de existir*. Trad. Regina Steffen. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- NASIO, J.D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993.
- NOVAES, Adauto, *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: FUNARTE/ Companhia das Letras, 1987.
- NOMINÉ, Bernard. *O sintoma e a Família*, conferências Belorizontinas. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 1997.
- QUEIROZ, Edilene Freire. O olhar do outro primordial. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. IX, n.4, p. 598-610, dez. 2006.

- ROCHA, Paulina Schmidtbauer. *Autismos*. São Paulo: Escuta, 1997.
- ROUDINESCO, Elisabeth. Dicionário de psicanálise. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- PEREIRA, C. Mario Eduardo. *Pierre Fédida e o Campo da Psicopatologia Fundamental*. Texto apresentado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental, 2004.
- PESSANHA M., José Américo. Platão: As várias Faces do amor. In: Novaes, Adauto, *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: FUNARTE/ Companhia das Letras, 1987.
- PRATES, Ana Laura. O trauma é o infantil – cena primária: verdade e ficção no caso do “homem dos lobos”. In: *Stylus: Revista de psicanálise*. Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano, 2004, n.9, p. 105-113.
- SAPORITI, Elisabeth. *A interpretação*. São Paulo: Escuta, 1995.
- SILVA, Antônio Ricardo Rodrigues. *Afeto e representação nas psicoses infantis precoces*. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SILVA, Maria Helena C. de Araújo de Barros. *A paixão Silenciosa: Uma leitura psicanalítica sobre as paixões amorosas*. São Paulo: Escuta, 2002.
- SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- _____. Los Poderes y las violencias. Vel revista de psicoanálisis. Barcelona, 2003, p. 9-18.

- SZEJER, Myriam. *Palavras para nascer: a escuta psicanalítica na maternidade*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- VASSE, Denis. *O umbigo e a voz: psicanálise de duas crianças*. São Paulo: Ed. Loyola, 1977.
- VIEIRA, Marcus André. *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- VORCARO, Angela M.R. *Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Trad. Jane Russo. Rio de Janeiro: F. Alves, 1993.
- _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- ZWEIG, Stefan. *Carta de uma desconocida*. Trad. Berta Conill. Barcelona: El Acantilado, 2002.